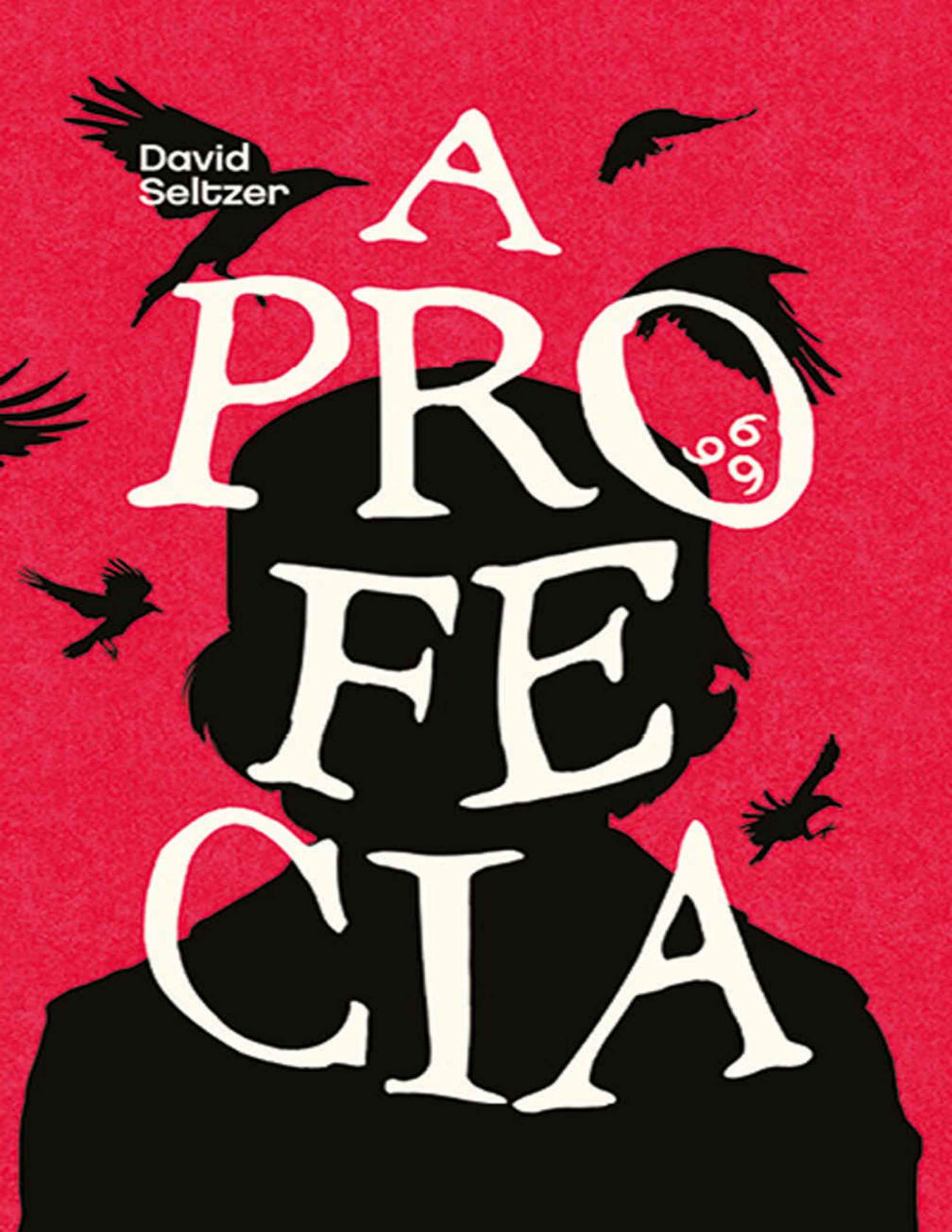

David
Seltzer
A
PRO
FE
CIA



A PROFECIA
David Seltzer

© 2020 Pipoca & Nanquim, para a edição brasileira
© 1976 David Seltzer. All rights reserved.
É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a autorização previa dos editores.

Tradução
ALEXANDRE CALLARI

Capa e projeto gráfico
GIOVANNA CIANELLI

Revisão
LUCIANE YASAWA E AUDACI JUNIOR

Preparação de texto
DANIEL LOPES

Assistente editorial
RODRIGO GUERRINO

Editor
ALEXANDRE CALLARI

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte (CIP)
André de Queiroz – CRB 4/2242

S468p Seltzer, David

A profecia / David Seltzer; tradução de Alexandre Callari. – São Paulo: Pipoca & Nanquim, 2020.

Título original: The Omen
ISBN: 978-85-93695-65-0
1. Romance fantástico – Horror I. Callari, Alexandre. III. Título
CDU 82-312.9

PIPOCA & NANQUIM

editora@pipocaenanquim.com.br
pipocaenanquim.com.br
youtube.com/pipocaenanquim
facebook.com/pipocaenanquim

David
Seltzer

A PROFECIA 666

TRADUÇÃO:
Alexandre Callari

PIPOCA & NANQUIM

SUMÁRIO

PÁGINA DE DIREITOS AUTORAIS
FOLHA DE ROSTO
SUMÁRIO

PRÓLOGO
CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE

POSFÁCIO PARA A EDIÇÃO BRASILEIRA

Que aquele que tenha entendimento
Calcule o número da Besta;
Porque é o número de um homem.
Seu número é seiscentos e sessenta e seis.

— APOCALIPSE, XIII, 18

PRÓLOGO

Aconteceu em um milissegundo. Um movimento nas galáxias que deveria ter levado eras ocorreu num piscar de olhos.

No observatório Cape Hattie, um jovem astrônomo sentou-se pasmo, demorando um segundo a mais para ativar a câmera que deveria ter gravado tudo; o estilhaçar de três constelações que produziram a estrela escura e incandescente. De Capricórnio, Câncer e Leão, subitamente estilhaços voaram, encontrando uns aos outros com certeza magnética, fundindo-se numa brasa galáctica pulsante. Ela ficava mais brilhante agora, e as constelações estremeceram; ou seriam as mãos trêmulas do astrônomo no telescópio, enquanto lutava para reprimir o choro e a confusão?

Ele temeu estar só com aquilo, mas, de fato, não estava. Pois, das próprias entranhas da terra, veio um som distante. Era o som de vozes; humanas, contudo, não, crescendo em devotada cacofonia junto à potência da estrela. Em cavernas, porões e campos abertos, elas tinham se reunido; parteiras para o nascimento, umas vinte mil. Com as mãos unidas e cabeças abaixadas, suas vozes se elevaram até que a vibração pôde ser escutada e sentida em todos os lugares. Era o som do OM; ascendendo aos céus e descendo até o centro pré-bíblico da Terra.

Era o sexto mês, o sexto dia, a sexta hora. O momento preciso previsto pelo Antigo Testamento, quando a História mudaria. As guerras, o tumulto dos séculos recentes, haviam sido apenas ensaios; um teste da atmosfera para determinar quando a humanidade estaria pronta para ser arrebatada. Sob o domínio de César, ela ovacionara ao ver cristãos serem entregues para alimentar os leões, e, sob o domínio de Hitler, viu os judeus serem reduzidos a restos carbonizados. Agora, a democracia minguava, drogas que prejudicam a mente haviam se tornado um modo de vida e, nos poucos

países em que a liberdade de adoração ainda era permitida, proclamava-se amplamente que Deus estava morto. Do Laos ao Líbano, irmão se voltava contra irmão, pais contra os filhos; ônibus escolares e mercados explodidos diariamente à luz sombria da lascívia que vinha sendo preparada.

Estudiosos da Bíblia também haviam visto o aparecimento dos símbolos bíblicos que anunciariam o evento agora em curso. Na forma do Mercado Comum, o Sagrado Império Romano se erguera e, com a criação do Estado de Israel, os judeus haviam retornado para a Terra Prometida. Esses eventos, associados à fome mundial e à desintegração da estrutura econômica internacional, demonstravam ser mais do que mera coincidência. Era claramente uma *conspiração* de eventos. O Livro do Apocalipse havia previsto tudo.

Enquanto no céu a estrela negra brilhava mais forte, o cântico foi se intensificando, e o centro basáltico do planeta reverberou com seu poder. Dentro das ruínas escavadas da antiga cidade de Megido, o velho Bugenhagen tudo sentiu e chorou com a certeza de que seus pergaminhos e tábuas eram inúteis agora. E, acima dele, no deserto que ficava nas imediações de Israel, o grupo noturno de estudantes de arqueologia parou de trabalhar, as peneiras sujas ficando em silêncio quando o chão sob seus pés começou a tremer.

Em sua poltrona de Primeira Classe a bordo do 747 que ia de Washington para Roma, Robert Thorn também sentiu a turbulência e apertou o cinto, preocupado com o que o aguardaria lá embaixo. Mas, mesmo que soubesse o motivo da repentina turbulência, já era tarde demais, pois, naquele momento, no porão do Ospedale di Santo Spirito, em Roma, uma pedra esmagava a cabeça da criança que deveria ser seu filho.

CAPÍTULO UM

A qualquer momento, há mais de cem mil pessoas voando em aviões. Era o tipo de estatística que intrigava Thorn e, enquanto lia a revista de bordo, ele imediatamente dividiu a população humana entre aqueles que estavam em terra e os que estavam no ar. Em geral, ele se prestaria a uma elucubração mais séria, mas, naquele voo em particular, estava se agarrando a qualquer coisa que mantivesse sua mente distante da incerteza para a qual se dirigia. Aquela estatística queria dizer que, se repentinamente a população terrena fosse aniquilada, ainda haveria outros cem mil bebendo martínis e assistindo a filmes, sem saber que tudo havia se perdido.

Conforme seu avião atravessava os tumultuosos céus acima de Roma, ele se perguntou quantos desses, naquele momento, eram homens, quantos eram mulheres e, caso todos encontrassem um refúgio seguro em terra, como poderiam reconstruir a sociedade. Era provável que a maioria fosse homens de classe média alta, o que quer dizer que possuiriam habilidades relativamente inúteis se retornassem para um mundo onde todos os operários tivessem desaparecido. Gerentes sem ninguém para gerenciar, contadores sem ninguém para fazer o balanço do mês. Poderia ser uma boa ideia se alguns passageiros que trabalhassem em construção ou manutenção fossem mantidos voando o tempo todo; assim haveria ampla força de trabalho para recomeçar. Não era tal qual dissera Mao Tsé-Tung? O país com melhores profissionais de manutenção é o que melhor sobreviveria a um holocausto na Terra.

A hidráulica do avião chiou sob seus pés, e Thorn apagou o cigarro e olhou para as luzes lá fora abaixo, vagamente discerníveis. Com todas as viagens em meses recentes, aquela se tornara uma visão familiar, mas trazia ansiedade aquela noite. Já haviam se passado doze horas desde o telegrama

que recebera em Washington e, àquela altura, fosse lá o que tivesse acontecido, já havia se encerrado. Enfim, ele encontraria Kathy satisfeita, ninando seu bebê recém-nascido num leito hospitalar, ou então em um estado de puro desespero por tê-lo perdido outra vez. Mas, diferente das outras duas gestações, que terminaram após poucos meses, esta tinha ido direto até o oitavo. Se desta vez algo desse errado, ele sabia que Kathy estaria perdida.

Os dois se conheciam desde a infância, ele e Kathy, e já aos dezessete anos, a instabilidade dela era evidente. Os olhos assombrados, implorando por alguém que a protegesse; o papel de protetor se adequando às necessidades dele também. Fora aquilo que constituíra o núcleo de seu relacionamento, mas, em anos recentes, suas responsabilidades tinham começado a ir bem além dela, que foi ficando para trás, solitária e isolada, incapaz de lidar com os deveres da esposa de um político.

O primeiro sinal de angústia passara quase desapercebido, com Thorn expressando raiva em vez de preocupação, ao voltar para casa e descobrir que ela havia apanhado uma tesoura e literalmente massacrado seus cabelos. Uma peruca Sassoon serviu como disfarce até que eles crescessem, mas, um ano depois, ele a encontrou no banheiro fazendo pequenos cortes nas extremidades dos dedos com uma lâmina de barbear, consternada por não saber o motivo de suas ações. Foi quando procuraram ajuda; um psicólogo que apenas sentava-se em ameno silêncio. Depois de um mês, ela parou de ir às consultas, decidindo que tudo o que precisava era de uma criança.

Ficou imediatamente grávida, e os três meses da primeira gestação foram os melhores que o casal já conhecera. Kathy estava linda e assim também se sentia. Ela chegou até a viajar para o Extremo Oriente ao lado do marido. A gravidez terminou no banheiro de um avião, a água azul levando embora sua esperança enquanto ela chorava.

A segunda gravidez levou dois anos para acontecer e praticamente destruiu a vida sexual que outrora fora um pilar no relacionamento do casal. Um especialista em fertilidade pontuou o melhor momento no ciclo

menstrual da mulher, numa hora do dia que era difícil para Thorn estar ao lado dela. Ele sentiu-se tolo e usado quando, mês após mês, saía do escritório para realizar a tarefa de forma mecânica e superficial. Até foi sugerido que ele se masturbasse, para que seu sêmen fosse injetado de forma artificial, só que aí já era demais. Se uma criança era tão importante para ela, poderiam adotar. Mas Kathy não quis saber disso. A criança precisava ser deles.

No fim, alguma célula solitária encontrou outra e, por mais cinco meses e meio, a esperança tornou a florescer. Desta vez, a dor se iniciara em um supermercado. Kathy continuou a fazer suas compras diligentemente, negando até que não fosse mais possível fazê-lo. Disseram que havia sido uma bênção, porque o feto era malformado, mas aquilo apenas aumentou o desespero de Kathy, que caiu numa depressão da qual levou seis meses para sair. Agora, vivia a terceira gestação, e Thorn sabia que seria a última. Se alguma coisa desse errado, decretaria o fim da sanidade dela.

O avião tocou a pista celebrado por uma esmagadora salva de palmas, uma admissão clara de que os passageiros estavam encantados, talvez até surpresos, por terem conseguido chegar com vida. Thorn se questionou por que voamos. A vida é tão dispensável assim? Permaneceu em seu assento, enquanto outros corriam para pegar as bagagens e se esmagar em direção à porta. Ele teria acesso a uma saída VIP, passando rapidamente pela alfândega, até um carro que o aguardava. Era a parte mais bacana de voltar a Roma, pois lá era um tipo de celebridade. Como assessor econômico do Presidente dos Estados Unidos, dirigia a Conferência de Economia Mundial, que havia sido transferida de Zurique para Roma. A agenda inicial de quatro semanas fora estendida para algo próximo de seis meses e, naquele período, os *paparazzi* começaram a percebê-lo; o rumor de que ele próprio se candidataria à presidência em alguns anos se espalhando.

Na verdade, aos 42 anos, ele estava em seu auge, tendo cuidadosamente pavimentado o caminho para o que agora parecia inevitável. Sua nomeação como diretor da Conferência de Economia o pusera em evidência, servindo de trampolim para a embaixada, uma posição no Gabinete e, então, provavelmente, um cargo público eleito. Ajudava o fato de que o homem

que no momento ocupava a Presidência dos Estados Unidos havia sido seu colega de quarto, mas, na verdade, Thorn galgara sozinho seu caminho.

A empresa têxtil de sua família que florescera durante a guerra o provera com a melhor educação que o dinheiro podia comprar e, potencialmente, uma vida de facilidades. Porém, após a morte do pai, ele a havia fechado, desafiando seus conselheiros sob o voto de nunca mais produzir implementos de destruição. Toda guerra é fratricida. Foi Adlai Stevenson quem disse isso, Thorn o estava citando, e, em prol da paz, a fortuna dele se multiplicou. Empreendimentos imobiliários evoluíram para construção, e Thorn usou seu entusiasmo para melhorar áreas desprivilegiadas e conceder pequenos empréstimos a pessoas cheias de capacidade, porém, necessitadas. Foi o que o tornara singular: um dom para acumular dinheiro e senso de responsabilidade por aqueles que não o tinham. Não era possível verificar o fato de que sua riqueza pessoal se aproximava de cem milhões de dólares, e, na verdade, o próprio Thorn não sabia disso. Contabilizar significaria ter que parar, e Robert Thorn estava em constante movimento.

Quando o táxi parou diante do prédio escuro do Ospedale di Santo, o padre Spilletto olhou da janela de seu escritório no segundo andar e soube imediatamente que o homem que descia era Robert Thorn. Reconheceu o maxilar largo e as têmporas grisalhas das fotos nos jornais, e até mesmo as vestes e o caminhar pareciam familiares. Era satisfatório que cada polegada de Thorn se parecesse com o que ele esperava. Decerto havia sido a escolha correta. Ajeitando a batina, o padre se levantou; o corpanzil enorme apequenando a escrivaninha de madeira à sua frente. Sem expressividade no rosto, andou em silêncio até a porta. Os passos de Thorn já podiam ser escutados lá embaixo, entrando, ecoando conforme ele se movia vigorosamente pelo chão de ladrilhos.

— Sr. Thorn?

Abaixo dele, Thorn virou-se, seus olhos vasculhando as sombras no alto.

— Sim?

— Sou o padre Spilletto. Eu te mandei...

— Sim. Recebi seu telegrama. Vim assim que pude.

O padre andou até uma área iluminada e começou a descer as escadas. Havia alguma coisa em seus movimentos, no silêncio ao seu redor, sugerindo que algo não estava bem.

— A... criança nasceu? — perguntou Thorn.

— Sim.

— Minha mulher...?

— Ela está descansando.

O padre estava na base das escadas agora, e seus olhos encontraram os de Thorn, tentando prepará-lo para amenizar o golpe.

— Algo deu errado — afirmou Thorn.

— A criança está morta.

Um pavoroso silêncio se sucedeu, os corredores vazios de ladrilhos parecendo ecoá-lo, enquanto Thorn permaneceu paralisado, como se tivesse recebido um soco.

— Ela respirou por um instante — murmurou o padre. — Então... não respirou mais.

Estático, o padre viu o homem caminhar rigidamente até um banco, sentar-se por um longo período e, então, abaixar a cabeça e chorar. O lamento ecoou pelos corredores, e o padre esperou um momento conveniente para falar.

— Sua mulher está bem — disse ele. — Mas não poderá mais ter filhos.

— Isso vai acabar com ela — murmurou Thorn.

— Vocês podem adotar.

— Ela queria ter seu próprio filho...

No silêncio que se seguiu, o padre se adiantou. Suas feições eram ásperas, mas serenas, e os olhos preenchidos pela compaixão. Só algumas gotas de suor denunciavam a tensão oculta dentro dele.

— Você a ama muito — afirmou.

Thorn assentiu, incapaz de encontrar sua voz.

— Então, deve aceitar a vontade de Deus.

Das sombras de um corredor escuro, uma freira envelhecida surgiu, seus olhos implorando para que o padre fosse ter com ela. Eles se aproximaram e sussurraram em italiano por alguns momentos, antes que ela partisse e ele retornasse a Thorn. Havia algo em seu olhar que fez o homem ficar tenso.

— Deus atua de maneiras misteriosas, senhor Thorn. — E ele estendeu a mão. Thorn levantou-se, compelido a segui-lo.

A ala da maternidade ficava três andares acima, e eles pegaram uma escadaria nos fundos, um caminho pouco usado e iluminado apenas por lâmpadas nuas. A ala em si era escura e limpa, o cheiro de bebês renovando o senso de perda que martelava Thorn em suas entranhas. Indo até uma divisória de vidro, o padre olhou para o que havia do outro lado. Era uma criança. Recém-nascida. Uma criança de perfeição angelical. Com cabelos pretos grossos e desgrenhados, seus profundos olhos azuis miraram para o alto e encontraram por instinto o olhar de Thorn.

— É um órfão — contou o padre. — A mãe dele morreu tal qual o filho do senhor... na mesma hora. — Confuso, Thorn virou-se para ele. — Sua mulher precisa de um filho — prosseguiu o padre. — E a criança precisa de uma mãe.

Thorn meneou a cabeça devagar e falou:

— Queremos nosso próprio filho.

— Se me permite dizer... a semelhança é grande...

Thorn tornou a olhar para a criança, percebendo que era verdade. Ela tinha olhos da cor dos de Kathy; as feições lembravam as dele. O queixo era firme e aquilino, e tinha até mesmo a fenda característica dos Thorn.

— A *signora* não precisa saber — implorou o padre.

E, diante do súbito silêncio de Thorn, ele se sentiu encorajado. A mão de Thorn começara a tremer, e o padre a segurou, infundindo confiança nele.

— A criança é... saudável? — Thorn perguntou com a voz trêmula.

— Perfeita de todas as maneiras.

— E não tem parentes?

— Nenhum.

Ao redor deles, os corredores vazios sibilavam de silêncio, uma quietude tão densa que era um ataque aos ouvidos.

— Minha autoridade aqui é plena — assegurou o padre. — Não haverá registros. Ninguém ficará sabendo.

Thorn evitou os olhos dele, desesperado pela indecisão.

— Eu posso... ver meu próprio filho? — perguntou.

— Que bem haveria nisso? — rogou o padre. — Dê seu amor para os vivos.

Do outro lado do vidro, o bebê ergueu ambos os braços na direção de Thorn, como se ansiasse por ele.

— Pelo bem de sua esposa, *signore*, Deus perdoará esta farsa. E, pelo bem da criança que, de outro modo, não terá um lar... Nesta noite, senhor Thorn... Deus lhe deu um filho.

Sua voz caiu em silêncio, pois nada mais precisava ser dito.

No céu noturno acima deles, a estrela negra atingiu seu ápice, sendo repentinamente destruída por um intenso raio de luz. E, em seu leito hospitalar, Kathy Thorn achou que despertava naturalmente, sem saber sobre a injeção que recebera momentos antes. Ela sofrera por dez horas em trabalho de parto e sentira as contrações finais, mas mergulhara na inconsciência antes que pudesse ver a criança. Agora, conforme suas faculdades mentais voltavam, foi acometida pelo medo, mas lutou para permanecer calma ao escutar passos aproximando-se pelo corredor lá fora. A porta se abriu e ela viu seu marido. E nos braços dele estava o bebê.

— Nosso filho — Thorn afirmou, sua voz tremendo de emoção. — Temos um filho.

Ela estendeu os braços e o apanhou, chorando de alegria. E, enquanto assistia à cena com os olhos embaçados pelas lágrimas, Thorn agradeceu a Deus por ter-lhe mostrado o caminho.

CAPÍTULO DOIS

Ambos os Thorn vinham de famílias católicas, mas nenhum era religioso. Kathy rezava ocasionalmente e visitava as igrejas no Natal e na Páscoa, mas era mais por superstição e sentimento do que pela crença no dogma católico. Thorn em si era desafeiçoado e não levava a sério, como Kathy, o fato de seu filho, Damien, nunca ter sido batizado. Não que eles não tivessem tentado. Logo após o nascimento, o casal levara diligentemente o infante para a igreja, mas ele demonstrara um terror tão abjeto ao adentrar a catedral, que a cerimônia tivera de ser interrompida. O padre os seguira até a rua com água benta nas mãos em forma de concha, alertando que, se a criança não fosse batizada, não poderia entrar no Reino dos Céus, mas Thorn recusara-se a prosseguir ao ver claramente que seu filho estava num estado de trauma. Para satisfazer Kathy, eles improvisaram uma cerimônia em casa, mas ela não ficara convencida, pretendendo um dia retornar com ele para que o batismo fosse feito corretamente.

Tal dia nunca chegou, pois um redemoinho de distrações varreu de suas mentes o batismo por se fazer. A Conferência de Economia tinha terminado e ambos voltaram para Washington, com Thorn reassumindo seus deveres como assessor presidencial e tornando-se uma personalidade política por méritos próprios. A mansão deles em McLean, na Virgínia, virou palco de reuniões que eram noticiadas em colunas de jornais de Nova York à Califórnia, e a família Thorn ficou conhecida pelos leitores de revistas de todo o país. Eles eram fotogênicos, ricos e estavam em ascendência. Ainda mais importante, estavam frequentemente na companhia do Presidente. Era evidente que a imagem de Thorn vinha sendo preparada, e não foi surpresa para os especuladores políticos quando ele foi nomeado embaixador na

Corte de St. James, uma posição-chave na qual poderia demonstrar todo seu carisma.

Indo para Londres, os Thorn fixaram residência em uma mansão do século XVII, em Pereford, e a vida tornou-se um sonho lindo, tão perfeita que chegava a assustar, especialmente para Kathy. Em sua casa afastada da cidade, ela podia permanecer reclusa, sendo nada além de uma mãe para seu adorado filho, e aparecer somente quando fosse preciso bancar a anfitriã para as recepções diplomáticas de seu marido. Agora que tinha seu filho, ela tinha tudo, incluindo a adoração do marido, e desabrochava como uma orquídea na primavera; frágil, mas à plena força, agradando a todos com sua beleza e frescor.

A mansão de Pereford era elegante e impregnada de História inglesa. Possuía um porão onde um duque exilado se escondera até ser encontrado e executado, e era cercada por uma floresta onde o rei Henrique V costumava caçar javalis. Havia passagens e alcovas secretas, e muita alegria acima de tudo; a casa se encontrava repleta de vida social e risadas a todas as horas do dia.

Para os afazeres domésticos, havia uma equipe que trabalhava durante o dia e um casal permanente, os Horton, típicos britânicos, muito respeitáveis, que atuavam como cozinheira e chofer. Para cuidar de Damien quando Kathy estivesse ocupada com os deveres oficiais do marido, havia uma simpática garota inglesa chamada Chessa, ela própria pouco mais do que uma criança, mas, ainda assim, adorável aos olhos de todos e uma adição indispensável para a família. Era brincalhona e jovial, e gostava de Damien como se fosse seu filho. Os dois passavam com frequência muitas horas juntos, Damien seguindo-a pelo amplo gramado ou passeando em silêncio pelo lago, onde ela apanhava girinos e libélulas que levava para casa em frascos de vidro.

O garoto estava crescendo e, cada vez mais, se tornava a representação que um artista faria da criança ideal. Nos três anos desde o seu nascimento, a promessa de perfeição física havia sido cumprida, e sua saúde e força eram fenomenais. Ele tinha um tipo de serenidade, um desdém raramente

visto nos jovens, e com frequência as visitas sentiam-se nervosas por conta de seu olhar. Se inteligência pudesse ser medida pelo grau de atenção, então Damien era um gênio, pois passava horas sentado num banco de ferro sob uma macieira, observando as pessoas que entravam e saíam, absorvendo cada detalhe do que se passava ao seu redor. Ocasionalmente, Horton, o chofer, o levava consigo para cumprir suas incumbências, apreciando sua presença silenciosa e espantado pelo fascínio da criança por tudo que ocorria do lado de fora.

— Ele é que nem um homenzinho de Marte — disse Horton certa vez para a esposa. — É como se tivesse sido enviado para cá para estudar a raça humana.

— Ele é a menina dos olhos da mãe — respondeu ela. — Cuidado para que ela não o escute dizendo essas coisas.

— Não falei mal do garoto. Só disse que ele é diferente.

Outro aspecto inquietante em Damien era que ele raramente usava a voz. Alegria era expressada com um sorriso largo, que deixava as covinhas à mostra; tristeza, com estranhas lágrimas silenciosas. Certa vez, Kathy perguntou sobre aquilo ao seu médico, que tratou de tranquilizá-la. Ele contou a história de uma criança que não dissera uma palavra sequer até os oito anos de idade. Quando falou, foi só para pontuar que não gostava de purê de batatas. Quando a mãe, espantada, perguntou por que ele nunca havia falado nada até então, já que sabia falar, ele respondeu que até então ela jamais lhe servira purê de batatas.

Kathy riu da história e relaxou quanto a Damien. Ele só tinha três anos e meio, e Albert Einstein só havia começado a falar aos quatro. Exceto por ser quieto e observador, ele era, sob todos os aspectos, a criança perfeita. O filho adequado para o casamento perfeito de Robert e Kathy Thorn.

CAPÍTULO TRÊS

O homem chamado Haber Jennings tinha nascido sob o signo de Aquário; um fruto de Urano em ascensão, em conjunto com a lua crescente. Era desagradável como Schweitzer, desagradável como Lincoln; maltratado, sujo e persistente ao ponto do embaraço. Jennings era um *paparazzi*; uma das pragas do jornalismo mundial, tolerado apenas por estar disposto a fazer o que nenhum outro faria. Como um gato que espreita um rato, ele era conhecido por ficar dias entocado, à espera de uma única foto: Marcello Mastroianni sentado na privada, tirada com uma teleobjetiva do alto de um eucalipto; a Rainha removendo os calos; Jackie Onassis vomitando em seu iate. Era essa sua mercadoria. Ele sabia onde e quando tinha de estar; suas fotos eram diferentes de todas as outras. Vivia num flat de um quarto em Chelsea e nunca usava meias. Mas pesquisava suas presas com o mesmo afinco com que Salk investigara a cura para a poliomielite.

Ultimamente, andava obcecado pelo embaixador norte-americano em Londres, um alvo de primeira por conta de sua fachada perfeita. Será que o belo casal ao menos fazia sexo? Se sim, como era? Jennings dizia querer revelar o que chamava de a *humanidade* deles, mas, no fundo, só queria mesmo era provar que todos eram tão nojentos como ele próprio. Será que o embaixador comprava ocasionalmente uma revista obscena e se masturbava? Saía com outras garotas? Eram essas as perguntas que o intrigavam e, embora nunca fosse vê-las respondidas, sempre havia uma esperança. Era esse o motivo de ele observar e aguardar.

Naquele dia, iria até a propriedade dos Thorn, em Pereford; provavelmente não para fotografar, já que haveria muitos outros fotógrafos presentes, mas para estudar a disposição do local. Para descobrir onde

ficavam as janelas certas, as entradas e saídas, para determinar quais funcionários poderiam ser comprados por um punhado de libras.

Acordando cedo, ele checou suas câmeras, limpando as lentes com um lenço de papel Kleenex. A seguir, espremeu uma espinha usando o mesmo lenço. Estava com 38 anos de idade e ainda era atormentado por acne, sendo esse um dos principais fatores para que passasse a vida com uma câmera na frente do rosto. Era magro, mas seu corpo não tinha tônus muscular, e a única definição nele vinha das roupas amarrotadas apanhadas de uma pilha ao pé da cama.

Antes de sair, ele arrumou o *timer* do seu quarto escuro e vasculhou algumas pilhas de papel, em busca do convite impresso. Era para uma festa de aniversário. O quarto que o menino fazia. De todos os guetos de Londres, ônibus cheios de órfãos e crianças aleijadas já estavam a caminho.

A viagem pelo interior da Inglaterra era relaxante, e Jennings acendeu um baseado com ópio para limpar a mente. Depois de algum tempo, a estrada parecia se mover sob ele com o carro parado, e ele se desprendeu da realidade, explorando os recôncavos de sua mente. A vida de suas fantasias era estacionária, como as fotografias que tirava; o assunto era sempre ele próprio, congelado em algum gesto heroico. Como atravessar uma banquisa de gelo num trenó puxado por cães ou passar Coppertone em Sophia Loren.

A um quilômetro da propriedade, policiais direcionavam o tráfego e checavam credenciais. Jennings ficou olhando para a frente num estado de estupor, enquanto eles efetuavam uma dupla checagem em seu convite para se certificarem de sua autenticidade. Ele estava habituado àquele tratamento e sabia que, para evitá-lo, bastava parecer apresentável. Mas sua aparência fazia parte de sua munição. Observava melhor as pessoas quando elas fingiam que ele não estava presente.

Tendo, enfim, atravessado os grandes portões de ferro trabalhados, Jennings piscou com firmeza, tentando afastar as ilusões causadas pelo ópio. Toda a mansão havia sido transformada em um suntuoso parque de diversões. Os gramados fervilhavam com cores e vida, pequenos corpos correndo entre tendas de circo e carrosséis, enquanto ambulantes moviam-

se por toda parte oferecendo algodão-doce e maçãs do amor; suas vozes desaparecendo em meio ao arquejo da valsa que, saída de um órgão, marcava o subir e descer das crianças em cisnes e cavalos rosa. Havia uma cartomante em uma tenda, diante da qual uma fila se formara com muitas das mais importantes personalidades londrinas. Pôneis Shetland galopavam em liberdade, e até mesmo um filhote de elefante pintado com bolinhas vermelhas aceitava amendoins de uma horda de crianças histéricas. Os fotógrafos moviam-se de um lado para o outro, fora de si pela ganância, mas, para Jennings, não havia nada ali digno de ser fotografado. Era só a fachada. O muro de tijolos que todos assumiam ser a realidade.

— Qual o problema, parceiro? O filme acabou?

Fora Hobie, fotógrafo do News Herald, quem havia falado com ele enquanto recarregava sua câmera fervorosamente junto à barraca do cachorro-quente, quando Jennings aproximou-se de forma casual e apanhou um lanche.

— Estou esperando a canonização dele — respondeu Jennings, com desgosto.

— Como é?

— Ainda não sei se viemos para a festa do herdeiro milionário dos Thorn ou para a do próprio Jesus Cristo.

— Não seja idiota de perder esta chance, cara. É raro conseguirmos entrar num lugar como este.

— Por que me dar ao trabalho? Se precisar de algo, compro de você.

— Você quer uma exclusiva, não?

— É a única opção que existe.

— Bom, então, boa sorte. Esta é a família mais reservada que há deste lado de Mônaco.

Uma exclusiva. Era o sonho de Jennings. O ingresso para um reino distante. Uma coisa era certa: havia excitação em espreitar, mas isso não trazia nenhum *status*, nenhum respeito. Porém, se de algum modo conseguisse abrir caminho para a *intimidade* deles... lá é que tudo estava de verdade.

— Ei, babá! Babá! — gritou Hobie para alguém ao longe. — Olhe para cá!

E todas as atenções se voltaram ao imenso bolo de aniversário que era empurrado sobre rodas para fora da casa.

A babá da criança, Chessa, estava vestida de palhaça; o rosto embranquecido com maquiagem e um extravagante sorriso vermelho. Ela se refestelou pela atenção, enquanto os fotógrafos dançavam ao seu redor, abraçando, beijando e manchando a criança com sua maquiagem.

— Será que ele consegue apagar todas as velas? — gritaram. — Deixe-o tentar!

Os olhos de Jennings viajaram lentamente pela multidão até encontrarem a face da "Primeira Dama", Kathy Thorn, parada a certa distância; uma leve insinuação de desaprovação em sua boca. Por uma fração de segundo, a máscara havia caído, e Jennings buscou a câmera de forma instintiva, tirando uma foto. Junto ao bolo, uma salva de palmas eclodiu e Kathy começou a avançar lentamente.

— Leia o futuro dele! — gritou um repórter. — Leve-o até a cartomante!

A multidão moveu-se como um só corpo, conduzindo a babá e a criança pelo gramado.

— Eu o levo — disse Kathy, indo até eles conforme passavam.

— Eu posso levá-lo, Mamãe — respondeu a babá de forma jovial.

— Eu levo — afirmou Kathy, sorrindo.

E quando os olhos delas se encontraram, a babá soltou a criança. Foi um momento que passou despercebido por todos, insuflados pelo barulho e pelo ímpeto, exceto para Jennings, que observava tudo pelo visor de sua câmera. A multidão seguiu adiante, deixando a babá para trás, sozinha; a enorme mansão avultada atrás dela, a fantasia de palhaça acentuando, de algum modo, o sentimento de abandono. Jennings pressionou o botão duas vezes antes que a garota desse meia-volta e caminhasse devagar em direção à casa.

Ao chegar à tenda da cartomante, Kathy advertiu os repórteres para que ficassem do lado de fora e entrou, dando um suspiro de alívio ao ver-se subitamente em uma atmosfera quieta e escura.

— Olá, garoto.

As palavras vieram de baixo de um capuz; uma aparição sentava-se atrás de uma pequena mesa verde, a voz sendo forçada para parecer fantasmagórica, o rosto numa tonalidade esverdeada. Ao vê-la, Damien enrijeceu, abraçando a mãe.

— Calma, Damien — riu Kathy. — Essa bruxa é boa. Você não é uma bruxa boa?

— Claro que sim — respondeu a cartomante. — Não vou te machucar.

— Ela vai ler o seu futuro — afirmou Kathy.

— Vamos. — A cartomante fez um sinal. — Me deixa ver sua mão.

Mas Damien hesitava, agarrado firme à mãe. A cartomante ergueu sua máscara de borracha, revelando ser apenas uma jovem comum e sorridente.

— Veja. Sou só uma pessoa qualquer. Isso aqui não vai doer nada.

Relaxando, Damien estendeu a mão e Kathy sentou-se com ele do lado oposto da mesinha em que as cartas estavam.

— Ah, mas que mãozinha macia. Estou vendo que esta leitura vai ser muito, muito boa.

Mas, a seguir, ela fez uma pausa e observou a mão, confusa, dizendo:

— Que tal tentarmos a outra?

Damien estendeu a outra mão e a garota ficou a olhar para ambas, claramente intrigada.

— Isso faz parte do seu *show*? — perguntou Kathy.

— Nunca vi nada assim — respondeu a garota. — Faço festas infantis há três anos e nunca vi nada parecido.

— Viu o quê?

— Olhe. Não há linhas de personalidade. Ele só tem sulcos.

— Quê?

Kathy também olhou e afirmou:

— Pra mim, parece ok.

— Ele se queimou em algum incêndio? — perguntou a garota.

— Claro que não.

— Olhe para a sua própria mão. Observe todo o traçado. É diferente para cada pessoa. Essas são as marcas da nossa personalidade.

Seguiu-se um silêncio desconfortável, durante o qual a criança ficou olhando suas mãos, perguntando-se o que havia de errado.

— Agora, veja como as pontas dos dedos dele são macias — complementou a garota. — Acho que ele não tem impressões digitais.

Kathy olhou mais de perto e percebeu que era verdade.

— Bem... — divertiu-se a garota. — Se ele roubar um banco, nunca vão apanhá-lo.

Então ela riu mais alto, enquanto Kathy observava as mãozinhas em compenetrado silêncio.

— Pode ler a sorte dele, por favor? — A voz de Kathy estava inquieta.

— Claro.

— Foi pra isso que viemos.

Mas, no momento em que a jovem foi segurar a mão do menino, um grito vindo de fora os interrompeu. Era Chessa, a babá. E ela estava gritando de longe.

— Damien! Damien! — gritou ela. — Venha aqui! Tenho uma surpresa pra você!

Ao sair da tenda com Damien nos braços, Kathy estancou, olhando para cima, na direção da casa. Ali estava Chessa, em cima do telhado, segurando uma corda grossa e levantando-a alegremente para mostrar o laço em volta do seu pescoço. Lá embaixo, a multidão começou a virar-se na direção dela, sorrindo numa antecipação confusa enquanto a palhaça adiantava-se até a beirada e estendia as mãos unidas, como que prestes a mergulhar numa piscina.

— Olhe para cá, Damien — gritou ela. — Tudo isso é por você!

E, num só movimento, ela saltou do telhado; o corpo arremetido para baixo, o retesar da corda interrompendo seu mergulho e pondo-a a oscilar,

inerte. Silenciosa. Morta.

No gramado, as pessoas permaneceram pasmas, em silêncio; o corpo balançando gentilmente, embalado pela valsa vinda do carrossel. Então, um grito. Vindo de Kathy. Foram necessárias quatro pessoas para conseguir acalmá-la e levá-la para dentro de casa.

Sozinho em seu quarto, Damien olhou para o gramado lá embaixo, onde só restavam alguns ambulantes e o pessoal da manutenção. A seguir, olhou para cima, quando um policial consternado posicionou uma escada para cortar a corda e descer o corpo. Este escorregou das suas mãos e despencou de cabeça na laje do pátio. E ali ficou, amassado, os olhos voltados para o céu, a boca pintada naquele sorriso extravagante.

Os dias que antecederam o enterro de Chessa foram tingidos de tristeza. O céu acima de Pereford ficou cinzento, reverberando distantes trovoadas, e Kathy passou a maior parte do tempo sentada sozinha nas trevas da sala de estar, olhando para o vazio. O relatório do legista mostrou que havia uma alta concentração de Benadryl, uma droga antialérgica, na corrente sanguínea da moça no momento de sua morte, o que apenas aumentou a confusão e as especulações quanto ao porquê de ela ter tirado a própria vida. Thorn ficou em casa para evitar os repórteres que tentariam embelezar a história e concentrou a atenção na esposa, por temer que ela regredisse àquele estado de anos atrás.

— Você está deixando isso te derrubar, sabia? — disse ele certa noite, ao entrar na sala de estar. — Não é como se ela fosse parte da família.

— Ela era — respondeu Kathy, baixinho. — Ela disse que queria ficar conosco para sempre.

Thorn meneou a cabeça, incapaz de extrair algum sentido daquilo.

— Acho que ela mudou de ideia — afirmou. Não queria ter soado frio, mas suas palavras foram agressivas, e ele percebeu os olhos de Kathy, do outro lado do cômodo, encontrando os seus.

— Sinto muito — acrescentou. — Odeio vê-la assim.

— A culpa foi minha, Robert.

— Sua?

— Teve um momento na festa...

Thorn atravessou a sala e sentou-se ao lado dela, seu olhar denotando preocupação.

— Ela estava chamando bastante a atenção de todos — prosseguiu Kathy. — E fiquei com ciúme. Tirei Damien dela porque não aguentava dividir o centro do palco.

— Acho que você está pegando um pouco pesado consigo mesma. A garota tinha problemas.

— Eu também tenho... — sussurrou Kathy — ...se estar sob os holofotes for assim tão importante pra mim.

Ela ficou em silêncio. Não havia mais nada a ser dito. Entregou-se aos braços de Thorn, que a segurou até que dormisse. Era o tipo de sono que ele já vira quando ela estava tomando clorodiazepina, e perguntou-se se o choque da morte de Chessa a fizera retornar ao vício. Ficou sentado com ela por quase uma hora, antes de erguê-la nos braços e carregá-la até o quarto.

Na manhã seguinte, Kathy compareceu ao funeral de Chessa, levando Damien consigo. Foi uma cerimônia privada, conduzida em um pequeno cemitério nos arredores da cidade, da qual participaram somente os parentes da garota, Kathy, Damien e um padre careca, que leu as escrituras enquanto segurava um jornal dobrado sobre a cabeça, para proteger-se da persistente garoa. Temendo a publicidade que sua presença atrairia, Thorn recusara-se a participar, pedindo que Kathy fizesse o mesmo. Contudo, a necessidade dela era visível. Kathy amava a garota e precisava acompanhá-la em sua despedida.

Na porta do cemitério, um grupo de repórteres se concentrava, mantido do lado de fora por dois fuzileiros navais norte-americanos despachados de última hora por Thorn do destacamento à sua disposição na Embaixada. Haber Jennings também comparecera; envolto por uma capa de chuva preta, de botas, posicionado junto às árvores distantes, ele acompanhava a

cerimônia por meio de suas lentes teleobjetivas. Não se tratava de uma lente comum, mas de uma monstruosidade montada num tripé; uma lente com a qual poderia até fotografar duas moscas acasalando na Lua. Com precisão cuidadosa, sua visão telescópica passava de um rosto para outro: a família chorando; Kathy em estado de choque; a criança inquieta ao lado dela, com os olhos vagueando pelo terreno ermo.

Foi a criança quem chamou a atenção de Jennings, e ele aguardou pacientemente pelo momento exato para tirar sua fotografia. Este veio num instante. Uma oscilação nos olhos e uma mudança de expressão repentina, como se o garoto tivesse subitamente se assustado apenas para, tão subitamente quanto, se acalmar a seguir. Com os olhos fixos num ponto distante do outro lado do cemitério, seu pequeno corpo relaxou, de algum modo acalentado, em meio àquela garoa fina. Desviando sua teleobjetiva, Jennings vasculhou o terreno sem encontrar nada que não fossem lápides. Então, algo se moveu. Um objeto escuro e borrado, que foi aos poucos entrando em foco, conforme Jennings ajustava a lente. Era um animal. Um cachorro. Grande e preto, de focinho pontudo, distintivos olhos estreitos e mandíbula inferior saliente que deixava os dentes expostos, contrastando com o pelo escuro como a meia-noite. Despercebido pelos demais, ele sentava-se imóvel como uma estátua, sua atenção fixada adiante. Jennings se amaldiçoou por ter carregado a máquina com um filme em preto e branco, pois os olhos amarelos acrescentavam o toque perfeito à estranheza da cena. Abriu o diafragma de modo a aumentar a exposição do branco, então, voltou ao garoto, a quem fez o mesmo.

Fora uma manhã que recompensara seus esforços e, enquanto guardava seu equipamento, Jennings sentia-se satisfeito. Mesmo assim, por algum motivo, estava irrequieto. No cume de uma colina, olhou para trás a tempo de ver o caixão ser baixado dentro da cova. De longe, a criança e o cachorro estavam pequenos, mas sua comunhão silenciosa era evidente.

O dia seguinte trouxe um novo temporal e, consigo, a chegada da sra. Baylock. Irlandesa e ultrajante, ela sacudiu os portões de Pereford, anunciando-se como a nova babá. O guarda tentara detê-la, mas ela abriu

caminho na marra, com uma atitude impetuosa que era, ao mesmo tempo, intimidante e fascinante.

— Sei que este é um momento difícil para vocês — disse ela para os Thorn, enquanto tirava o casaco, no vestíbulo. — Por isso, não vou censurá-los. Mas, cá entre nós, qualquer um que contrate uma magricela para ser babá está procurando encrenca.

Os movimentos do maciço corpanzil eram tão vigorosos que criavam uma brisa. Thorn e Kathy a observavam estupefatos, silenciados pela confiança dela.

— Sabem como se identifica uma boa babá? — ela divertiu-se. — Pelo tamanho dos peitos. Essas garotinhas com seios de pombas vêm e vão em uma semana. Mas eu… as grandalhonas que nem eu… essas são as babás que ficam. Deem uma olhada no Hyde Park e verão que é verdade.

Ela fez uma pausa rápida, mas só para apanhar sua mala.

— Bom, onde está o garoto?

— Vou levá-la até ele — disse Kathy, indicando as escadas.

— Por que não nos deixa sozinhos num primeiro momento? Deixe que a gente se conheça da nossa maneira.

— Ele é tímido com gente nova.

— Comigo não vai ser, posso garantir.

— Eu realmente acho melhor...

— Besteira. Deixe-me tentar.

No instante seguinte, ela estava subindo as escadas; o enorme corpanzil desaparecendo da vista. No repentino silêncio que se seguiu à sua passagem, os Thorn trocaram uma olhadela, e Robert assentiu em aprovação.

— Gostei dela — afirmou.

— Eu também.

— Onde foi que a encontrou?

— Onde *eu* a encontrei? — inquiriu Kathy.

— Sim.

— Eu não a encontrei. Achei que você a tinha encontrado.

Após uma breve pausa, Thorn deu um grito para o alto das escadas:

— Sra. Baylock?

— Sim?

Ela já estava no patamar do segundo andar, seu rosto espiando para baixo.

— Desculpe… estamos um pouco confusos.

— E por quê?

— Não sabemos como foi que você chegou aqui.

— De táxi. Já o dispensei.

— Não, não... quis dizer quem *ligou* para você.

— A agência.

— Agência?

— Eles viram nos jornais que vocês tinham perdido sua primeira babá, então mandaram outra.

Pareceu um pouco oportunista, mas, sabendo da feroz competição em busca de empregos em Londres, Thorn julgou que fazia sentido e afirmou:

— Bem empreendedor da parte deles.

— Posso telefonar para confirmar? — perguntou Kathy.

— Vá em frente — respondeu a mulher. — Quer que eu espere lá fora, na chuva?

— Não, claro que não… — acrescentou Thorn rapidamente.

— Eu pareço ser uma agente estrangeira para vocês? — perguntou a sra. Baylock.

— Acho que não — respondeu Thorn, com uma risadinha.

— Não tenha tanta certeza disso — afirmou a mulher. — Talvez minha cinta esteja cheia de gravadores. Por que não manda algum jovem fuzileiro me revistar?

Todos riram; a sra. Baylock mais do que os outros.

— Pode continuar — falou Thorn. — Checamos isso mais tarde.

Os Thorn foram para a sala de visitas, onde Kathy telefonou para a agência e confirmou as credenciais da sra. Baylock. Ela era bem qualificada, com altas recomendações, sendo que a única confusão era a indicação em seus arquivos de que, no momento, ela estava empregada em Roma. Contudo, era provável que sua situação tivesse se modificado sem que isso tivesse sido registrado. Eles poderiam tirar a situação a limpo assim que o gerente da agência, que indubitavelmente a enviara para os Thorn, voltasse de suas férias de quatro semanas. Kathy desligou o telefone, olhou para o marido e ambos deram de ombros, a princípio, satisfeitos com o resultado. A sra. Baylock era bem esquisita, mas cheia de vida, e aquilo, mais do que tudo, era o que eles precisavam.

Lá em cima, o sorriso da sra. Baylock havia desaparecido, e ela contemplava, através de olhos enevoados, a criança dormindo na cama. Aparentemente, Damien apoiara o queixo no peitoril da janela para olhar a chuva lá fora e ali adormecera; sua mão ainda tocando o vidro. Enquanto o observava, os lábios da mulher começaram a tremer, como se ela estivesse diante de um objeto de beleza incomparável. Ele escutou a respiração ofegante da babá e abriu devagar os olhos, encontrando os dela. O garoto ficou tenso e sentou-se, recuando e comprimindo-se contra a janela.

— Não tenha medo, pequenino… — ela sussurrou num tom vacilante. — Estou aqui para protegê-lo.

Lá fora, uma trovoada ribombou subitamente. Era o início de duas semanas de chuva.

CAPÍTULO QUATRO

Quando julho chegou, a região rural da Inglaterra ficou toda florida. Uma temporada de chuvas atipicamente longa fez com que os afluentes do Tâmisa transbordassem, o que levou vida até mesmo às sementes mais adormecidas. A área de Pereford também havia respondido, tornando-se luxuriante e verde; os bosques além dos jardins ficaram densos, abrigando uma grande quantidade de vida animal. Horton temia que os coelhos nas matas logo saíssem de seus refúgios e começassem a se alimentar das tulipas, e preparou armadilhas. Os guinchos de dor dos animais eram ouvidos na calada da noite e tal prática foi encerrada, não só porque Kathy havia solicitado, mas também porque ele começou a recear adentrar os bosques para coletar os corpos apanhados por elas. Horton sentia que havia "olhos" sobre si, como se estivesse sendo observado dentre os arbustos. Ao confessar isso para sua esposa, ela riu, dizendo que provavelmente tratava-se do fantasma do rei Henrique V. Ele não viu a menor graça e recusou-se a adentrar o bosque.

Por conta disso, passou a ficar extremamente preocupado quando a nova babá, a sra. Baylock, começou a levar Damien ao bosque para contemplar sabe-se lá o que durante horas a fio. Horton também percebeu, ao ajudar sua esposa na lavanderia, que as roupas do garoto estavam ficando repletas de pelos escuros, como se ele tivesse brincado com algum animal. Apesar disso, não fez nenhuma conexão com os passeios nas matas de Pereford, considerando aquele como sendo só mais um dos perturbadores aspectos da propriedade, os quais vinham se revelando com frequência cada vez maior.

Kathy vinha passando menos e menos tempo com seu filho, tendo sido, de algum modo, substituída pela nova e exuberante babá. Era fato que a sra.

Baylock era uma governanta devota e que a criança passara a adorá-la. Contudo, era inquietante, até mesmo antinatural, que o garoto preferisse a sua companhia à da própria mãe. Todos os funcionários haviam reparado naquilo e teciam comentários a respeito, magoados ao verem o afeto de sua patroa ser preterido em prol de uma funcionária. Eles queriam que a sra. Baylock fosse embora, contudo, a cada dia que passava, ela se estabelecia mais firmemente, exercendo influência maior nos proprietários da mansão.

Kathy também percebia isso, mas via-se impotente, sem querer permitir mais uma vez que o ciúme interferisse no afeto de uma pessoa pelo seu filho. Ainda se sentia responsável por ter roubado Damien de uma companhia exultante, e não permitiria que isso tornasse a acontecer. Quando, após a segunda semana, a sra. Baylock pediu que seu quarto fosse mudado do subsolo para um cômodo diretamente de frente para o de Damien, Kathy consentiu. Talvez fosse assim que tivesse de ser numa família rica. Kathy havia sido criada em circunstâncias bem mais modestas, nas quais era trabalho da mãe, e apenas da mãe, ser a companheira e protetora de sua prole. Mas sua vida era outra agora. Ela era a senhora de uma grande mansão e quiçá já fosse hora de começar a se comportar como tal.

Sua nova liberdade recém-descoberta foi empregada de todas as maneiras corretas, algo que seu marido aprovava com entusiasmo. As manhãs eram utilizadas para obras de caridade, enquanto as tardes eram devotadas a reuniões sociais de teor político. A esposa de Thorn deixou de ser uma estranha no ninho, uma flor frágil, e passou a portar-se como uma leoa, dona de energia e confiança nunca antes vistas. Aquela era a esposa que ele vislumbrara para si e, embora a súbita mudança na personalidade dela fosse um pouco inquietante, ele não fez nada para coibi-la. Até mesmo o ato de fazer amor havia mudado, tornando-se mais excitante, mais apaixonado. Thorn não percebeu que se tratava de uma expressão do desespero, e não do desejo.

A vida dele o ocupava plenamente. Seu trabalho em Londres o deixara numa posição-chave para lidar com a crise do petróleo, sendo que o Presidente passou a confiar cada vez mais no *feedback* que ele dava dos

seus encontros informais com os xeques do petróleo da Arábia Saudita. Uma viagem fora planejada para o Irã dali a algumas semanas, e Thorn iria sozinho, uma vez que os árabes viam como sinal de fraqueza a presença da esposa em uma viagem de negócios.

— Não entendo — disse Kathy, quando ele contou a ela.

— É uma coisa cultural — respondeu Thorn. — Vou para o país deles e preciso respeitá-los.

— Eles não têm que respeitar você também?

— Claro que sim...

— Pois eu também sou uma questão cultural!

— Kathy...

— Já vi aqueles xeques. Já vi as mulheres que eles compram. Por onde quer que vão, são seguidos por prostitutas. É isso que eles querem que você faça, Frank?

— Sendo sincero, não sei.

Eles estavam no quarto e já era tarde da noite. Não era hora de começar uma discussão.

— O que quer dizer com isso? — disse ela baixinho.

— É uma viagem importante, Kathy.

— Então, se eles quiserem que você durma com uma prostituta...

— Se quiserem que eu durma com um *eunuco*, vou dormir com um eunuco! Você compreende o que está em jogo aqui?

Estavam num impasse. Kathy foi, lentamente, encontrando voz para responder:

— E onde me encaixo nisso tudo?

— Você está aqui — respondeu ele. — O que está fazendo é igualmente importante.

— Não seja condescendente comigo!

— Estou tentando fazê-la entender...

— Que você vai poder salvar o mundo fazendo o que eles mandam.

— É *uma* maneira de dizer.

Ela o fitou como jamais o fizera. De um modo firme. Odioso. Ele sentiu-se enfraquecido por aquele olhar.

— Acho que todos somos prostitutas, Robert — afirmou ela. — Você é a deles e eu sou a sua. Então, vamos dormir.

Ele ficou bastante tempo no banheiro esperando que, quando fosse se deitar, ela já estivesse dormindo. Mas ela não estava. Kathy estava desperta e esperando, e ele sentiu cheiro de perfume no ar. Ele sentou-se na cama e a encarou longamente. Ela respondeu com um sorriso e disse:

— Me desculpe. Eu entendo.

Tomou o rosto dele nas mãos e o puxou para perto, abraçando-o com firmeza. A respiração dela ficou pesada e Thorn começou a fazer amor com a esposa, mas ela não se movia sob o corpo do homem.

— Faça... — insistiu ela. — Apenas faça comigo. Não se afaste.

E eles fizeram amor de forma como jamais o tinham feito. Kathy recusou-se a se mover, mas também se recusou a soltá-lo, incitando-o a concluir o ato apenas com sua voz. Quando terminou, ela o libertou e ele a fitou, confuso e magoado.

— Agora vá salvar o mundo — sussurrou ela. — Vá e faça o que mandarem.

Thorn não dormiu naquela noite. Ficou sentado diante das janelas francesas de seu cômodo, olhando para a noite iluminada pelo luar. Podia ver o bosque além, imóvel, como se fosse uma só entidade adormecida.

Mas a mata não estava adormecida, pois Thorn sentia que, de alguma maneira, ela o encarava de volta. Eles tinham um par de binóculos na varanda para observar os pássaros e Thorn foi para fora, levando-os até a vista. De início, só o que viu foram trevas. Então, viu que elas o miravam. Duas brasas brilhando, refletindo a luz da lua. Olhos muito juntos, amarelos, fixos na casa e que o fizeram estremecer. Thorn abaixou o binóculo e recuou para dentro. Permaneceu ali, congelado por um momento, então, forçou-se a se mexer, descendo descalço silenciosamente as escadarias até sair pela porta da frente. Lá fora, o silêncio era total. Até os grilos haviam ficado quietos. Ele tornou a se mover, impelido adiante,

como se algo o atraísse até a beira do bosque, onde parou e ficou a encarar a mata densa. Não havia nada. Nem um som. As duas brasas brilhantes haviam desaparecido. Quando se virou, seus pés descalços pisaram em algo macio e úmido. Thorn teve um sobressalto. Era um coelho morto, ainda quente. O sangue manchava a relva no ponto em que a cabeça deveria estar.

Na manhã seguinte, levantou-se cedo e foi questionar Horton se ele ainda estava pondo armadilhas para os coelhos. Horton disse que não, e Thorn o levou até o local da carcaça, agora coberta de moscas. Horton as afugentou e agachou-se para examiná-la.

— O que acha? — perguntou Thorn. — Há um predador nas matas?

— Não sei, senhor. Mas eu duvido muito.

Ele levantou a carcaça enrijecida e apontou para ela, com repulsa.

— A cabeça é o que eles *deixam*, não o que *levam*. Seja lá o que matou isto, o fez por diversão.

Thorn instruiu Horton a livrar-se do corpo e a não dizer nada para ninguém na mansão. Conforme seguiam em direções opostas, Horton parou.

— Não gosto muito destas matas, senhor. E não gosto de ver a sra. Baylock levando seu filho para lá.

— Pois diga para ela não levar — respondeu Thorn. — Tem muita coisa pra se fazer nos jardins.

Naquela tarde, Horton fez como fora mandado, o que levou Thorn ao primeiro indício de que havia alguma coisa errada na sua casa. De noite, a sra. Baylock o procurou na sala de estar e expressou sua irritação por ter recebido ordens de outro empregado.

— Não é que eu não siga ordens — ralhou ela, indignada. — É só que espero recebê-las diretamente.

— Não vejo que diferença faz — afirmou Thorn, surpreso ante a expressão de raiva que cruzou o olhar da mulher.

— É a diferença que há entre uma grande casa e uma pequena casa, senhor Thorn. Fico com a sensação de que ninguém está no comando.

Ela deu meia-volta e se retirou, deixando-o só, meditando sobre o que ela queria dizer. Em se tratando de assuntos do lar, era Kathy quem mandava. E, a bem da verdade, ele passava a maior parte do dia fora. Talvez ela estivesse tentando dizer a ele que as coisas não eram o que pareciam, que em verdade, Kathy não estava no controle.

Em seu apartamento atulhado no sexto andar, em Chelsea, Haber Jennings estava acordado, olhando para a crescente galeria de fotografias dos Thorn que adornava as paredes de seu quarto escuro. Lá estavam as fotos tiradas no enterro, sombrias e taciturnas, o close no cachorro entre as lápides e o close no garoto. E as fotos da festa de aniversário, Kathy observando Chessa e a babá sozinha, em sua roupa de palhaça. Era essa fotografia que mais o interessava, porque, acima da cabeça da moça, havia uma espécie de mancha, uma imperfeição fotográfica que, de algum modo, acrescentava importância à cena. Era uma mancha de emulsão defeituosa, uma vaga névoa que pairava sobre a moça, formando um halo ao redor da cabeça e pescoço. Em geral, uma foto defeituosa era descartada, mas aquela valia a pena ser mantida. Saber o que ocorrera imediatamente após ela ter sido tirada empregava uma espécie de qualidade simbólica à mancha; a imagem desforme sugerindo a sombra de uma sina. A última fotografia era do cadáver dela suspenso por uma corda; uma pavorosa realidade para completar a sequência. No conjunto, a galeria Thorn era como um estudo fotográfico sobre o macabro, algo que encantava Jennings. Ele havia fotografado as mesmas pessoas que adornavam as páginas da revista Good *Housekeeping* e encontrara algo de extraordinário nelas, algo diferente, que ninguém jamais percebera. Usando um contato nos Estados Unidos, também começou uma pesquisa sobre os Thorn e seus interesses.

Descobriu que Kathy era filha de imigrantes russos e que seu pai havia cometido suicídio. Ele pulara do telhado de um escritório no centro de Mineápolis, de acordo com o obituário do *Minneapolis Times*. Kathy nasceu um mês depois e a mãe se casou novamente após um ano, mudando-se para New Hampshire com o novo marido, que deu seu nome à criança. Nas poucas entrevistas que Kathy concedera ao longo dos anos, nunca houvera

qualquer menção a um padrasto, o que levou Jennings a especular que ela própria desconhecia a verdade. Não era algo importante de fato, mas, de algum modo, aquilo dava a Jennings uma vantagem. Outro encanto, que o fazia sentir que conhecia a *intimidade* da família.

A única fotografia que faltava era do embaixador em si, e Jennings esperava que, no dia seguinte, isso fosse corrigido. Haveria um casamento na Igreja de Todos os Santos ao qual a família Thorn deveria comparecer. Não era a especialidade de Jennings, mas ele havia dado sorte até então. Quem sabe desse novamente.

No dia anterior ao casamento, um sábado, Thorn dispensou seus típicos afazeres na embaixada e levou Kathy para um passeio pelo campo. Estava profundamente abalado pela discussão que haviam tido e pelo estranho ato de amor que se seguira a ela, e queria ficar a sós com a esposa a fim de tentar esclarecer o que havia de errado. Parecia ser o certo a ser feito, pois ela se mostrou relaxada pela primeira vez em meses, apreciando o passeio e a simplicidade de segurar a mão dele enquanto dirigiam pelo interior inglês. Ao meio-dia, haviam chegado a Stratford-upon-Avon, onde assistiram a uma apresentação de *Rei Lear.* Kathy sentiu-se arrebatada; levada às lágrimas pela peça. O monólogo de Lear sobre a morte de seu filho, "Por que um cão, um rato ainda respira… E a ti não resta fôlego algum...", tocou fundo, fazendo-a chorar abertamente, e Thorn ficou a consolá-la mesmo muito depois da peça já ter terminado.

Eles voltaram para o carro e continuaram dirigindo. Kathy segurava firme a mão do marido; a liberação de suas emoções criara uma intimidade há muito ausente do relacionamento. Ela estava vulnerável e, quando eles pararam junto a um córrego, ela voltou a chorar. Falou sobre seus medos; o medo de perder Damien. Disse que, se algo acontecesse com ele, jamais conseguiria seguir em frente.

— Você não vai perdê-lo, Kathy — assegurou Thorn, gentilmente. — A vida não poderia ser tão cruel.

Estavam sentados na grama, sob um enorme carvalho, e a voz de Kathy era um sussurro enquanto observava o movimento da água no córrego.

— Eu tenho tanto medo... — confidenciou ela.

— Não há nada a temer.

— Mesmo assim, tenho medo de tudo.

Um besouro de junho se arrastava ao lado dela, que ficou a observá-lo abrindo caminho pela grama alta.

— Medo de quê, Kathy?

— O que não há a temer?

Ele a encarou, esperando que elaborasse a resposta.

— Tenho medo do que é bom porque sei que vai acabar... Tenho medo do que é ruim porque sou fraca demais para suportá-lo. Tenho medo do seu sucesso e do seu fracasso. E temo que eu tenha pouco a ver com ambos. Tenho medo que você se torne presidente dos Estados Unidos, Robert... e que esteja preso a uma esposa que não esteja à altura do posto.

— Você tem se saído muito bem — ele a assegurou.

— Mas odeio isso tudo.

A confissão, embora tão simples, jamais tinha sido feita. E, de algum modo, ela purificou ambos.

— Isso não te deixa chocado? — perguntou ela.

— Um pouco — respondeu ele.

— Sabe o que quero para nós acima de tudo? — perguntou ela. Ele balançou a cabeça negativamente. — Quero que a gente volte pra casa.

Thorn deitou-se na grama e olhou para o alto, para as folhas do grande carvalho.

— Mais do que tudo, Robert. Quero ir para um lugar seguro. Um lugar ao qual eu pertença.

Seguiu-se um longo silêncio. Ela deitou-se junto a ele, aninhando-se em seu braço.

— Aqui é seguro — sussurrou ela. — Nos seus braços.

Kathy fechou os olhos; os lábios se contraindo em um sorriso melancólico.

— Estamos em Nova Jersey, não? — falou ela. — E nossa fazenda fica logo ali, depois daquela colina, não? Aquela para onde vamos quando queremos sossego?

— É uma colina imensa, Kathy.

— Eu sei, eu sei. Nunca vamos superá-la.

Uma leve brisa soprou, farfalhando as folhas ao redor deles. O casal observou em silêncio, enquanto raios de sol brincavam em seus rostos.

— Quem sabe Damien consiga... — sussurrou Thorn. — Quem sabe ele seja um jovem fazendeiro.

— Não creio. Ele é seu filho, Robert, cuspido e escarrado.

Thorn não disse nada; os olhos fixos nas folhas.

— Ele é — devaneou Kathy. — É como se eu não tivesse nada a ver com ele.

Thorn se apoiou em um braço e encarou a expressão triste da esposa.

— Por que disse uma coisa dessas?

Ela deu de ombros, sem saber bem como explicar.

— Ele é muito independente. Parece não precisar de ninguém.

— Ele só parece ser assim.

— Ele não é ligado a mim como um filho costuma ser com a mãe. Você era ligado à sua mãe?

— Sim.

— Você é ligado à sua esposa?

Thorn acariciou o rosto dela e beijou sua mão, ainda olhando para sua face.

— Não quero ir embora daqui — disse ela. — Quero ficar aqui, assim.

Kathy inclinou-se para a frente até que seus lábios tocassem os dele.

— Sabe, Kathy — murmurou Thorn, após um longo silêncio. — Quando te conheci, achei que você era a mulher mais linda que já tinha visto na vida.

Ela sorriu ante a lembrança e assentiu com a cabeça.

— E ainda acho — completou ele. — Ainda acho.

— Eu te amo — afirmou ela.

— Eu também amo você — respondeu ele.

Kathy contraiu os lábios. Um vestígio de umidade surgiu no canto de seus olhos fechados.

— Quase desejo que você nunca mais fale comigo, Robert... — disse ela — ...porque essas palavras são as que quero lembrar.

Quando ela voltou a abrir os olhos, já estava escuro ao redor deles.

Naquela noite, ao voltarem para Pereford, todos já estavam dormindo. Acenderam um bom fogo na lareira, beberam vinho e se aconchegaram em um macio sofá de couro.

— Será que podemos fazer isso na Casa Branca? — perguntou Kathy.

— Isso é algo que ainda está bem distante.

— Podemos?

— Não vejo por que não.

— Podemos ser safados no quarto de Lincoln?

— Safados?

— Carnais.

— No quarto de Lincoln?

— Bem na cama dele.

— Se Lincoln chegar pra lá, acho que sim.

— Ah, ele pode até participar.

Thorn deu uma risadinha e puxou-a mais para perto.

— Mas vamos ter que fazer alguma coisa quanto aos turistas — acrescentou Kathy. — Eles passam pelo quarto de Lincoln três vezes ao dia.

— A gente tranca a porta.

— De jeito nenhum. Vamos é cobrar uma taxa extra.

Ele tornou a rir, deleitando-se com o humor dela.

— Seria um *tour* incrível! — falou ela, entusiasmada. — Veja o presidente transando com a esposa!

— Kathy!

— Kathy e Robert mandando ver. E o velho Lincoln se revirando na cova...

— O que deu em você? — sussurrou ele.

— Você! — sibilou ela.

Ele a fitou, perplexo.

— *Essa* é você?

— Essa sou eu de verdade.

— Você de verdade?

— Não sou safada?

Ela riu de si mesma e ele a acompanhou. Aquele dia e aquela noite foram exatamente como ela sempre sonhou.

O amanhecer seguinte foi radiante e, por volta das nove horas, Thorn estava vestido para o casamento, descendo alegremente pelas escadarias.

— Kathy? — ele chamou.

— Ainda não estou pronta — respondeu a voz dela do alto.

— Vamos nos atrasar.

— Isso é verdade.

— E se eles decidirem *esperar* por nos? Acho bom a gente fazer uma forcinha pra chegar na hora.

— Eu tô fazendo uma forcinha.

— O Damien está pronto?

— Espero que sim.

— Eu não quero chegar atrasado.

— Peça para a sra. Horton preparar algumas torradas.

— Eu não quero torradas.

— Mas eu quero.

— Se apresse!

Lá fora, Horton já havia estacionado a limusine. Thorn saiu, fez um sinal para que aguardasse um pouco e seguiu para a cozinha.

Kathy saiu de seu cômodo com pressa, prendendo uma faixa no vestido branco, e foi até o quarto de Damien, dizendo ao entrar:

— Vamos, Damien. Já estamos todos prontos!

Ela parou na porta do quarto, pois não havia ninguém lá dentro. Ouviu o barulho de água na banheira, entrou rapidamente no banheiro... e deu uma arfada profunda. Damien ainda estava no banho, sendo lavado pela sra. Baylock enquanto brincava.

— Sra. Baylock... — murmurou Kathy. — Eu pedi que o vestisse e aprontasse...

— Se não se importa, madame, creio que ele prefere ir ao parque.

— Eu disse que nós o levaríamos à igreja!

— Igrejas não são lugares para garotinhos em um dia ensolarado como hoje.

A mulher estava sorrindo, dando a impressão de que aquilo não fazia diferença. Kathy respondeu de imediato:

— Bem, sinto muito. É importante que ele vá à igreja.

— Ele é jovem demais para isso, madame. Só vai causar confusão lá.

Havia algo no tom e no comportamento dela, talvez calmo e inocente demais naquele desafio aberto, que enervou Kathy. Ela bradou com firmeza:

— Acho que você não entendeu. Eu quero que ele vá à igreja conosco!

A sra. Baylock ficou tensa, ofendida pelo tom de voz de Kathy. A criança também o sentiu, achegando-se mais à babá, que, da posição em que estava, agachada no chão, ficou encarando a mãe de baixo para cima.

— Ele já foi a alguma igreja? — perguntou ela.

— Não sei o que isso tem a ver com...

— Kathy? — gritou Thorn, lá de baixo.

— Só um minutinho — ela gritou de volta e encarou firme a babá, que devolveu o olhar calmamente.

— Vista-o imediatamente — mandou Kathy.

— Me desculpe por dizer o que penso, mas espera mesmo que uma criança de quatro anos entenda as besteiras de um casamento católico?

Kathy suspirou fundo.

— Eu sou católica, sra. Baylock. E meu marido também é.

— Bom... acho que alguém tem que ser... — retorquiu a mulher. E Kathy ficou pasma, sentindo-se ultrajada.

— Quero que meu filho esteja vestido e no carro em cinco minutos — disse ela. — Ou então, pode começar a procurar outro emprego.

— Talvez seja isso que eu faça.

— Se preferir.

— Vou pensar nisso.

— Espero que sim.

Após um tenso momento de silêncio, Kathy virou-se para sair.

— Sobre levar o garoto à igreja... — comentou a sra. Baylock.

— Sim?

— Você vai se arrepender.

Kathy saiu do banheiro. Cinco minutos depois, Damien apareceu no carro, vestido e pronto.

Eles passaram por Shepperton, onde uma nova autoestrada estava sendo construída, criando um congestionamento, o que intensificou o silêncio dentro da limusine.

— Algum problema? — Thorn perguntou, observando a expressão na face da esposa.

— Nada de mais.

— Você parece nervosa.

— Não era a intenção.

— O que foi que aconteceu?

— Nada.

— Vai logo... desembucha.

— É a sra. Baylock — disse Kathy, com um suspiro.

— O que tem ela?

— Nós discutimos.

— Por quê?

— Ela queria levar o Damien ao parque.

— E o que há de errado com isso?

— Em vez da igreja.

— Não vou dizer que eu discorde.

— Ela fez todo o possível pra evitar que ele viesse.

— Acho que ela deve se sentir sozinha sem ele.

— Não sei se isso é bom.

Thorn fez um muxoxo, olhando para a obra na lateral da estrada, enquanto seguiam como lesmas pelo congestionamento.

— Não dá pra gente contornar isso, Horton? — perguntou ele.

— Não, senhor — respondeu Horton. — Mas, se o senhor não se importar, gostaria de dizer o que penso sobre a sra. Baylock.

Thorn e Kathy trocaram uma olhadela, surpresos ante o pedido de Horton.

— Pode falar — confirmou Thorn.

— Não seria bom falar na presença do pequenino.

Kathy olhou para Damien, que parecia alheio à conversa, brincando com os cadarços de seus sapatos novos. Ela o assegurou:

— Acho que tudo bem.

— Penso que ela é má influência — disse Horton. — Não respeita as regras da casa.

— Que regras? — perguntou Thorn.

— Preferia não ser específico, senhor.

— Por favor, seja.

— Bem, para começar, os funcionários costumam fazer suas refeições juntos e se revezar na lavagem das louças.

Thorn olhou para Kathy. Obviamente, não era nada sério. Horton prosseguiu:

— Ela nunca come conosco. Desce quando todos já terminaram e come sozinha.

— Entendo — falou Thorn, fingindo preocupação.

— E deixa os pratos na pia para serem lavados pela empregada, de manhã.

— Acho que podemos pedir a ela para parar de fazer isso.

— Também é de se esperar que, após as luzes serem apagadas, os funcionários fiquem dentro de casa — continuou Horton. — Mas a vi em mais de uma ocasião andando pelas matas durante a madrugada. Quando ainda está escuro. E ela definitivamente caminha em silêncio, para que ninguém a escute.

O casal ponderou, intrigado.

— Realmente, parece estranho... — murmurou Thorn.

— O que vou dizer a seguir é indelicado e peço perdão por mencionar — disse Thorn. — Mas notamos que ela não usa papel higiênico. Não precisamos substituir o rolo do banheiro desde que ela chegou.

No banco de trás, o casal voltou a se entreolhar. A história estava ficando bizarra. Horton revelou:

— Somei dois mais dois e cheguei à conclusão de que ela vai fazer suas necessidades na floresta. O que não creio ser civilizado. Ao menos essa é minha opinião.

Seguiu-se um momento de silêncio. Os Thorn estavam perplexos.

— E tem mais uma coisa, senhor. Mais uma coisa que está errada.

— O que é, Horton? — perguntou Thorn.

— Ela usa o telefone para fazer chamadas internacionais para Roma.

Tendo terminado o que tinha para dizer, Horton voltou a concentrar-se no volante, encontrando um buraco no tráfego e avançando rapidamente. Enquanto a paisagem se deslocava pelas janelas do carro, Kathy e Thorn ponderavam em silêncio, até que acabaram se entreolhando.

— Ela me desafiou abertamente hoje — afirmou Kathy.

— Quer despedi-la?

— Não sei. Você quer?

Thorn deu de ombros.

— Damien parece gostar dela.

— Eu sei.

— Isso deve valer alguma coisa.

— Sim — suspirou Kathy. — Acho que vale.

— Pode despedi-la, se quiser.

Kathy fez uma pausa, olhando pela janela.

— Acho que ela pode acabar indo embora por conta própria.

Sentado entre os dois, Damien olhava para o chão do carro, os olhos imóveis, enquanto eles seguiam para a cidade.

A Igreja de Todos os Santos era uma catedral imensa. Arquitetura do século XVII fundindo-se à dos séculos XVIII, XIX e XX; sua construção parecia nunca ter fim. As enormes portas dianteiras estavam sempre abertas, o interior iluminado o tempo todo, noite e dia. Naquela tarde, a escadaria gótica que levava até a porta estava enfeitada de flores, enquanto funcionários de fraque formavam um imponente caminho. O evento havia atraído uma multidão de transeuntes, alguns trazendo cartazes com dizeres do Partido Comunista, obviamente desertores de um piquete no Picadilly que tinham preferido assistir ao casamento. Mas o ponto em comum à gente de todo tipo de condição social e inclinação política é a presença de celebridades e, ali, elas estavam se amontoando. A multidão começou a se agitar, dificultando o trabalho de contenção da segurança. Isso atrasou a cerimônia, uma vez que as limusines tiveram de fazer fila única e aguardar até estarem diante das escadarias para que seus ocupantes descessem.

A limusine dos Thorn foi uma das últimas a chegar, ocupando uma posição quase no final da fila. Naquele ponto, a segurança era rala e as pessoas se amontoaram em volta do carro, olhando descaradamente para dentro dele. Conforme avançava lentamente, a multidão foi ficando mais densa, e Damien, que havia cochilado, acordou num sobressalto, confuso por causa de todas as faces a espiá-lo. Kathy o puxou para perto de si e olhou adiante, inquieta, mas os corpos que os cercavam se multiplicavam e começaram um empurra-empurra. O rosto grotesco de um hidrocéfalo surgiu próximo à janela ao lado de Kathy e começou a bater no vidro, como se quisesse entrar.

Ela deu as costas a ele e encolheu-se, pois o homem começara a rir em meio a uma cachoeira de baba.

— Meu Deus — resfolegou ela. — Mas o que está acontecendo?

— Quase todo o quarteirão está engarrafado — explicou Horton.

— Não podemos contornar? — Kathy quis saber.

— Tem carro na frente e atrás da gente.

As batidas ao lado dela continuavam. Kathy fechou os olhos, tentando bloquear o som, mas ele só ficava mais alto. Do lado de fora, achando divertido, outras pessoas se puseram a bater nas janelas também.

— Olha só isso — Horton enervou-se. — Comunistas!

— Não dá pra gente sair daqui? — implorou Kathy.

Ao lado dela, os olhos de Damien começaram a denotar medo, tendo captado a inquietação da mãe.

— Está tudo bem… Tudo bem… — Thorn o acalmou, tendo percebido o medo da criança. — Essas pessoas não podem nos machucar. Elas só querem saber quem está aqui dentro.

Mas os olhos do menino começaram a se arregalar, e não estavam focados nas pessoas, mas em um ponto muito acima delas; nas altas espirais da igreja.

— Não há o que temer, Damien — falou Thorn. — Nós só vamos à igreja.

Mas o medo da criança cresceu; o rosto capturado pela tensão conforme eles se aproximavam inexoravelmente da maciça estrutura.

— Damien...

Thorn olhou para a esposa, direcionando os olhos dela para o menino. O rosto dele parecia feito de pedra, o corpo se comprimindo ao que a multidão foi ficando para trás e, finalmente, a catedral se avultou.

— Está tudo bem, Damien — sussurrou Kathy. — As pessoas já se foram...

Mas os olhos dele estavam fixos na igreja, arregalando-se mais e mais a cada instante.

— Qual o problema dele? — inquiriu Thorn.

— Não sei.

— O que foi, Damien?

— Ele tá morrendo de medo.

Kathy estendeu a mão e o garoto a agarrou, encarando a mãe desesperadamente.

— É só uma igreja, querido — disse Kathy.

Ao virar-se para ela, os lábios do menino estavam ressequidos. O pânico brotava nele, fazendo-o ofegar e drenando a cor de sua face.

— Meu Deus — bradou Kathy.

— Ele está passando mal?

— Ele está gelado!

Súbito, a limusine parou diante da igreja e a porta se abriu, uma mão se estendendo na direção de Damien, o que o levou imediatamente ao pânico. Agarrando-se firme ao vestido de Kathy, ele começou a choramingar de medo.

— Damien! Damien! — berrou Kathy.

Quanto mais ela tentava se desvencilhar, mais forte ele segurava, ficando cada vez mais desesperado enquanto resistia.

— Robert! — implorou Kathy. Thorn deu um grito:

— Damien!

— Ele vai rasgar o meu vestido!

Thorn o segurou e puxou com força; a criança lutando ainda mais para se agarrar à mãe, as mãos arranhando o rosto dela e puxando-lhe os cabelos no desespero de se segurar.

— Meu Deus! Me ajude! — gritou Kathy.

— Damien! — berrou Thorn, enquanto puxava futilmente o filho. — Damien! Solte!

A criança começou a gritar de pavor; uma multidão reunindo-se em volta deles, assistindo à luta dentro do carro. Querendo ajudar, Horton saiu do carro e agarrou Damien, tentando puxá-lo para fora. Mas o menino

parecia uma fera, guinchando enquanto suas unhas escavavam o rosto da mãe e tufos de cabelo eram arrancados da cabeça dela.

— Tira ele de cima de mim! — gritou ela.

Aterrorizada, ela começou a bater no menino, tentando soltar os dedos que haviam se enterrado em seu olho. Num movimento súbito, Thorn o arrancou de cima dela e prendeu num abraço de urso, contendo os braços do filho junto ao corpo.

— Vamos embora! — ele arfou para Horton. — Saia já daqui!

Enquanto o menino ainda se debatia, Horton voltou ao banco da frente, batendo as portas no percurso, e a limusine arrancou bruscamente, afastando-se do meio-fio.

— Meu Deus... — Kathy soluçou, apalpando sua cabeça. — Meu... Deus...

À medida que a limusine acelerava, aos poucos o garoto parou de resistir e sua cabeça pendeu para trás em exaustão. Horton voltou para a autoestrada e, poucos momentos depois, tudo estava em silêncio. Damien permaneceu sentado com os olhos vidrados, o rosto úmido de suor. Thorn ainda o continha nos braços, fitando temerosamente adiante. Ao seu lado, Kathy estava em estado de choque; os cabelos puxados e arrancados, um olho inchado, quase fechado. Eles voltaram para casa. Ninguém ousou dizer uma palavra.

Quando chegaram a Pereford, levaram Damien para seu quarto e sentaram-se calados, enquanto o menino olhava pela janela. Sua testa estava fria, portanto, não houve necessidade de chamar um médico. Mas ele não conseguia encará-los; apreensivo pelo que fizera.

— Eu cuido dele — disse a sra. Baylock baixinho ao entrar no cômodo.

Quando Damien virou-se e a viu, toda sua postura mudou, denotando alívio.

— Ele ficou apavorado — Kathy disse para a mulher.

— Ele não gosta de igrejas — respondeu ela. — Queria ir ao parque.

— Ele ficou... selvagem — murmurou Thorn.

— Estava nervoso — explicou a sra. Baylock. Então, adiantou-se e o pegou nos braços. Damien agarrou-se a ela como se fosse sua mãe. Os Thorn observaram em silêncio. A seguir, saíram devagar do quarto.

— Tem alguma coisa errada — disse Horton para sua esposa.

Era noite agora, e eles estavam na cozinha. Ela ficou ouvindo em silêncio, enquanto ele repassava os acontecimentos do dia.

— Tem alguma coisa errada com aquela sra. Baylock — prosseguiu ele. — E tem alguma coisa errada com aquele moleque. E tem alguma coisa errada com esta casa.

— Você está exagerando — afirmou ela.

— Se você tivesse visto o que vi, entenderia o que estou dizendo.

— Foi só birra de criança.

— Está mais pra um acesso de fúria animal.

— Ele é mimado, só isso.

— Desde quando?

Ela sacudiu a cabeça como que para dispensar a ideia, apanhou alguns legumes na geladeira e começou a cortá-los em pequenas fatias.

— Já olhou nos olhos dele? — perguntou Horton. — É como olhar nos de uma fera. Eles ficam nos observando. Nos vigiando. Eles sabem algo que nós não sabemos. Estiveram em lugares onde nós não estivemos.

— Você e seus duendes — murmurou ela, cortando a conversa.

— Espere e verá — assegurou Horton. — Tem coisa ruim acontecendo nesta casa.

— Coisa ruim acontece em todos os lugares.

— Não gosto nada disso — ele comentou de modo sombrio. — Acho que devíamos ir embora.

Naquele mesmo instante, os Thorn estavam no pátio aberto. Era tarde da noite e Damien dormia; a casa silenciosa e escura cercando-os. Música clássica tocava baixinho em uma vitrola. Eles estavam sentados sem conversar, contemplando a noite densa. O rosto de Kathy estava inchado e machucado, e ela banhava o olho metodicamente com um pano que

mergulhava em uma tigela com água morna e sal. Eles não tinham trocado uma palavra desde os eventos daquela tarde, limitando-se a partilhar a presença um do outro. O medo que se passava entre ambos era conhecido por outros pais; a percepção de que havia alguma coisa errada com seu filho. E o medo se cristalizava em silêncio. Mas não se tornaria real até que eles falassem a seu respeito.

Kathy tocou a água na tigela, percebendo que ela estava fria. Torceu o pano e empurrou a tigela para longe de si. O movimento fez com que Thorn olhasse para ela, aguardando até que a esposa percebesse que estava sendo observada.

— Tem certeza de que não quer chamar um médico? — ele perguntou, baixinho. Ela meneou a cabeça:

— São só uns arranhões.

— Eu quis dizer... para Damien — explicou ele.

Tudo que ela pôde devolver foi um dar de ombros impotente. Então, sussurrou:

— E diríamos o quê?

— Não temos que dizer coisa alguma. É só... pedir que ele o examine.

— Ele fez um *check-up* no mês passado. Não há nada de errado com ele. Damien nunca ficou doente... nem um dia de sua vida.

Thorn assentiu, ponderando.

— Nunca ficou, não é? — pontuou ele, com curiosidade.

— Não.

— Não acha estranho?

— E é?

— Eu acho que é.

O tom de voz dele era singular, o que fez com que ela o encarasse. Seus olhares se encontraram e Kathy esperou que o marido continuasse a falar.

— Digo... nem sarampo ou caxumba... ou catapora. Ele nunca teve coriza ou tosse. Nunca ficou gripado.

— E daí? — perguntou ela, na defensiva.

— Só acho que não é algo comum.

— Pois eu não acho.

— Eu acho.

— Ele tem pais saudáveis.

Thorn parou de falar e sentiu algo dentro de si dar um nó. O segredo ainda estava lá. No âmago de seu estômago. Ele jamais desaparecera naqueles anos todos, mas, de modo geral, Thorn achava justificado o que fizera. Havia culpa por ter enganado a esposa, mas esta era amenizada pela felicidade que o filho trouxera. Quando as coisas andavam bem, era fácil reprimi-lo, deixá-lo dormente. Mas agora, de algum modo, ele se tornara importante, e Thorn o sentia entalado na garganta.

— Se você ou eu... — continuou Kathy — ...tivesse um histórico de... psicose ou de doença mental, então, francamente, eu estaria preocupada com o que aconteceu hoje.

Ele a encarou, apenas para desviar os olhos a seguir.

— Mas estive pensando no assunto... — afirmou ela — ...e acho que está tudo bem. Damien é um menino bonito e sadio. E a árvore genealógica de nós dois é perfeitamente saudável.

Incapaz de fitá-la, Thorn assentiu lentamente.

— Ele só tomou um susto — acrescentou Kathy. — Foi só... um momento ruim. Acho que toda criança tem direito a um desses.

Thorn tornou a assentir e, com grande fadiga, esfregou a testa. Por dentro, ansiava contar para a esposa; pôr tudo para fora. Mas era tarde demais. O logro tinha durado tempo demais. Ela o odiaria por aquilo. Talvez até viesse a odiar a criança. Era tarde demais. Kathy jamais poderia saber.

— Também estive pensando na sra. Baylock — falou Kathy.

— E?

— Acho que deveríamos mantê-la.

— Ela me pareceu bem bacana hoje — afirmou Thorn.

— Damien teve uma crise de ansiedade. Vai ver é porque nos escutou falando sobre ela no carro.

— Pode ser — respondeu Thorn.

Fazia sentido. Poderia ter sido a causa do medo no carro. Eles pensaram que o filho não estava escutando, mas, obviamente, ele absorvera tudo. E a ideia de perder a babá o enchera de horror.

— Pode ser — repetiu Thorn. Sua voz estava preenchida por esperança.

— Gostaria de dar outras tarefas a ela — disse Kathy. — Assim, ela ficará fora de casa por um tempo durante o dia. Quem sabe podemos pedir que faça as compras à tarde, para que eu possa passar mais tempo com ele.

— Quem faz as compras agora?

— A sra. Horton.

— Ela se importará de parar de fazê-las?

— Não sei. Mas quero ficar mais tempo com Damien.

— Acho uma decisão sábia.

Eles retomaram o silêncio e Kathy se virou.

— Acho uma boa ideia — reiterou Thorn. — Acho uma decisão sábia.

Por um momento, ele sentiu que tudo ficaria bem. Então, viu que Kathy estava chorando. Aquilo partiu seu coração e ele ficou a observá-la, incapaz de oferecer conforto.

— Você estava certa, Kathy — sussurrou ele. — Damien nos escutou dizendo que íamos demiti-la. Foi só isso. Por isso ele teve aquele surto.

— Espero que sim — respondeu ela, numa voz trêmula.

— Claro que foi... — ele a assegurou. — Não foi nada além disso.

Ela concordou e, quando as lágrimas secaram, levantou-se e olhou para a casa escura:

— Bem, o melhor a se fazer com um dia ruim é concluí-lo. Eu vou me deitar.

— Vou ficar aqui mais um pouquinho. Subo num minuto.

Os passos dela foram desaparecendo, deixando-o a sós com seus pensamentos.

Ao olhar para as matas, o que viu em seu lugar foi o hospital em Roma; ele viu a si próprio lá, diante de uma janela, concordando em ficar com a

criança. Por que não quis saber mais sobre a mãe? Quem era ela? De onde era? Quem era o pai e por que não estava presente? No correr dos anos, ele fizera certas suposições que serviram para tranquilizar seus temores. A mãe biológica de Damien provavelmente era uma camponesa devota e, por isso, tivera o filho em um hospital católico. Por ser um hospital caro, sem aquele tipo de conexão, ela não estaria lá. Talvez ela própria fosse órfã, sem familiares e, se a criança fora fruto de uma união ilegítima, isso explicaria a ausência do pai. O que mais haveria para saber? O que mais importaria? A criança era linda e alerta, descrita como "perfeita de todas as maneiras".

Thorn não estava acostumado a duvidar de si mesmo, a se acusar; e sua mente lutava para reassegurá-lo de que havia agido corretamente. Na ocasião, ele estivera confuso e desesperado. Vulnerável e sugestionável. Poderia ter se enganado? Será que havia mais coisas que tinha que saber?

As respostas para essas perguntas jamais seriam conhecidas por Thorn. Só um punhado de pessoas as conheciam e, àquela altura, todas estavam espalhadas pelo globo. Havia a irmã Teresa, o padre Spilletto e o padre Tassone. Só eles sabiam. E isso pertencia somente à consciência deles.

Nas trevas daquela noite há muito distante, eles haviam trabalhado em silêncio febril, na tensão e com a honra de terem sido escolhidos. Em toda a história da Terra, aquilo só fora tentado duas vezes, e eles sabiam que esta não poderia falhar. Estava nas mãos deles, dos três, e eles tinham agido com precisão e em sigilo. Após o nascimento, fora a irmã Teresa quem preparara o impostor, depilando seus braços e testa, secando-o de modo a estar apresentável quando fosse mostrado a Thorn. Os cabelos dele eram grossos, como esperado, e ela fez uso de um secador para amaciá-los, primeiramente checando o couro cabeludo para ter certeza de que a marca estava lá. Thorn nunca veria a irmã Teresa, assim como não veria o diminuto padre Tassone, que trabalhava no porão, pondo dois corpos em caixões para serem despachados imediatamente. O primeiro pertencia ao filho de Thorn, silenciado antes que emitisse seu primeiro choro; o segundo era do animal, a mãe substituta da criança que sobrevivera. Lá fora, um caminhão esperava

para levar os corpos para Cerveteri, onde, no silêncio do Greppe di Sant'Angelo, coveiros o aguardavam junto ao santuário.

O plano nascera de uma comunhão diabólica, e Spilletto era quem estava no comando, tendo escolhido cuidadosamente seus cúmplices. Estava satisfeito com a irmã Teresa, mas, nos momentos finais, passara a se preocupar com Tassone. O pequeno padre era devoto, mas sua crença fora oriunda do medo e, no último dia, ele demonstrara certa instabilidade que fizera Spilletto refletir. Tassone era ávido, mas sua ansiedade era egoísta; desesperado para provar-se digno do trabalho. Havia perdido de vista o significado do que estavam fazendo, preocupado, em vez disso, com a importância de seu papel. O egoísmo levara à ansiedade, e Spilletto chegou perto de dispensar Tassone. Se algum deles falhasse, os três seriam responsáveis. E, o que era ainda mais importante, a chance para uma nova tentativa não viria por mais um milênio.

No final, Tassone acabou provando-se apto, concretizando seu trabalho com dedicação e eficácia, chegando até a lidar com uma crise que nenhum deles antecipara. A criança ainda não estava morta e emitira um som dentro do caixão, quando este era posto dentro do caminhão. Removendo rapidamente o caixão, Tassone voltara para o porão do hospital e certificara-se pessoalmente de que nenhum choro tornaria a ser ouvido. Isso o abalara. Profundamente. Mas ele o fizera e isso era só o que importava.

Naquela noite, no hospital, tudo parecia normal ao redor deles; médicos e enfermeiras cumprindo suas rotinas sem a menor suspeita do que ocorria em meio a eles. Tudo fora feito com discrição e exatidão, e ninguém, principalmente Thorn, jamais tivera a menor desconfiança.

Ao sentar-se sozinho no pátio, enquanto olhava para a noite escura, Thorn se deu conta de que a floresta de Pereford não parecia mais denotar um presságio terrível. Ele não tinha mais a mesma sensação de antes, de que havia algo observando-o de dentro das matas. Tudo estava calmo agora, os grilos e sapos criando a sua sinfonia. E ela o relaxava, reassegurando-o, de alguma maneira, de que a vida ao redor dele estava normal. Seus olhos voltaram-se para a casa, viajando até a janela de Damien, no alto. Ela estava

iluminada por uma luz fraca, e Thorn pensou no rosto do filho, dormindo serenamente. Era a visão correta para pôr fim àquele dia assustador. Ele levantou-se, apagou a luz do pátio e seguiu para o interior da casa escura.

Lá dentro, as trevas eram densas e a atmosfera cercada pelo silêncio. Thorn andou instintivamente para as escadas. Lá, tateou em busca de um interruptor, sem encontrá-lo, e seguiu em silêncio para o andar de cima, até chegar ao patamar. Nunca vira a casa tão escura, e percebeu que devia ter perdido a noção do tempo lá fora, envolto em seus pensamentos. Conseguia escutar à sua volta o som da respiração dos funcionários adormecidos, e seguiu silenciosamente ao longo da parede. Sua mão encontrou um interruptor. Thorn tentou acendê-lo, mas sem sucesso. Ele continuou em frente e dobrou no corredor. Podia ver o quarto de Damien adiante; um leve feixe de luz vindo por debaixo da porta. Mas, subitamente, congelou, pois pensou ter escutado um som. Era um tipo de vibração, um rumor grave que desapareceu antes que conseguisse identificá-lo, sendo substituído pela atmosfera silenciosa do corredor. Thorn preparava-se para avançar, quando o som voltou, desta vez mais alto, o que fez seu coração disparar. Então, ele olhou para baixo e viu os olhos. Ofegante, pressionou o corpo contra a parede, enquanto o rosnado se intensificou e um cão materializou-se em meio às trevas, montando guarda diante do quarto de Damien. Sem ar, o embaixador permaneceu petrificado; o som gutural ficando mais alto, os olhos a encará-lo.

— Calma... Calma... — murmurou Thorn, quase sem fôlego. O animal se encolheu, como se estivesse prestes a dar o bote.

— Quieto, garoto — disse a sra. Baylock, saindo de seu quarto. — Este é o dono da casa.

O cão obedeceu e o drama acabou de forma repentina. A sra. Baylock apertou um interruptor, iluminando imediatamente o corredor. Thorn permanecia sem respirar, olhando para o animal.

— O que... é isto? — resfolegou ele.

— Como, senhor?

— Este cachorro.

— É um pastor alemão... acho. Bonito, não? Nós o encontramos na floresta.

O cão estava deitado aos pés dela agora, subitamente relaxado.

— Quem lhe deu permissão pra isto...?

— Pensei que um cão de guarda não faria mal. E o garoto simplesmente o adora.

Thorn continuava abalado, rígido contra a parede, e a sra. Baylock não conseguiu esconder seu divertimento.

— Te deu um susto, né?

— Deu.

— Viu como ele é bom? Digo, como cão de guarda? Acredite, vai ser grato por tê-lo em casa quando você se for.

— Quando eu me for? — perguntou Thorn.

— Quis dizer quando você viajar. Não vai para o Irã?

— Como você sabe sobre o Irã? — indagou ele. Ela deu de ombros:

— Não sabia que era segredo.

— Eu não contei para ninguém.

— Foi a sra. Horton quem me disse.

Thorn assentiu, seus olhos novamente movendo-se na direção do cachorro.

— Ele não vai causar nenhum problema — assegurou a mulher. — E nós vamos alimentá-lo com os restos de comida.

— Não o quero aqui! — ralhou Thorn.

Ela o encarou com surpresa:

— Não gosta de cães?

— Quando eu quiser um cachorro, vou eu mesmo escolhê-lo.

— O garoto se apegou bastante a ele, senhor. E, pra ser bem sincera, acho que precisa dele.

— Eu decido quando ele precisa de um cachorro.

— As crianças podem contar com animais, senhor. Aconteça o que acontecer.

Ela se pôs a fitá-lo, como se tivesse mais a dizer:

— Você... quer falar mais alguma coisa?

— Não ousaria, senhor.

Mas a forma como ela o olhava deixava bem claras as suas intenções.

— Se tiver algo a dizer, sra. Baylock, eu gostaria de ouvir.

— Não devo, senhor. O senhor já tem coisas demais na cabeça...

— Já disse que quero escutar.

— É só que a criança parece solitária.

— E por que ele seria solitário?

— Sua mãe não parece aceitá-lo.

Thorn enrijeceu, ultrajado pela observação.

— Viu? — afirmou ela. — Não devia ter dito nada.

— Ela não o aceita?

— Ela não parece gostar dele. E ele sente isso.

Thorn ficou mudo, sem saber o que dizer.

— Às vezes, penso que sou tudo que ele tem — a mulher acrescentou.

— Acho que você está equivocada.

— Mas, agora, ele tem esse cachorro. Ele adora o cachorro. Por favor, não o leve embora.

Thorn olhou para o animal deitado e balançou a cabeça:

— Não gosto desse bicho. Leve-o para a carrocinha amanhã.

— Carrocinha?

— Para o Centro de Zoonose.

— Eles *matam* os animais lá!

— Só tira ele daqui! Amanhã, quero que ele tenha desaparecido!

O rosto da sra. Baylock se embruteceu e Thorn deu as costas. Eles o observaram afastando-se pelo longo corredor, a mulher e o cão, e os olhos de ambos ardiam de ódio.

CAPÍTULO CINCO

Thorn passou a noite sem dormir. Ficou sentado na varanda de seu quarto, fumando cigarros e sentindo-se enojado pelo gosto. Do quarto, escutava Kathy gemer e se perguntava contra qual demônio ela lutava em seus sonhos. Seria aquele antigo, o demônio da depressão, que voltara para assombrá-la? Ou estaria ela meramente repassando os terríveis eventos do dia?

Para manter sua mente distante da realidade, Thorn especulava. Era um recurso comum, uma fuga para dentro da imaginação, que servia para afastar as preocupações imediatas. Ele pensou nos sonhos e na possibilidade de uma pessoa ver os sonhos da outra. É sabido que a atividade cerebral é elétrica, assim como os impulsos que criam imagens nas telas dos televisores. Seguramente havia alguma maneira de transportar um para o outro. Os sonhos poderiam até ser postos em uma fita de vídeo, de modo que o sonhador pudesse assisti-los novamente em todos os seus detalhes. Ele próprio era assombrado pela vaga sensação de ter tido um sonho perturbador. Mas, pela manhã, os detalhes já haviam se perdido, restando somente um sentimento de inquietação. Imagine o quão terapêutico, até divertido, isso seria. E o quão perigoso também. Os sonhos de grandes homens poderiam ser armazenados em arquivos, para serem vistos pelas gerações futuras. Quais haviam sido os sonhos de Napoleão? E os de Hitler? Ou de Lee Harvey Oswald? Quem sabe o assassinato de Kennedy pudesse ter sido evitado se alguém tivesse visto os sonhos de Oswald. Decerto existia uma maneira. E foi assim que Thorn passou as horas, até a chegada da manhã.

Quando Kathy acordou, seu olho ferido estava tão inchado que se fechara e, antes de sair, Thorn sugeriu que ela fosse ao médico. Foram as

únicas palavras que trocaram. Kathy estava em silêncio, e Thorn, preocupado com o dia que teria pela frente. Precisava fazer os arranjos finais para sua viagem ao Irã, mas tinha a sensação de que não devia ir. Sentia medo. Por Kathy, por Damien e por si próprio, ainda que não soubesse por quê. Havia incerteza no ar; a sensação de que a vida se tornara, subitamente, frágil. Ele jamais havia se preocupado com a ideia da morte; ela sempre estivera distante. Mas *aquela* era a essência do que sentia naquele momento, de que sua vida, de algum modo, estava em perigo.

Na limusine, a caminho da embaixada, fez algumas anotações superficiais sobre apólices de seguros e detalhes de negócios, os quais deveriam ser levados a cabo no caso de seu falecimento. Ele o fez de forma impessoal, sem se dar conta de que era algo que jamais fizera ou mesmo considerara fazer. Foi só quando terminou, que o ato o assustou. Thorn ficou sentado em silêncio conforme se aproximava da embaixada, sentindo que, a qualquer momento, algo aconteceria.

Quando a limusine parou, saiu rapidamente e deteve-se, aguardando até que ela se afastasse da calçada. Então, viu dois homens se aproximarem com velocidade; um deles tirando fotos, o outro disparando perguntas. Thorn seguiu para a entrada da embaixada, mas ambos se interpuseram em seu caminho. Ele tentou contorná-los, sacudindo a cabeça como resposta às questões.

— Já leu o *Reporter* de hoje, sr. Thorn?

— Não.

— Há um artigo sobre a sua babá, aquela que pulou...

— Disse que não vi.

— Falam que ela deixou uma nota de suicídio.

— Besteira...

— Poderia olhar para cá, por favor?

Era Jennings com sua câmera, que se movia rapidamente, tirando fotografias.

— Pode me dar licença? — pediu Thorn, enquanto Jennings bloqueava a entrada.

— É verdade que ela estava envolvida com drogas? — perguntou o outro homem.

— Claro que não.

— O relatório do legista disse que havia drogas em sua corrente sanguínea...

— Era uma droga para alergias — respondeu Thorn, os dentes semicerrados. — Ela era alérgica.

— Disseram que foi uma overdose.

— Pode ficar parado um segundinho? — solicitou Jennings.

— Quer sair da minha frente? — grunhiu Thorn.

— Só estou fazendo o meu trabalho, senhor.

Thorn os contornou pela lateral, mas a dupla o perseguiu, pondo-se novamente em seu caminho.

— Ela usava drogas, sr. Thorn?

— Eu já disse...

— A notícia dizia que...

— Não me interessa o que a notícia dizia!

— Assim está ótimo! — vibrou Jennings. — Fica assim parado!

A câmera chegou perto demais e Thorn a empurrou para o lado, arrancando-a da mão de Jennings. Ela caiu na calçada e todos ficaram estáticos e em silêncio por um momento, chocados pelo súbito ato de violência que havia ocorrido.

— Vocês não conseguem ter um pingo de respeito? — bradou Thorn.

Jennings ficou de joelhos, olhando para o alto.

— Me desculpe — afirmou Thorn. — Depois me mande a conta pelos danos.

Jennings apanhou a câmera quebrada e levantou-se lentamente, dando de ombros ao encarar Thorn direto nos olhos.

— Está tudo bem, senhor embaixador — exclamou ele. — Digamos que você ficará em débito comigo.

Após assentir com nervosismo, Thorn virou-se e adentrou a embaixada. Um fuzileiro se aproximava velozmente, mas tarde demais, chegando para examinar o incidente.

— Ele quebrou minha câmera — Jennings disse para o fuzileiro. — O embaixador quebrou a minha câmera.

Eles permaneceram por um tempo ali parados, perplexos, e depois se dispersaram, seguindo caminhos diferentes.

As coisas estavam tumultuadas no gabinete de Thorn. A viagem para o Irã estava em risco, pois Thorn hesitara, afirmando, sem maiores explicações, que não poderia mais ir. O planejamento da viagem ocupara sua equipe por duas semanas, e seus dois assessores estavam revoltados, sentindo que haviam sido traídos, e seu trabalho, desperdiçado.

— Você não pode cancelar — afirmou um deles. — Depois de tudo, não pode simplesmente ligar e dizer...

— Não está cancelada — retorquiu Thorn. — Vai ser só adiada.

— Eles vão tomar isso como um insulto.

— Que seja.

— Mas por quê?

— Não quero viajar agora — respondeu Thorn. — Não é um bom momento.

— Consegue ver o que está em jogo aqui? — perguntou o segundo assessor.

— Diplomacia — disse Thorn.

— É mais do que isso.

— Eles são donos do petróleo e são donos do poder — afirmou Thorn. — Nada vai mudar isso.

— É precisamente por isso que...

— Vou mandar outra pessoa.

— O Presidente espera que você vá.

— Vou falar com ele e explicar.

— Meu Deus, Robert! Esse negócio tá marcado há semanas!

— Então trate de replanejar — gritou Thorn.

Sua explosão repentina causou silêncio. O intercomunicador tocou e Thorn estendeu a mão para atendê-lo.

— Sim?

— Tem um tal de padre Tassone aqui para ver o senhor — informou-lhe a voz da secretária.

— Quem?

— Padre Tassone, de Roma. Ele diz que é um assunto pessoal e urgente.

— Nunca ouvi falar dele — respondeu Thorn.

— Ele disse que só precisa de um minuto — explicou a secretária. — Tem algo a ver com um hospital.

— Provavelmente quer uma doação — murmurou um dos assessores de Thorn.

— Ou um discurso em alguma inauguração — acrescentou o outro.

— Tudo bem — suspirou Thorn. — Peça pra ele entrar.

— Não sabia que você tinha o coração tão mole assim — pontuou um dos assessores.

— Relações públicas — Thorn murmurou.

— Não tome nenhuma decisão sobre o Irã, sim? Você está muito pra baixo hoje. Deixe a coisa assentar.

— A decisão está tomada — assegurou Thorn, fadigado. — Ou outra pessoa vai, ou a gente adia.

— Adia até quando?

— Até depois. Até que eu sinta que é a hora certa de viajar.

A porta do escritório se abriu e, sob a imensa arcada, estava um homem diminuto. Era um padre, a batina amarrotada, o comportamento tenso, seu senso de urgência percebido por todos na sala. Ele tinha olheiras, uma expressão carregada de desespero que se cravou em Thorn, do outro lado do cômodo. Os assessores trocaram um olhar de inquietação, sem saber se deveriam ou não sair. Thorn estava igual, enrijecendo levemente ante o escrutínio do homem.

— Tudo... bem... — perguntou o padre, com um forte sotaque italiano — ...se conversássemos a sós?

— É sobre um hospital? — indagou Thorn.

— *Si.*

Após um momento, o embaixador concordou e seus assessores saíram hesitantes da sala. Quando se foram, o padre fechou a porta e virou-se; sua expressão refletindo dor.

— Pois não? — perguntou Thorn, apreensivo.

— Não temos muito tempo.

— Como é?

— Você tem que me escutar.

O padre recusava-se a se mexer, permanecendo com as costas coladas na porta.

— E posso saber por quê? — inquiriu Thorn.

— Você tem que aceitar Cristo como seu Salvador. E tem que aceitar agora.

Houve um instante de silêncio em que Thorn sentiu-se confuso, sem saber o que dizer.

— Por favor, *signore*...

— Com licença... — Thorn o interrompeu. — Eu entendi bem, que você tem um assunto urgente e pessoal a tratar comigo?

— Você precisa comungar — sussurrou o padre. — Beba o sangue de Cristo e coma a Sua carne, pois somente com Ele dentro de si poderá vencer o filho do Demônio.

A atmosfera dentro da sala ardia de tensão. A mão de Thorn buscou o intercomunicador.

— Ele já matou uma vez — murmurou o padre —, e voltará a fazê-lo. Ele matará até que tudo que é seu seja dele.

— Se puder fazer o favor de esperar lá fora...

O padre tinha começado a se aproximar agora; sua voz ficando mais intensa.

— Você só conseguirá enfrentá-lo através de Cristo. Aceite nosso Senhor, Jesus. Beba o Seu sangue.

Thorn apertou o botão do intercomunicador.

— Eu tranquei a porta, sr. Thorn — afirmou o padre.

Thorn ficou rígido, assustado pelo tom presente na voz.

— Pois não? — disse a voz da secretária através do aparelho.

— Chame a segurança — respondeu Thorn.

— Como é, senhor? — A voz da secretária pediu confirmação.

— Eu imploro, *signore* — suplicou o padre. — Escute o que estou dizendo.

— Senhor? — repetiu a voz da secretária.

— Eu estava no hospital na noite em que seu filho nasceu, sr. Thorn.

A frase fez Thorn ter um sobressalto.

— Eu... fui um dos... parteiros — afirmou o padre, numa voz vacilante. — Eu... testemunhei... o nascimento.

A voz da secretária soou novamente, desta vez, plena de preocupação:

— Sr. Thorn? Por favor, eu não entendi o que disse.

— Não é nada — respondeu Thorn. — Apenas... fique de sobreaviso.

Ele soltou o botão, enquanto olhava temeroso para o padre.

— Eu lhe imploro... — falou Tassone, reprimindo as lágrimas.

— O que você quer?

— Eu quero salvá-lo, sr. Thorn. Para que, assim, Cristo possa me perdoar.

— O que você sabe sobre o meu filho?

— Tudo.

— O que você sabe? — exigiu Thorn.

O padre estava tremendo, sua voz embargada de emoção. Ele respondeu:

— Eu vi a mãe dele.

— Você viu minha esposa?

— Eu vi a mãe dele!

— Está se referindo à minha esposa?

— A mãe dele, sr. Thorn.

O rosto de Thorn se embruteceu e ele encarou o homem calmamente, perguntando:

— Isto é algum tipo de chantagem?

— Não, senhor.

— Então, o que quer?

— Quero *contar* para você, senhor.

— Contar o quê?

— A mãe dele, senhor...

— Vá em frente... o que tem ela?

— A mãe dele, senhor... era um chacal! — Um soluço escapou da garganta do padre. — Ele nasceu de um chacal! Eu mesmo vi!

Com um estrondo súbito, a porta de Thorn se abriu, e um fuzileiro entrou, seguido dos assessores do embaixador e de sua secretária. Thorn estava pálido, imóvel, e o rosto do padre molhado pelas lágrimas.

— Algo errado, senhor? — perguntou o fuzileiro.

— O senhor parecia estranho — acrescentou a secretária. — A porta estava trancada.

— Eu quero que esse homem seja levado para fora daqui — ordenou Thorn. — E, se um dia ele voltar, quero vê-lo na cadeia.

Ninguém se mexeu. O fuzileiro hesitou em pôr as mãos no padre. Lentamente, Tassone virou-se e foi na direção da porta. Ao alcançá-la, ele parou, olhou para Thorn e murmurou com tristeza:

— Aceite Cristo. Beba o sangue Dele todos os dias.

A seguir, saiu, seguido pelo fuzileiro, deixando os demais de pé, pasmos e confusos.

— O que ele queria? — perguntou um assessor.

— Não sei — sussurrou Thorn, vendo o homem desaparecer. — Ele é louco.

Na rua em frente à embaixada, Haber Jennings recostou-se a um carro, examinando sua câmera reserva, tendo guardado a quebrada. Seu olhar capturou o fuzileiro escoltando o padre pelas escadarias, e ele tirou duas fotos da dupla antes que o sacerdote começasse lentamente a se afastar. O fuzileiro viu Jennings e, com uma expressão de desaprovação, foi até ele.

— Não acha que arrumou encrenca o suficiente com essa coisa por hoje? — perguntou, apontando para a câmera.

— Encrenca o *suficiente*? — Jennings sorriu. — *Nunca* é suficiente.

E ele tirou duas fotos do furioso fuzileiro, que se afastou, antes que explodisse contra o fotógrafo. Então, Jennings mudou o foco, encontrou o padre ao longe e registrou mais uma imagem, antes que ele desaparecesse.

Mais tarde naquela noite, Jennings estava sentado em seu quarto escuro, fitando uma série de fotografias; seus olhos curiosos e confusos. Para ter certeza de que sua câmera reserva estava operando com eficiência, havia disparado um rolo de 36 imagens, em diversas posições e velocidades, das quais três haviam saído defeituosas. Era o mesmo defeito que tivera há alguns meses, quando fotografara a babá na propriedade dos Thorn. Desta vez, o defeito era nos instantâneos do padre. Novamente parecia haver uma falha na emulsão, contudo, agora ela aparecia mais de uma vez. Ela surgia duas vezes na sequência, depois pulava duas fotos e retornava exatamente como antes. O mais curioso era que a falha parecia ligada ao sujeito, aquele estranho borrão de movimento pairando sobre a cabeça do padre, como se estivesse, de alguma maneira, realmente ali.

Jennings retirou as cinco fotografias do revelador e as examinou mais de perto, sob a luz: duas fotos do padre com o fuzileiro, dois closes do fuzileiro sozinho e mais uma do padre ao longe. O borrão não só desaparecia nas duas fotos do fuzileiro, como, ao reaparecer na última do padre, estava menor, proporcional ao tamanho do homem. Como antes, havia um tipo de halo, contudo, diferente do borrão que desfigurara a babá, este tinha um formato oblongo, suspenso acima da cabeça do sujeito. A névoa que envelopava a cabeça da babá era inerte, transmitindo uma sensação de paz, mas aquela sobre a cabeça do padre era dinâmica, como

que dotada de movimento. Parecia-se com uma lança-fantasma prestes a transfixar o padre.

Jennings acendeu um baseado de ópio e recostou-se, pensativo. Certa vez havia lido que a emulsão de filmes era sensível ao calor extremo, tanto quanto era à luz. O artigo era de um jornal de fotografia, e esmiuçava imagens fantasmagóricas que apareciam em um filme batido numa das mais famosas casas mal-assombradas da Inglaterra. O autor, um especialista em ciência da fotografia, especulava sobre a relação do nitrato com variações de temperatura, notando que, em experimentos de laboratório, descobrira-se que realmente o calor intenso afetava a emulsão do filme da mesma maneira que a luz. Calor é energia e energia é calor; se as aparições fossem, de fato, energia residual humana tal qual alguns especulavam, então, sob as circunstâncias apropriadas, suas formas poderiam ser registradas em filme. Mas a energia à qual o artigo se referia não tinha relação com o corpo humano. Qual era o significado de uma forma de energia que pairava sobre um corpo humano? Era aleatória ou possuía algum *significado*? Tinha a ver com influências externas ou será que derivava das ansiedades interiores que o atormentavam?

É sabido que ansiedade cria energia; este é o princípio usado pelo polígrafo para detectar mentiras nos testes. Essa é uma energia de natureza elétrica. Eletricidade também é calor. Talvez o calor gerado por uma ansiedade extrema irrompesse diretamente da pele humana e pudesse, desta forma, ser fotografado, cercando pessoas que estivessem vivenciando um estado de estresse extremo.

Aquilo animou Jennings. Ele examinou suas tabelas de emulsão, descobrindo qual era o filme mais sensível à luz que já fora feito. Era o Tri-X-600, um produto novo tão sensível que era possível fotografar um movimento rápido à luz de velas. Provavelmente também seria o mais sensível ao calor.

Na manhã seguinte, ele comprou 24 rolos de Tri-X-600 e uma série de filtros para fazer experimentos com fotos externas. Os filtros cortariam a luz, mas, possivelmente, não o calor, e ele teria mais chance de encontrar

aquilo que procurava. Precisava achar sujeitos que estivessem num estado de estresse extremo, portanto, foi ao hospital e fotografou pacientes na ala terminal, que sabiam que estavam morrendo. Os resultados foram desapontadores, pois, nos dez rolos, não havia nem um borrão. Sem dúvida, o que quer que as manchas fossem, não tinham a ver com a consciência da morte.

Jennings sentiu-se frustrado, mas não menos determinado, uma vez que tinha certeza de estar na iminência de descobrir algo importante. De volta ao quarto escuro, revelou novamente as fotos do padre e da babá, fazendo experiências com diferentes tipos de papel e ampliando ao máximo a imagem para conseguir examinar mais atentamente cada grão. Ao aumentá-las, ficou claro que definitivamente havia algo lá. O olho nu não havia percebido, mas o nitrato respondera. Sem dúvida, havia imagens invisíveis no ar.

Aquilo ocupou seu tempo e pensamentos durante toda uma semana. Depois, ele tornou a seguir Thorn.

O embaixador embarcara em uma sequência de discursos públicos, e foi fácil para Jennings obter acesso a eles. Thorn foi a *campi* universitários locais, almoços de negócios e até mesmo a uma ou duas fábricas, e estava à vista para todos. Seu estilo era eloquente, pleno de fervor, e ele parecia ganhar o público aonde quer que fosse. Aquele era, sem dúvida, seu ponto forte, o mais valioso que um político poderia ter. Ele mexia com as pessoas, que acreditavam nele, em particular, a classe trabalhadora; os desprivilegiados por quem o embaixador parecia ter uma preocupação genuína.

— Estamos divididos de tantas maneiras — eles o escutavam gritar. — Jovens e velhos, ricos e pobres... Mas, o mais importante, aqueles que têm oportunidade e aqueles que não! Democracia significa oportunidades iguais. Sem elas, a palavra "democracia" é uma falácia!

Ele se punha à disposição do público nesses discursos, promovendo com frequência esforços para contatar pessoas com necessidades especiais que avistava na multidão. Era a imagem de um campeão. Contudo, mais

importante do que suas habilidades era o fato de fazer com que as pessoas *acreditassem*.

Na verdade, aquele fervor ao qual as pessoas reagiam era fruto do desespero. Thorn estava fugindo, usando seus deveres públicos para evitar a angústia pessoal, pois um sentimento crescente de mau agouro o seguia aonde quer que fosse. Por duas vezes, na multidão que se reunia para escutá-lo falar, viu uma batina clerical, e começou a sentir que aquele franzino padre o perseguia. Evitava comentar isso com alguém, pois temia que fosse coisa da sua imaginação, mas começou a ficar cada vez mais preocupado com a questão, sempre examinando o público durante os discursos, temendo a aparição do mirrado padre. Ele havia feito pouco caso das palavras de Tassone; o homem era, claramente, louco. Um zelote religioso que ficara obcecado por uma figura pública, e o fato de aquela obsessão envolver o filho de Thorn poderia não ser nada além de coincidência. Mesmo assim, as palavras o assombravam. Por mais que fossem impossíveis, elas ecoavam na mente de Thorn, que lutava o tempo todo para impedir que ganhassem algum peso. Chegou a ocorrer-lhe que o padre poderia ser um assassino em potencial, uma vez que, nos casos de Lee Harvey Oswald e Arthur Bremmer, os assassinos haviam tentado fazer contato do mesmo tipo feito pelo padre. Mas acabou fazendo pouco caso disso também. Não poderia mais agir da maneira como precisava se acreditasse que o espectro da morte o aguardava junto às multidões. Não obstante, o padre permanecia com ele em suas horas despertas e em seus sonhos. Enfim, Thorn percebeu que estava tão obcecado pelo homem quanto o homem por ele. Tassone era o predador; Thorn era a presa. Sentia-se como um rato de campo devia se sentir, temendo o tempo todo que, lá do alto, estivesse sendo espreitado por um falcão voando em círculos.

Em Pereford, tudo era calmo na superfície. Mas, nas profundezas de sentimentos ocultos, as chamas da ansiedade ardiam. Thorn e Kathy quase não se viam, mantidos afastados pelos discursos dele e por outras tarefas. Quando se reuniam, as conversas eram mantidas num nível superficial, evitando qualquer coisa que pudesse gerar tensão. Kathy estava passando mais tempo ao lado de Damien conforme prometera, mas isso só servia para

acentuar o distanciamento entre os dois; a criança passava em silêncio as horas de lazer com ela, suportando-as em vez de apreciá-las, até que a sra. Baylock estivesse de volta.

Com sua babá, Damien era capaz de rir e de brincar, mas, com Kathy, ele se fechava. Frustrada, ela tentava, dia após dia, encontrar uma maneira de tirá-lo de dentro da concha. Comprava livros para colorir e conjuntos de lápis de cor, carrinhos e blocos de montar, mas a resposta que o filho dava aos presentes era sempre insossa. Certa tarde, ele demonstrou interesse em um livro para recortar animais, o que fez Kathy decidir levá-lo ao zoológico.

Enquanto preparava sua van para passar o dia fora, ocorreu-lhe o quão diferente suas vidas eram da de uma pessoa normal. Seu filho tinha quatro anos e meio e jamais estivera no zoológico. Sendo da família do embaixador, tudo era levado até eles. Raramente precisavam ir atrás de algo. Talvez fosse a falta de aventuras normais da infância que embotara o senso de diversão de Damien. Mas, hoje, havia vida nos olhos dele, sentado ao lado da mãe, que finalmente teve a sensação de ter feito alguma coisa certa. Ele até falou. Não muito, mas mais do que o usual, digladiando-se com a palavra “hipopótamo” e rindo quando, enfim, conseguiu acertá-la. Foi necessário tão pouco para deixar Kathy feliz; apenas uma risadinha do filho fez com que seu espírito se elevasse. Enquanto iam para a cidade, ela falava sem parar e ele ouvia atentamente. Leões eram só gatos grandes, gorilas eram só macacos grandes, esquilos eram parentes dos ratos, e marrecos, dos patos. Damien estava encantado, absorvendo tudo, e Kathy criou um poema a partir da conversa, repetindo-o durante toda a viagem. Leões são gatos, gorilas são macacos. Esquilos são ratos, marrecos são patos. Ela o recitou rápido e Damien riu; ela falou mais rápido e ele riu ainda mais. E assim, rindo até convulsionar, chegaram ao zoológico.

Num domingo ensolarado de inverno em Londres, todos querem sair de casa; há pessoas em todos os lugares, sentadas e deitadas em cada fatia de grama disponível, absorvendo avidamente ar fresco e sol. Era um dia atipicamente belo e o zoológico estava lotado. Os animais também pareciam apreciar o sol; seus uivos e grunhidos sendo escutados desde o

portão de entrada, onde Kathy pagou duas libras para alugar um carrinho para empurrar o filho, a fim de não ficar esgotada por ter de carregá-lo.

Pararam primeiro no lago dos cisnes e observaram as belas aves cercando um grupo de crianças que as alimentavam com pão. Os dois avançaram para tentar chegar mais perto, mas, naquele momento, os cisnes repentinamente se desinteressaram pela comida, deram meia-volta e se afastaram nadando, acenando as caudas com majestade. Pararam no meio do lago e olharam para trás como monarcas desdenhosos, enquanto as crianças imploravam e jogavam pão. Mas os cisnes não voltaram, e Kathy percebeu que foi somente quando ela e Damien se afastaram, que a fome das aves pareceu retornar.

Já era quase hora do almoço e a multidão era grande; Kathy procurou alguma jaula ou cercado que não estivesse cheio de gente ao redor. À direita havia uma placa que indicava "Cão-da-pradaria", e ela foi na direção dele, falando para Damien tudo o que sabia sobre os animaizinhos ao longo do caminho. Eles viviam em tocas no deserto, eram bem sociáveis e, com frequência, as pessoas nos Estados Unidos os capturavam e criavam como animais de estimação. Conforme se aproximavam do cercado, Kathy viu que este também se encontrava cheio de gente, todo mundo olhando para um poço. Ela abriu caminho e viu os animais por um breve instante, pois, no momento seguinte, todos desapareceram dentro das tocas. Ao redor dela, a multidão começou a murmurar em decepção e se dispersou, enquanto Damien espichava o pescoço para ver. Tudo que havia era um montículo de terra cheio de buracos. Desapontado, ele olhou para a mãe.

— Vai ver é hora do almoço pra eles também — disse ela, dando de ombros.

A dupla seguiu em frente, comprou cachorros-quentes e os comeu sentada na grama.

— Vamos ver os macacos — disse Kathy. — Quer ver os macacos?

O caminho para a ala dos macacos era claramente sinalizado e, conforme seguiam as placas, aproximaram-se de uma fileira de jaulas. Os olhos de Damien brilharam de excitação quando avistaram o primeiro

animal. Era um urso, andando de modo mecânico para a frente e para trás em seu confinamento, alheio às pessoas que o observavam espantadas do lado de cá das barras. Mas, quando Kathy e Damien chegaram perto, o urso pareceu notá-los. Ele parou e os encarou; os pelos das costas se eriçando ao que a dupla passava devagar. Na jaula adjunta, havia um grande felino, que também parou de se mexer e fixou os olhos amarelos neles, acompanhando-os conforme passavam. A seguir, um enorme babuíno surgiu, exibindo de repente as presas nuas, claramente discernindo-os em meio às centenas de outros visitantes. Kathy começou a perceber o efeito que eles tinham nos animais e os observou com cuidado conforme passavam por uma jaula após a outra. Era para Damien que olhavam. E ele também pareceu notar aquilo.

— Eles devem pensar que você tem uma aparência deliciosa — brincou Kathy. — É o que eu acho também.

Ela o afastou das jaulas e seguiu por outro caminho. Guinchos e gritos podiam ser ouvidos ressoando de uma construção adiante, e Kathy soube que estavam perto da ala dos macacos. Era a exibição mais popular do zoológico, e eles tiveram de esperar na fila. Ela deixou o carrinho de lado e decidiu levar Damien nos braços.

Lá dentro, a atmosfera era quente e fétida. Os gritos agudos das crianças ecoavam pelas paredes, amplificados de algum modo pelo confinamento. Não conseguiam ver nada de sua posição ao lado da porta, mas Kathy sentia, pela reação do público, que os macacos estavam se exibindo em alguma jaula mais distante. Carregando Damien, passou pela multidão, abrindo caminho até que conseguissem ter um vislumbre do que acontecia. Era uma jaula cheia de macacos-aranha que, agitados, balançavam-se em pneus e saltavam em todas as direções, deslumbrando o público com as acrobacias. Damien ficou animado e começou a rir. Kathy, determinada a levar o filho até a frente da jaula, pôs-se a abrir caminho à força. Os macacos estavam indiferentes ao público, mas, ao que Kathy e Damien se aproximaram, o humor dentro da jaula mudou. As brincadeiras pararam e, um a um, os animais começaram a se virar; os pequenos olhos examinando nervosamente a multidão. As pessoas também se calaram, curiosas pelo comportamento dos bichos, mas aguardando com sorrisos de antecipação

que a ação fosse subitamente retomada. E ela foi. Mas de uma maneira que ninguém esperava. Um uivo repentino eclodiu dentro da jaula; um guincho de medo e alerta. E ele cresceu, sendo assomado por todos os outros animais. A jaula explodiu em uma onda de desespero, e os macacos começaram a saltar freneticamente, como se tentassem fugir de seu confinamento. Apinhando-se nos fundos da jaula, tentaram atravessar uma janela fechada com arame, em pânico, como se um predador tivesse sido subitamente solto entre eles. Naquele frenesi, arranharam uns aos outros, e o sangue começou a manchar mãos e bocas naquela tentativa de fuga. A multidão ficou em silêncio, pasma, mas Damien ria, apontando para a cena pavorosa com deleite e animação. Dentro da jaula, o pânico aumentou, e um grande macaco propeliu-se para o alto, tentando escapar pelo teto fechado com arame entrelaçado. Entalando o pescoço, seu corpo ficou se debatendo convulsivamente, até ficar inerte. As pessoas gritaram horrorizadas e algumas se dirigiram para a porta, mas seus gritos eram abafados pelos gemidos dos animais, agora com olhos selvagens e salivando, motivados por puro terror, enquanto saltavam de uma parede para a outra. Um deles começou a bater com a cabeça no concreto sólido, sangue cobrindo seu rosto, até que titubeou e caiu; o corpo convulsionando enquanto os outros pulavam ao seu redor e berravam de horror. A multidão, também em pânico, começou o empurra-empurra para sair dali. Kathy, atropelada e acotovelada, estancou no lugar. Seu filho estava rindo. Apontando e rindo, como se estivesse, de algum modo, promovendo aquele suicídio em massa. Era *dele* que os macacos estavam com medo. Era *ele* quem estava causando aquilo. E, ao que o massacre crescia, Kathy começou a gritar.

CAPÍTULO SEIS

Kathy chegou tarde em casa naquela noite. Damien já estava adormecido no carro. Depois do zoológico, eles tinham simplesmente andado a esmo no automóvel, a criança sentada em silêncio, magoada e confusa quanto ao que havia feito de errado. Ele tentara repetir o poema uma vez, aquele dos gorilas e macacos, e marrecos e patos, mas Kathy permanecera muda, o olhar fixo adiante. Quando a noite caiu, Damien indicou que tinha fome, mas a mãe recusou-se a responder. Ele foi para o banco de trás, encontrou uma manta e adormeceu.

Kathy conduziu rápido e sem direção, tentando fugir do medo que a possuía. Não era medo de Damien ou da sra. Baylock. Era medo de estar ficando louca.

Em Pereford, Robert a aguardava, pensando que a encontraria de bom humor. Havia pedido que o jantar não fosse servido até que a esposa tivesse voltado. Eles sentaram-se a uma mesa pequena; os olhos de Thorn observando Kathy comer, tensa e em silêncio.

— Está tudo bem, Kathy?

— Sim.

— Você está tão quieta.

— Acho que só estou cansada.

— Dia cheio?

— Sim.

Ela se comportava de um jeito brusco, como que ressentida pela intromissão.

— Foi divertido?

— Foi.

— Você parece perturbada.

— Pareço?

— O que aconteceu de errado?

— O que poderia estar errado?

— Não sei. Você parece chateada.

— Só estou cansada. Preciso dormir.

Ela fingiu um sorriso, mas não foi convincente. Enquanto a observava, Thorn foi ficando mais preocupado. Ele perguntou:

— Damien está bem?

— Sim.

— Tem certeza?

— Sim.

Ele a encarou, e ela fugiu de seu olhar.

— Se alguma coisa estivesse errada... você me diria, certo? — perguntou ele. — Quero dizer... com Damien.

— Com Damien? O que poderia haver de errado com Damien, Robert? O que poderia estar errado com o nosso filho? Nós somos as pessoas "abençoadas", não somos?

Ela o fitou e pareceu sorrir, mas a expressão não denotava prazer.

— Digo, só "coisas boas" acontecem com a Casa dos Thorn — acrescentou. — As nuvens escuras passam longe.

— *Tem* alguma coisa errada, não tem? — Thorn perguntou, baixinho.

Kathy baixou a cabeça, escondeu o rosto nas mãos e ficou imóvel, os olhos mirando seu prato.

— Kathy...? — disse Thorn, macio. — O que aconteceu?

— Eu acho... — respondeu ela, lutando para controlar a voz. — Eu quero consultar um médico. — Ela ergueu a cabeça e seus olhos estavam repletos de dor. — Eu tenho... "medos" — disse. — Medos que uma pessoa normal não teria.

— Que tipo de medos, Kathy? — perguntou Thorn.

— Se eu contar, você mandaria me internar.

— Não — ele a assegurou. — Eu amo você.

— Então me ajude — implorou ela. — Encontre um médico para mim.

Uma lágrima rolou pelo rosto da mulher e Thorn segurou suas mãos.

— Claro — afirmou ele. — Claro.

E ela chorou, mantendo os eventos daquele dia trancados para sempre dentro de si.

Psiquiatras não são tão comuns na Inglaterra quanto nos Estados Unidos, e foi com alguma dificuldade que Thorn encontrou um em quem sentia poder confiar. Era estadunidense, mais jovem do que Thorn gostaria, mas bem recomendado e com ampla experiência. Seu nome era Charles Greer, formado em Princeton, residente no Bellevue. Era o candidato ideal, pois vivera um tempo em Georgetown e tratara das esposas de diversos senadores.

— O problema mais comum entre as esposas dos políticos é o alcoolismo — Greer explicou a Thorn, sentado diante dele no escritório do psiquiatra. — Acho que é o sentimento de isolamento. O sentimento de inadequação. O medo de que não possua identidade própria.

— Você compreende a necessidade de sigilo? — perguntou Thorn.

— Isso é tudo que tenho para vender — sorriu o psiquiatra. — As pessoas confiam em mim e, francamente, é só o que tenho a oferecer. Elas não discutem seus problemas com outras pessoas justamente por pensarem que isso voltará para assombrá-las. Eu sou um porto seguro. Não posso prometer-lhe muito mais, mas posso garantir isso.

— Devo pedir a ela que lhe telefone?

— Só dê a ela meu número. Mas, por favor, não *mande* que ela telefone.

— Não é como se ela não quisesse. Foi ela mesma quem me pediu...

— Bom.

Thorn levantou-se inquieto, enquanto o jovem médico dava um agradável sorriso.

— Pode me telefonar depois de falar com ela? — perguntou Thorn.

— Duvido muito — respondeu Greer, com simplicidade.

— Digo... se você tiver algo a relatar.

— O que eu tiver que relatar, direi a ela.

— Quis dizer, caso você esteja *preocupado* com ela...

— Ela tem tendências suicidas?

— Não.

— Então, diria para não se preocupar tanto. Tenho certeza de que não é algo tão sério quanto você está pensando.

Aquilo foi tranquilizador, e Thorn se encaminhou para a porta.

— Sr. Thorn?

— Sim?

— Por que veio aqui hoje?

— Para ver você.

— Por qual motivo?

Thorn deu de ombros:

— Acho que pra ver como você era.

— Há algo em particular que queira me dizer?

Thorn ficou irrequieto. Após refletir um pouco, meneou a cabeça.

— Está sugerindo que, talvez, eu deva ir a um psiquiatra?

— Você quer?

— Eu pareço precisar de um?

— E eu? Pareço? — perguntou o psiquiatra.

— Não.

— Pois bem, eu tenho um — contou Greer. — Na minha linha de trabalho, estaria em apuros se não tivesse.

A conversa transtornou Thorn que, após voltar ao seu escritório, ficou refletindo sobre ela durante todo o dia. Quando estivera com Greer, sentira uma necessidade de falar, de contar a ele sobre coisas que jamais contara a ninguém. Mas que bem isso faria? A farsa era algo com que ele tinha de conviver, um fato da vida. Contudo, ansiava que outra pessoa soubesse dela.

O dia passou devagar, Thorn tentando preparar um importante discurso. Ele deveria ser feito na noite seguinte para um grupo de homens de negócios proeminentes, e Thorn suspeitava que representantes dos grupos

petrolíferos árabes estivessem presentes. Queria que o discurso fosse especial, uma súplica ao pacifismo. Era o contínuo conflito sobre Israel que estava causando o alargamento da distância entre os Estados Unidos e o bloco árabe, e Thorn sabia que as hostilidades entre Israel e os árabes eram de natureza histórica, profundamente arraigadas nas escrituras. Por isso, recorreu à Bíblia, buscando aumentar sua compreensão com a sabedoria das eras. Mas a verdade era mais prática do que isso, pois ele sabia que não havia público no mundo que não se deixasse impressionar por citações bíblicas.

Ficou a tarde inteira trancado em sua sala enquanto estudava e até pediu que o almoço fosse levado a ele. Quando teve dificuldade em encontrar passagens que fossem significativas, pediu que um mensageiro lhe trouxesse uma bibliografia e um texto interpretativo. A compreensão ficou mais fácil, pois pôde ir direto às passagens mais relevantes, encontrando, em muitos dos casos, um ponto de vista teológico referente ao sentido delas.

Era a primeira vez que Thorn lia a Bíblia desde a infância, e achou fascinante, em particular no que se referia à incessante violência no Oriente Médio. Ele descobriu que havia sido o judeu Abraão quem, tendo pactuado com seu Pai, recebera de Deus a promessa de que seu povo herdaria a Terra Santa.

> **Eu te farei fecundo e multiplicarei, e farei de ti uma multidão de povos. E darei esta terra à tua posteridade em possessão eterna.**

A nação que Deus concedeu aos judeus estava claramente delineada nos Livros do Gênesis e Josué como terras que se estendiam do rio do Egito ao Líbano e ao Eufrates. Thorn examinou seu atlas e verificou que, atualmente, o Estado de Israel ocupava apenas uma estreita faixa entre a Jordânia e o Mediterrâneo. Só um pedacinho do que Deus supostamente prometera. Será que era isso que determinava a motivação expansionista de Israel? O

interesse de Thorn aumentou e ele foi ainda mais fundo. Se Deus podia fazer uma promessa como aquela, por que não podia cumpri-la?

> **Se guardares minha aliança, então sereis minha propriedade peculiar dentre os povos. E sereis um reino de sacerdotes e uma nação santa.**

Talvez esta fosse a pista. Os judeus não tinham mantido a aliança com Deus. Acreditava-se que eles haviam sido os responsáveis pela morte de Cristo. O Livro do Deuteronômio assim o insinuava, pois, após a morte de Cristo, fora declarado aos judeus:

> **E o Senhor vos espalhará entre os povos e vós sereis poucos em meio às nações às quais o Senhor os levará.**
>
> **E cairão ao fio da espada e serão feitos cativos por todas as nações, e Jerusalém será pisoteada pelos gentios, até que o tempo dos gentios seja cumprido.**

O fato era reiterado no Livro de Lucas, com a palavra "nações" sendo trocada por "gentios". Os judeus seriam pisoteados até que o tempo das nações fosse cumprido. Isso propunha claramente que os judeus seriam perseguidos ao longo da História, até que a perseguição cessasse. Mas qual seria o tempo das nações? O tempo em que a perseguição acabaria?

Voltando-se para seus textos interpretativos, Thorn encontrou evidências da ira de Deus. Eram registros históricos da perseguição, que começara com os judeus sendo conduzidos de Israel pelo rei Salomão, e mais tarde sendo massacrados pelos cruzados em seu êxodo. No ano mil, foi documentada a morte de doze mil judeus. A seguir, em 1200, todos que haviam se refugiado na Inglaterra acabaram expulsos ou enforcados. No ano 1298, cem mil judeus foram massacrados na Francônia, Baviera e Áustria. Em setembro de 1306, outros cem mil foram expulsos da França sob a ameaça de serem mortos. Em 1348, os judeus foram acusados de

terem causado a epidemia mundial da Peste Negra e mais de um milhão foi caçado e morto em todo o globo. Em agosto de 1492, na mesma época em que Colombo levava a glória ao seu país por ter descoberto o Novo Mundo, a Inquisição Espanhola expulsava meio milhão de judeus e assassinava outro meio milhão. Os soturnos registros prosseguiam, chegando até a época de Hitler, que aniquilou mais de seis milhões e deixou outros onze milhões sem lares e miseráveis, dispersos por toda a face do planeta. Era surpresa o zelo com que, agora, eles lutavam por seu refúgio, por uma pátria que podiam chamar de sua? E era surpresa que empreendessem cada ofensiva como se fosse a última?

Deus havia prometido:

> **Farei de ti uma grande nação, e a abençoarei; e tornarei grande teu nome; e tu serás uma bênção... e todas as famílias da Terra serão benditas em ti.**

Thorn voltou a examinar os textos interpretativos e descobriu que na promessa que Deus fizera a Abraão havia três fatores distintos e igualmente importantes. A dádiva de um país, Israel. A certeza de que Abraão e seus descendentes se tornariam uma grande nação. E, por fim, acima de tudo, a "bênção", a vinda do Salvador. O retorno dos judeus a Sião estava ligado à segunda vinda de Cristo e, se isso fosse verdade, a hora chegara. Não havia evidências de como ou quando tal vinda ocorreria; as profecias estavam envoltas em lendas e símbolos religiosos. Será que Cristo já estava na Terra? Talvez tivesse renascido de uma mulher e já caminhasse entre nós?

Thorn, um especulador instintivo, ruminava infinitas possibilidades na mente. Se Cristo nascesse na Terra agora, como antes, estaria trajando vestes cotidianas. Nada de mantos e coroa de espinhos, ele usaria roupas de algodão, talvez uma Levis, ou quem sabe terno e gravata. Já havia nascido? Se sim, por que estava em silêncio? Sem dúvida, o mundo vivia um momento conturbado.

Thorn carregou aqueles pensamentos para casa, assim como os livros. Após Kathy ir deitar-se e a casa estar escura e silenciosa, abriu-os e tornou

a ponderar um pouco mais. O retorno de Cristo atiçava sua imaginação, e ele procurou pelas passagens que pudessem embasar seus devaneios. Descobriu que a coisa era extremamente complicada, pois fora profetizado no Livro do Apocalipse que, quando Cristo voltasse à Terra, teria de enfrentar a sua *antítese*. O Anticristo. O Filho do Mal. E a Terra seria arrasada pelo confronto final entre Céu e Inferno. Seria o Armagedom. O Apocalipse. O fim do mundo.

Na quietude de seu gabinete, Thorn escutou um som vindo do andar de cima. Era um gemido. Ele o escutou duas vezes e, depois, silêncio. Saindo do gabinete, subiu as escadas e foi ver Kathy. Ela estava adormecida, porém inquieta; o rosto banhado de suor. Ele a observou até que a agitação cessasse e sua respiração voltasse ao normal. Então se retirou, voltando para as escadas. Enquanto tateava o caminho ao longo do corredor escuro, passou pelo quarto da sra. Baylock e percebeu que a porta estava entreaberta. A mulher dormia deitada de costas, uma montanha de carne iluminada pela luz do luar que entrava pela janela. Thorn estava prestes a seguir em frente, quando repentinamente parou, chocado pelo rosto dela. Estava branco, fantasmagoricamente coberto de pó de arroz. Ela também usava batom, exageradamente aplicado, como se estivesse bêbada quando o passara. Foi uma visão arrepiante, que o fez sentir-se enfraquecido, lutando para dela libertar-se. Não fazia sentido. Na privacidade de seu quarto, a mulher havia se maquiado como uma meretriz.

Fechando a porta, ele voltou para baixo e tornou a examinar os livros que tinha à sua frente. Sentia-se perturbado agora, incapaz de concentrar-se; seus olhos vagando indolentes pelas páginas abertas. A Bíblia estava aberta no Livro de Daniel e ele a encarou em silêncio.

> **Depois, se levantará em seu lugar um homem vil, a quem não tinham dado a honra da majestade. Ele virá de modo dissimulado e tomará o Reino por meio da intriga. Exércitos serão arrasados diante dele e serão quebrantados... E ele usará de engano e se tornará forte com pouca gente. Virá também furtivamente aos locais**

mais ricos; e fará o que nunca fizeram seus pais nem os pais de seus pais; repartirá entre eles a presa, o espólio e os bens. E maquinará seus projetos contra as Fortalezas, mas somente por um tempo... E ele se levantará e engrandecerá acima de todo deus; e falará coisas espantosas contra o Deus dos deuses. E será próspero até que se cumpra a indignação, pois aquilo que está determinado será cumprido.

Thorn vasculhou a mesa e encontrou um cigarro. Serviu-se de um copo de vinho. Vagou pelo cômodo, forçando a mente a lidar com aquela pesquisa, a fim de bloquear a inquietude do que testemunhara no andar de cima. Quando os judeus voltarem a Sião, Cristo renascerá. E, como Cristo, há de nascer também o Anticristo, ambos crescendo separados, até a chegada do confronto derradeiro. Thorn ficou diante dos livros e tornou a folheá-los.

Contemplem o dia do Senhor, um dia cruel, de ira e grande furor, que desolará a terra... E tornarei o homem mais raro do que ouro puro, mais raro do que ouro de Ofir.

E, mais adiante, no Livro de Zacarias:

E cada um pegará na mão de seu próximo, e cada um levantará a espada contra seu próximo...

E em Ezequiel:

Porque convocarei contra ele a espada sobre todos os meus montes, e a espada de cada homem se voltará contra seu irmão.

Thorn voltou a se recostar, impressionado pela violência contida nas profecias.

> **Esta é a praga com que o Senhor castigará todos os povos que guerrearem contra Jerusalém: sua carne apodrecerá enquanto ainda estiverem de pé. Seus olhos apodrecerão nas órbitas e a língua apodrecerá na boca.**

Thorn sabia que a opinião pública estava se virando contra Israel; os árabes agora se viam poderosos demais com seu petróleo para que qualquer um os enfrentasse. Se a ira de Deus se voltasse contra todas as nações que guerrearam contra Jerusalém, então ela recairia sobre todas as que existiam. Estava profetizado que o Armagedom, a batalha final, seria travada na arena dos israelitas, com Jesus de um lado do Monte das Oliveiras e o Anticristo do outro.

> **Ai dos que habitam na terra e no mar; porque o Diabo desceu a vós com grande ira, ciente de que o tempo era curto... Que aquele que tenha entendimento calcule o número da Besta; porque é o número de um homem. Seu número é seiscentos e sessenta e seis.**

Armagedom, o fim do mundo. A batalha por Israel.

> **O Senhor surgirá... Naquele dia, seus pés estarão sobre o Monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o Oriente... Então, virá o Senhor, meu Deus, e todos os santos com Ele.**

Thorn fechou os livros e apagou a luminária sobre a escrivaninha. Ficou um longo tempo em silêncio. Refletiu sobre o que eram aqueles livros que compunham a Bíblia, quem os havia escrito e por quê. E por que acreditava neles, ao mesmo tempo em que os rejeitava. Acreditar neles tornava todos

os esforços de um indivíduo fúteis. Seriam todas as pessoas apenas peões movidos pelas forças superiores do Bem e do Mal? Seriam todas apenas marionetes manipuladas do alto e de baixo? Haveria mesmo um Céu? Haveria mesmo um Inferno? Percebeu que esses eram questionamentos adolescentes, mas não conseguia evitá-los. Recentemente, experimentara a sensação de forças além do seu controle. Nada de forças aleatórias, mas com propósito; sensações que faziam com que se sentisse fraco e inseguro. E, mais do que isso, impotente. O que, no final das contas, era o que tudo aquilo queria dizer. Ele estava impotente. Todos os homens estavam. Não pediam para nascer ou para morrer. Eram obrigados a isso. Mas por que, entre o intervalo de nascimento e morte, era preciso haver tamanha dor? Talvez a humanidade fosse mais divertida assim. Talvez proporcionasse um entretenimento melhor.

Thorn deitou-se no sofá e dormiu. E seus sonhos foram repletos de medo. Ele viu-se vestido como uma mulher, contudo, ciente de que era homem. Estava em uma rua lotada e parou um policial, na tentativa de explicar que estava perdido e com medo. O policial recusou-se a escutá-lo, direcionando o tráfego ao redor de Thorn, até que este estivesse tão perto que ele conseguia sentir o deslocamento de ardos veículos. Conforme eles aceleravam, o vento aumentava, e Thorn sentiu como se estivesse em meio a um vendaval. O vento ficou tão forte que ele não conseguia recuperar o fôlego. Ofegante, buscou o policial, que se recusava a reconhecer a presença dele. Gritou por ajuda, mas ninguém podia escutá-lo; seus gritos sufocados pelo uivo do vento. Súbito, um carro preto deu uma guinada na direção dele, que se esforçou para sair do caminho. Mas o vento o empurrava de todos os lados, mantendo-o no lugar. Conforme ele se aproximava, Thorn viu que o motorista não tinha rosto. Não tinha feições, contudo, emitiu uma gargalhada; a carne se rasgando no lugar onde deveria haver uma boca, derramando sangue, o carro cada vez mais próximo.

No instante do contato, Thorn acordou. Estava sem fôlego e encharcado de suor. Lentamente o sonho o foi abandonando, e ele permaneceu imóvel. Amanhecia e a casa estava silenciosa. Ele lutou contra o impulso de chorar.

CAPÍTULO SETE

O discurso de Thorn para os empresários era no Hotel Mayfair e, por volta das sete horas, a sala de convenções já estava lotada. Ele dissera aos seus assessores que gostaria de ter cobertura da imprensa e, portanto, eles haviam noticiado a conferência nos jornais da tarde. Como resultado, muita gente estava sendo barrada na porta agora. Não havia apenas o público já esperado, como também diversos repórteres e até mesmo um grupo de civis que recebeu a permissão de assistir dos fundos. O Partido Comunista passara a demonstrar um grande interesse em Thorn, tendo enviado em duas ocasiões representantes para interrompê-lo e agitar os discursos públicos. Ele torcia para que não estivessem presentes naquela noite.

Ao se encaminhar para o atril, Thorn reparou, agachado em meio a um pequeno grupo de fotógrafos, aquele cuja câmera ele havia quebrado na entrada da embaixada. O homem deu um sorriso para ele, exibindo uma nova máquina, e Thorn devolveu a gentileza, apreciando o gesto apaziguador. A seguir, aguardou que o salão ficasse em silêncio e deu início à sua fala. Discursou sobre a estrutura econômica mundial e a importância do Mercado Comum Europeu. Afirmou que, em qualquer sociedade, mesmo na Pré-História, o mercado era o terreno comum, o equalizador de riquezas, o local em que culturas díspares se fundiam. Quando alguém precisa comprar e o outro precisa vender, temos todos os componentes básicos para haver a paz. Quando alguém precisa comprar e o outro *recusa-se* a vender, o primeiro passo para a guerra é dado. Falou sobre a grande comunidade humana e a necessidade de reconhecer que somos irmãos, partilhando um mundo cujos recursos devem ser destinados a todos.

— Estamos presos — disse, citando Henry Beston — na rede da vida e do tempo. Somos colegas prisioneiros do esplendor e da labuta da Terra.

Foi um discurso inspirador, que manteve o público capturado por cada palavra. Seu teor voltou-se para a desordem política e sua relação com a economia. Distinguindo os rostos dos árabes em meio ao público, Thorn começou a dirigir-se diretamente a eles:

— Podemos compreender muito bem a relação que existe entre pobreza e desordem política. Contudo, também cabe lembrar que civilizações já ruíram por conta da ganância advinda do excesso de *luxúria*!

A essa altura, Thorn já se empolgara e, de onde estava, aos pés dele, Jennings focou firmemente em seu rosto e disparou uma série de fotos.

— É uma verdade triste e irônica... — prosseguiu ele — ... que data da época do rei Salomão no Egito... Aqueles que nascem ricos e em posição de destaque...

— Você deve saber alguma coisa sobre isso! — gritou uma voz lá do fundo. Thorn fez uma pausa, esforçando-se para ver nas trevas do auditório. A voz não se repetiu, e ele continuou:

— ...uma verdade que remonta à época dos faraós no Egito. Nós vemos que aqueles que nascem ricos e em posição de destaque...

— Conta pra gente sobre isso! — tornou a gritar o agitador e, desta vez, um murmúrio de irritação percorreu o público. Thorn esforçou-se para ver quem era. Um estudante barbudo, trajando calças jeans, provavelmente da facção comunista. — O que você entende de pobreza, Thorn? — provocou ele. — Nunca teve que trabalhar um único dia da sua vida!

O público manifestou sua irritação para com o agitador, algumas pessoas gritando contra ele, mas Thorn ergueu as mãos, pedindo calma:

— O jovem tem algo a dizer. Vamos escutá-lo, por favor.

O rapaz se adiantou e Thorn aguardou que ele continuasse. Deixaria que discursasse sua retórica até que ela se esgotasse.

— Se você está assim tão preocupado em dividir as riquezas, por que não divide um pouco da sua? — gritou o garoto. — Quantos *milhões* você tem? Sabe quantas pessoas estão *passando fome?* Sabe o que esses trocados

no seu bolso poderiam fazer? Com o que paga para o seu motorista, poderia alimentar uma família na Índia durante um mês! No gramado da sua propriedade de quarenta acres, poderia plantar comida para alimentar metade da população de Bangladesh! Com o dinheiro que desperdiça em festas para seu filho, poderia fundar uma clínica aqui mesmo, no sul de Londres! Se vai pedir que as pessoas abram mão de suas riquezas, deveria dar o exemplo! Não fique aí parado vestido em seu terno de quatrocentos dólares nos dizendo o que é pobreza!

O ataque fora apaixonado. Estava claro que o rapaz tinha causado boa impressão. Do público, alguns aplausos tímidos surgiram. Era a vez de Thorn responder.

— Acabou? — perguntou ele.

— Quanto você vale, Thorn? — inquiriu o rapaz. — Tanto quanto Rockefeller?

— Nem chego perto.

— Quando Rockefeller foi nomeado vice-presidente, os jornais disseram que seu patrimônio estava ligeiramente acima de 300 milhões de dólares. Sabe o quanto representava esse "ligeiramente"? Trinta e três milhões de dólares! Nem valia a pena contar! Eram os trocados dele, enquanto metade da população do mundo morre de fome! Não acha isso obsceno? Alguém precisa de tanto dinheiro assim?

— Eu não sou o sr. Rockefeller...

— O diabo que não é!

— Vai me deixar responder?

— Uma criança! Uma criança faminta! Faça algo por uma única criança faminta! Aí vamos acreditar em você! Apenas estenda a mão para uma criança, não somente fale, mas estenda a mão para uma criança faminta!

— Talvez eu já tenha feito isso — respondeu Thorn.

— Onde está ela, então? — perguntou o garoto. — Quem é essa criança? Quem você salvou, Thorn? Quem está tentando salvar?

— Alguns de nós possuem responsabilidades que vão além de uma única criança passando fome.

— Você não poderá salvar o mundo, Thorn, enquanto não estender a mão para essa primeira criança faminta.

O público estava do lado do agitador agora. Suas frases eram ecoadas por uma salva de palmas firme e repentina.

— Estou em desvantagem — comentou Thorn. — Você fica aí, no escuro, lançando ataques contra mim...

— Então acenda as luzes. Eu gritarei ainda mais alto!

O público riu e as luzes começaram a se acender. Os repórteres e fotógrafos levantaram repentinamente, voltando a atenção para os fundos do salão. Jennings enfureceu-se consigo mesmo por não ter levado lentes de longa distância. Focou em um amontoado de cabeças, captando o jovem furioso no centro delas.

Thorn permanecia calmo no palco, mas, quando as luzes se acenderam por completo, seu comportamento repentinamente mudou. Seus olhos não estavam no jovem, mas em outra figura, escondida nas sombras a alguma distância dele. Era um padre de estatura baixa que apertava nervosamente um chapéu. Tassone. Ainda que Thorn não conseguisse ver seu rosto, sabia que era ele, o que o imobilizou.

— Qual o problema, Thorn? — provocou o jovem. — Não tem nada a dizer?

A energia de Thorn havia subitamente desaparecido; uma onda de medo varrera seu corpo, enquanto ele permanecia mudo, perscrutando as sombras. Abaixo dele, Jennings virou a câmera na direção em que o palestrante olhava e disparou uma série de fotos.

— Vamos, Thorn! — disse o agitador. — Agora você consegue me ver. O que tem a dizer?

— Acho... — falou Thorn, vacilante. — Acho que suas observações foram acertadas. Todos devem dividir sua riqueza. Tentarei fazer mais do que venho fazendo.

O rapaz foi pego de guarda baixa por aquela reação, assim como o público. Alguém pediu que as luzes fossem apagadas e Thorn retomou a palestra. Esforçou-se para retornar ao atril e tornou a esquadrinhar as trevas.

E, num feixe de luz ao longe, distinguiu a batina de um padre que o espreitava.

Jennings chegou em casa tarde da noite e pôs os filmes no revelador. Como de costume, o embaixador o havia deixado impressionado e intrigado. Conseguia distinguir medo tanto quanto um rato consegue farejar seu queijo, e, sem dúvida, foi medo o que viu através do visor de sua câmera. Não era um medo inominável, uma vez que Thorn havia visto algo ou alguém na escuridão do auditório. A iluminação era fraca, o ângulo da câmera muito aberto, mas Jennings fotografara na direção do olhar de Thorn, na esperança de encontrar alguma coisa uma vez que o filme fosse revelado. Enquanto aguardava, deu-se conta de que estava com fome e abriu um saco de comida que trouxera consigo do hotel. Tinha comprado um galeto assado e uma garrafa de cerveja, e dispôs ambos à sua frente para cear. O galeto estava inteiro, exceto pela cabeça e pelos pés, e Jennings o encostou na garrafa de modo a deixá-lo de pé, encarando-o sem sua cabeça. Foi um erro, porque ele não conseguiria comer aquilo agora. Em vez disso, puxou uma de suas pequenas asas assadas e imitou um guincho, como se ela estivesse falando. Depois, abriu uma lata de sardinha e comeu em silêncio, na companhia de sua colega muda.

O alarme tocou. Jennings foi até o quarto escuro e, com uma pinça, tirou as provas do banho de ácidos. O que viu o deixou jubiloso, arrancando um uivo de alegria. Acendendo uma luz forte, pôs a lâmina sob uma lente de aumento e examinou as imagens, meneando a cabeça de prazer. Eram as fotos que ele tinha tirado dos fundos do salão. Embora não fosse possível discernir um único rosto ou corpo na escuridão, havia uma pequena mancha, parecida com uma lança, pairando sobre a multidão.

— Caralho! — Jennings bradou quando seus olhos toparam com outra coisa. Era um homem gordo fumando um charuto. A mancha, de fato, poderia ser fumaça. Vasculhando os negativos, ele separou as três em questão e as ampliou, esperando agonizantes quinze minutos até que estivessem prontas para serem examinadas. Não. Não era fumaça. A cor e a textura eram diferentes, assim como a distância relativa da câmera. Se

aquilo fosse fumaça do charuto, o homem precisaria ter soprado uma quantidade excepcional para criar uma nuvem daquele tamanho. Teria incomodado as pessoas que estavam em volta, e elas permaneciam imperturbáveis, olhando para frente, alheias ao fumante. A mancha fantasmagórica parecia pairar bem no fundo do salão, talvez encostada na parede. Jennings pôs a imagem sob sua lente de aumento e a estudou detalhadamente. Na parte de baixo, distinguiu o que parecia ser a batina de um padre. Ele ergueu os braços e deixou um grito escapar. Era o padre baixinho. De algum modo, ele estava envolvido com Thorn.

— Minha nossa! — exclamou Jennings. — Minha nossa senhora!

Em comemoração, voltou à mesa de jantar, arrancou as asas de sua companheira silenciosa e as devorou até os ossos.

— Vou encontrar esse padre — ele riu. — Vou descobrir quem ele é.

Na manhã seguinte, ele apanhou uma fotografia que havia tirado do padre com o fuzileiro, na escadaria da embaixada. Levou-a para diversas igrejas e, posteriormente, para o escritório central da paróquia de Londres. Mas ninguém reconheceu a fotografia, assegurando a Jennings que, se o padre estivesse empregado na área, eles saberiam quem era. Com certeza era alguém de fora da cidade. Seria um trabalho difícil. Num palpite, Jennings foi até a Scotland Yard, obtendo acesso aos registros de vigaristas, mas estes também não lhe deram respostas. Assim, sabia que só havia uma coisa a ser feita. Vira o padre saindo da embaixada daquela primeira vez, logo, alguém ali provavelmente o conhecia.

Era difícil obter acesso à embaixada. Os seguranças checavam credenciais e reuniões marcadas, e não deixaram que Jennings passasse da recepção.

— Eu gostaria de falar com o embaixador — explicou. — Ele disse que me reembolsaria pela câmera quebrada.

Interfonaram para o andar de cima e, para a surpresa de Jennings, pediram que ele fosse até um telefone no *lobby*, que alguém do escritório do embaixador o chamaria. O fotógrafo fez conforme instruído e, pouco depois, estava conversando com a secretária de Thorn, que queria saber a

soma envolvida e para qual endereço o cheque deveria ser enviado. Jennings falou:

— Gostaria de conversar pessoalmente com ele. Quero mostrar-lhe o que seu dinheiro está pagando.

Ela respondeu que aquilo seria impossível, visto que o embaixador estava em uma reunião, e Jennings decidiu ir direto ao assunto.

— Pra falar a verdade, achei que ele poderia me ajudar com um problema pessoal. Talvez você possa. Estou procurando um padre. Ele é parente meu. Veio tratar de um negócio aqui na embaixada e achei que alguém poderia tê-lo visto e me ajudar.

Era um pedido estranho, e a secretária relutou em responder. Jennings acrescentou:

— É um sujeito bem baixinho.

— Ele é italiano? — perguntou a secretária.

— Acho que passou um tempo na Itália — respondeu Jennings, fingindo para ver se conseguiria algo.

— O nome dele é Tassone? — indagou a secretária.

— Pra ser sincero, não tenho certeza. Veja, estou tentando encontrar um parente perdido. O irmão da minha mãe foi separado dela quando criança e teve seu sobrenome alterado. Minha mãe está morrendo e gostaria de encontrá-lo. Não sabemos seu sobrenome; temos apenas uma breve descrição. Sabemos que é baixo, como mamãe, e que virou padre. Um amigo meu disse que viu um padre sair da embaixada há umas semanas e que o sujeito era a cara da minha mãe.

— Um padre esteve aqui — explicou a secretária. — Ele disse que era de Roma e creio que seu nome era Tassone.

— Sabe onde ele mora?

— Não.

— Ele tinha negócios com o embaixador?

— Creio que sim.

— Talvez o embaixador saiba onde ele mora.

— Eu não saberia dizer. Mas acredito que não.

— Seria possível perguntar pra ele?

— Sem problemas.

— E quando poderia fazer isso?

— Só mais tarde.

— Minha mãe está bastante doente. Está no hospital neste momento e temo que seu tempo esteja ficando curto.

O intercomunicador tocou no escritório de Thorn. A voz da secretária indagou se ele sabia como contatar o padre que o procurara há duas semanas. Thorn parou o que estava fazendo e repentinamente empalideceu.

— Quem quer saber?

— Um homem que disse ter tido a câmera quebrada pelo senhor. O padre é parente dele. Ou, ao menos, ele acha que é.

Após uma breve pausa, Thorn solicitou:

— Pode pedir a ele para subir, por favor?

Jennings não teve dificuldades para chegar ao escritório de Thorn. Era claramente a sala do homem que estava no comando. Tinha estilo modernista e ficava no fim de um longo corredor, adornado com retratos de todos os embaixadores de Londres da História. Enquanto passava por eles, ficou espantado ao ver que James Monroe e John Quincy Adams tinham assumido aquele posto antes de serem presidentes. Quem sabe fosse uma boa plataforma. Quem sabe o velho Thorn estivesse *fadado* à grandeza.

— Entre — sorriu Thorn. — Sente-se.

— Desculpe incomodar.

— Sem problema.

O embaixador fez um sinal para que Jennings se aproximasse. Ele entrou e se sentou. Em todos aqueles anos de espreita, era a primeira vez que fazia um contato pessoal com sua presa. Havia sido fácil entrar na base da conversa mole, mas agora ele estava abalado, o coração acelerado e as pernas bambas. Lembrou-se de que havia se sentido daquela maneira na primeira vez que revelara uma foto. A excitação era grande, quase de natureza sexual.

— Estava querendo uma oportunidade para me desculpar pela câmera — disse Thorn.

— Seja como for, ela era velha...

— Gostaria de reembolsá-lo.

— Não é preciso...

— Eu gostaria. Queria poder te compensar.

Jennings deu de ombros e assentiu.

— Por que não me diz qual é o melhor modelo de câmera que existe, e eu pedirei que alguém a compre para você?

— Bem, isso é bastante generoso da sua parte...

— Só me diga qual é a melhor que existe.

— É uma marca alemã. Pentaflex. Trezentos mangos.

— Feito. Só diga à minha secretária como podemos encontrá-lo.

Jennings tornou a assentir e os homens observaram um ao outro em silêncio. Thorn o estudava, media, avaliava todos os detalhes, das meias que não combinavam ao colarinho puído de sua jaqueta. Jennings gostava daquele tipo de escrutínio. Sabia que sua aparência desarmava as pessoas. De uma forma perversa, conferia-lhe certa vantagem.

— Eu o tenho visto por aí — falou Thorn.

— É onde procuro estar.

— Você é bastante diligente.

— Obrigado.

Thorn saiu de trás da mesa e foi até um armário, do qual retirou e abriu uma garrafa de licor. Jennings assistiu enquanto ele servia e aceitou a taça.

— Achei que você lidou muito bem com aquele rapaz na outra noite — disse.

— Mesmo?

— Sim.

— Não tenho tanta certeza.

Estavam matando o tempo; ambos o sentiam, cada um aguardando que o outro fosse direto ao ponto.

— Acabei tomando *partido* dele — afirmou Thorn. — Logo a imprensa vai me chamar de comunista.

— Ah, você sabe como a imprensa é.

— Sei.

— Temos que ganhar a vida.

— Certo.

Eles beberam o licor e Thorn foi até a janela, seu olhar voltado para fora.

— Você está procurando um parente?

— Isso mesmo.

— Ele é um padre chamado Tassone?

— Ele é um padre, mas não tenho certeza do seu nome. Irmão da minha mãe. Foram separados quando crianças.

Thorn olhou para Jennings, que sentiu a decepção do embaixador, e perguntou:

— Então, não o conhece de fato?

— Não, senhor. Estou tentando encontrá-lo.

Thorn franziu a testa e sentou-se pesadamente na cadeira.

— Se me permitir perguntar... — arriscou Jennings. — Quem sabe se eu souber qual relação ele tem com você...

— Eram negócios relacionados ao hospital. Ele queria... uma doação.

— Qual hospital?

— Acho que um em Roma. Não tenho certeza.

— Ele deixou algum endereço?

— Não. Na verdade, estou um pouco aborrecido com isso. Prometi que enviaria um cheque e não sei para onde mandar.

Jennings assentiu:

— Então, creio que estamos no mesmo barco.

— Creio que sim — confirmou Thorn.

— Ele só apareceu aqui e se foi, só isso?

— Sim.

— E nunca mais o viu?

Thorn semicerrou os dentes e Jennings viu claramente que o embaixador escondia algo.

— Nunca.

— Achei que ele poderia... ter aparecido em um dos seus discursos.

Eles se entreolharam e Thorn percebeu que fora manipulado.

— Qual é o seu nome? — perguntou.

— Jennings. Haber Jennings.

— Sr. Jennings...

— Haber.

— Haber.

Thorn estudou o rosto do homem, evitando seu olhar a seguir, e tornou a mirar para fora da janela.

— Senhor?

— Tenho muito interesse em encontrar esse homem, o padre que veio aqui. Temo que tenha sido grosso com ele e gostaria de me desculpar.

— Grosso de que maneira?

— Eu fui rude ao dispensá-lo. Não escutei de verdade o que ele tinha a me dizer.

— Com certeza ele está acostumado com isso. Quando você pede doações...

— Gostaria de encontrá-lo. É importante pra mim.

Pela expressão no rosto de Thorn, decerto o era. Jennings sabia que havia tropeçado em alguma coisa, mas não sabia o quê. Só o que podia fazer era jogar limpo.

— Se o localizar, te aviso.

— Faria isso?

— Claro.

Thorn aquiesceu. Jennings levantou-se, foi até ele e apertou sua mão.

— Você parece bastante preocupado, sr. Thorn. Espero que o mundo não esteja pra explodir.

— Ah, não se preocupe — respondeu Thorn, sorrindo.

— Sou seu admirador. Por isso o sigo por aí.

— Obrigado.

Jennings encaminhou-se para a porta, mas Thorn o chamou:

— Sr. Jennings?

— Sim?

— Deixe-me entender uma coisa... você nunca chegou a ver esse padre?

— Não.

— Fez aquela observação sobre ele estar em um dos meus discursos. Pensei que talvez...

— Não.

— Bem, não importa.

Fez-se uma pausa desconfortável e Jennings novamente se pôs a rumar para a porta.

— Será que eu poderia tirar fotos suas? Digo, em casa, com sua família?

— Não é um bom momento.

— Quem sabe eu possa telefonar dentro de algumas semanas...

— Faça isso.

— Voltaremos a nos falar, senhor.

Ele saiu e Thorn o observou se afastar. Estava claro que o homem sabia de algo que não dissera. Mas o que poderia saber sobre o padre? Seria mera coincidência que um homem com quem tivera contato aleatoriamente estivesse procurando o mesmo padre que o assombrava? Thorn esforçou-se para dar sentido àquilo, mas não conseguiu. Como diversos outros eventos recentes em sua vida, parecia ser só uma coincidência, mas, de alguma maneira, era algo mais.

CAPÍTULO OITO

Para Edgardo Emílio Tassone, a vida na Terra não poderia ter sido muito pior do que no Purgatório. Foi por isso que ele, como tantos outros, concordara com o pacto, em Roma. Ele era português de nascença, filho de um pescador que morrera nos Grandes Bancos da Terra Nova durante a pesca do bacalhau. As lembranças que guardava da infância eram impregnadas de cheiro de peixe. Ele grudara em sua mãe como um manto infeccioso e, de fato, ela também viera a falecer por ter ingerido um parasita ao comer peixe cru, o que a deixara fraca demais para apanhar lenha e acender o fogo. Órfão aos oito anos de idade, ele foi levado a um monastério, onde era espancado por monges até confessar seus pecados, para que pudesse ser salvo. Aos dez anos, já havia abraçado a doutrina cristã, mas, àquela altura, suas costas estavam cobertas de cicatrizes oriundas das penitências cujo objetivo era fazer o Espírito Santo finalmente aparecer.

Com o temor de Deus incutido à força, ele devotou a vida à Igreja, tendo permanecido oito anos em um seminário onde estudara a Bíblia dia e noite. Ele leu sobre o amor e a ira de Deus, e, aos 25 anos, aventurou-se pelo mundo para salvar os outros das chamas do Inferno. Tornou-se um missionário; foi primeiro para a Espanha, depois para o Marrocos, sempre pregando a palavra do Senhor. Do Marrocos, viajou para o sudeste da África, onde encontrou pagãos para pregar e os converteu da mesma maneira que fora feito consigo. Espancava-os tal qual fora espancado, e veio a perceber que, no calor do êxtase religioso, encontrava um prazer quase sexual na dor. Entre os jovens africanos convertidos, um veio a adorá-lo. Eles partilharam o amor carnal, violando as leis primitivas do Homem e de Deus. O nome do rapaz era Tobu, da tribo Kikuyu. Quando ele

e Tassone foram pegos juntos, o jovem foi mutilado numa cerimônia; seu escroto aberto e os testículos removidos. Tobu foi obrigado a comê-los, sob o olhar atento dos seus irmãos guerreiros. O próprio Tassone escapou por pouco. Mais tarde, já na Somália, soube que, em seu lugar, um monge franciscano havia sido apanhado pelos kikuyus, esfolado vivo e obrigado a caminhar pelo deserto até que finalmente caísse morto.

Tassone fugiu para Djibouti, depois para Ade e a seguir para Jacarta, sentindo a ira de Deus sobre si em todos os lugares a que ia. A morte o espreitava, atingindo aqueles ao seu redor, e ele temia que a qualquer instante pudesse ser o próximo. Pelo conhecimento que tinha dos textos bíblicos, sabia muito bem o quão implacável poderia ser a ira de Deus quando este se sentia desprezado, portanto, movia-se rápido, buscando se proteger de algo que no fundo sabia ser inevitável. Em Nairóbi, conheceu o gracioso padre Spilletto, a quem confessou seus pecados; Spilletto prometeu protegê-lo e o levou para Roma. Ali, no conciliábulo de Roma, foi iniciado no dogma do Inferno. Os satanistas lhe ofereceram um santuário onde o julgamento divino não existia. Eles viviam em busca dos prazeres terrenos, e Tassone dividiu seu corpo com outros que apreciavam os mesmos prazeres que ele. Eram uma comunidade de párias que, juntos, excluíam todos os demais. O Demônio era adorado por meio da profanação de Deus.

O conciliábulo era formado em sua maioria por gente da classe trabalhadora, mas alguns eram pessoas da alta classe. Do lado de fora, todos tinham vidas respeitáveis — o que era sua arma mais valiosa contra aqueles que adoravam Deus. Sua missão era fomentar medo e tumulto, virar as pessoas umas contra as outras até o momento da chegada do Profano. Pequenos grupos chamados de forças-tarefas eram enviados em incursões para disseminar o caos sempre que possível. O conciliábulo de Roma tinha sido o responsável por grande parte dos tumultos na Irlanda, usando sabotagens empreendidas aleatoriamente para polarizar católicos e protestantes, alimentando o fogo que levou à Guerra Santa. Duas freiras irlandesas, conhecidas dentro do conciliábulo como B'aalock e B'aalam, tinham orquestrado os bombardeios na Irlanda. B'aalam morreu pelas

próprias mãos e seu corpo foi encontrado nos escombros da explosão de um mercado. Seus restos foram mandados de volta à Itália e enterrados no terreno sagrado de Cerveteri, o antigo cemitério etrusco conhecido hoje como Greppe di Sant'Angelo, nos arredores de Roma.

Por sua devoção ao Profano, B'aalam recebeu a honra de ser sepultada sob o Santuário de Techulca, o Deus-Demônio dos Etruscos, e membros de outros conciliábulos locais foram ao seu funeral, assistido por mais de cinco mil pessoas. Tassone ficou impressionado pela cerimônia e, posteriormente, tornou-se politicamente ativo no conciliábulo, buscando engrandecer-se e provar a Spilletto que era digno de confiança.

A primeira demonstração dessa confiança pôde ser dada em 1968, quando, ao lado de outro padre, Tassone foi despachado por Spilletto para o sudeste da Ásia, onde organizou um pequeno grupo de mercenários na região do Camboja ocupada pelos comunistas e com eles cruzou a fronteira do Vietnã do Sul, interrompendo o cessar-fogo. O Norte culpou o Sul, o Sul culpou o Norte e, poucos dias após a invasão de Tassone, a paz obtida a duras penas naquela terra fora despedaçada. O conciliábulo acreditava que isso pavimentaria o caminho para uma tomada comunista no sudeste asiático; primeiro o Camboja, Laos e Vietnã, depois, provavelmente Tailândia e Filipinas. Esperava-se que, em alguns anos, a própria menção da palavra "Deus" seria considerada heresia em todo o hemisfério sudeste. Após a retomada dos conflitos armados no Vietnã, o negociador do Vietnã do Norte, Le Doc Tho, recusou-se a aceitar um Prêmio Nobel por seu papel no Tratado de Paz, afirmando que a paz não havia chegado. Mas Henry Kissinger o aceitou do lado dos Estados Unidos, e a indiferença cega para com o fracasso dos seus esforços serviu para macular ainda mais a causa da democracia e liberdade.

Dentro do conciliábulo houve muita celebração, e Tassone, ao retornar, foi nomeado um dos líderes do culto. As chamas da inquietação queimavam na África e, ciente do quanto ele conhecia o continente, Spilletto o enviou para auxiliar na revolução que, posteriormente, levou ao poder o insano déspota africano Idi Amin. Uma vez que Tassone era branco, Amin não confiava nele, mas, mesmo assim, o padre permaneceu mais de um ano lá,

articulando com sucesso a manobra política de Amin para comandar a Organização da Unidade Africana.

Em grande parte, por conta das conquistas de Tassone, o conciliábulo de Roma passou a ser encarado por satanistas de todo o mundo como a sede da orientação política e do poder espiritual, e o dinheiro começou a fluir para Roma, o que aumentou sua força. Roma em si pulsava de energia; era a sede do catolicismo, a sede do comunismo ocidental e o núcleo dos satanistas de todo o mundo. A atmosfera praticamente crepitava pela sua força.

Foi nessa época, no auge do poder satanista e do tumulto no mundo, que os símbolos bíblicos se ajustaram em seus devidos lugares, antecipando o momento em que a História mudaria de forma repentina e irrevogável. Pela terceira vez desde a formação do planeta, o Maligno expeliria a sua prole, confiando os cuidados dela aos seus discípulos até o dia em que atingisse a maturidade. O processo já havia sido tentado duas vezes; e duas vezes havia falhado. Os cães de Cristo tinham descoberto e matado a Besta antes que ela ascendesse ao poder. Mas, desta vez, não haveria fracasso. O conceito estava correto; o plano, elaborado à perfeição.

Não era surpresa que Spilletto tivesse escolhido Tassone como um dos três agentes do monumental plano. O padre baixinho era leal, dedicado e seguia ordens sem a menor hesitação ou remorso. Por isso, seu papel seria o mais brutal; os assassinatos de inocentes que, por necessidade, tinham de estar envolvidos. Spilletto escolheria a família substituta e cuidaria da transferência da criança; a irmã Maria Teresa (que era como B'aalock se chamava agora) cuidaria da fecundação e do parto; e Tassone supervisionaria os sinistros detalhes finais, certificando-se de que as provas desapareceriam e os corpos seriam enterrados em terreno sagrado.

Quando Tassone entrara no conciliábulo, ficara ansioso, certo de que seria lembrado eternamente. Lembrado e reverenciado; ele, outrora um órfão rejeitado, agora era um dos Escolhidos, admitido como parte de uma aliança com o próprio Demônio. Mas, nos dias que precederam o evento, algo começou a se modificar dentro do padre e suas forças passaram a

vacilar. As cicatrizes nas suas costas começaram a doer; a agonia tornando-se mais intensa a cada noite que passava, enquanto ele ficava acordado na cama, desesperadamente tentando dormir. Por cinco noites ele se remexeu sem parar, combatendo ilusões perturbadoras que cruzavam sua mente. Chegou a procurar chás de ervas para dormir, mas nada amortizava os pesadelos que o assolavam durante o sono.

Ele teve visões de Tobu, o garoto africano, suplicando sua ajuda. E viu a silhueta esfolada de um homem, as órbitas sem olhos a encará-lo, tendões e músculos à mostra, uma boca sem lábios implorando misericórdia, enquanto vagava pelas areias do deserto. Tassone viu a si próprio quando garoto, aguardando na praia pelo retorno de seu pai, e viu a seguir sua mãe no leito de morte, pedindo perdão por estar morrendo, por abandoná-lo tão jovem e deixá-lo à própria sorte. Ele acordou gritando naquela noite, como se fosse sua própria mãe, suplicando perdão. E, quando voltou a dormir, a figura de Cristo apareceu ao seu lado, assegurando que ele seria perdoado. Cristo, em toda a sua beleza juvenil, o corpo delgado ainda exibindo as cicatrizes, ajoelhou-se junto a Tassone e disse que ele ainda seria bem-vindo no Reino dos Céus. Só precisava se arrepender.

O pesadelo havia abalado Tassone e Spilletto sentiu a tensão, chamando-o para um encontro, a fim de descobrir o motivo. Mas, àquela altura, Tassone havia se envolvido demais e sabia que sua vida estaria em risco se desse sinais de dúvida. Confirmou para Spilletto que ainda estava ansioso para fazer o que tinha de ser feito. Era só a dor nas costas que o estava incomodando, ele se justificou, e Spilletto lhe ofereceu algumas pílulas para aliviá-la. Desse momento em diante, até que a hora chegasse, Tassone pôde descansar num estado de tranquilidade entorpecida, e as inquietantes visões de Cristo deixaram de assombrá-lo.

A noite de seis de junho. O sexto mês, o sexto dia, a sexta hora. Os eventos ocorridos atormentariam Tassone até o fim da sua vida. No meio do trabalho de parto, a mãe substituta começou a uivar. A irmã Maria Teresa a silenciou com éter, enquanto a prole gigantesca irrompia do útero. Tassone terminou o trabalho por ela, usando a pedra que Spilletto havia lhe dado. Esmagou a cabeça do animal até transformá-la em polpa, e isso o preparou

para o que teria de fazer com uma criança humana. Porém, hesitou quando o recém-nascido foi levado até ele, pois era uma criança de incomum beleza. Olhou para os dois bebês, lado a lado: um coberto de sangue, de cabelos grossos; o outro suave, de pele branca e olhos que denotavam confiança absoluta. Sabia o que tinha de ser feito e o fez, mas não direito. O ato precisou ser executado novamente, e Tassone soluçou quando teve de abrir o caixão para acertar o filho de Thorn pela segunda vez. Por um instante, foi tomado pelo impulso de apanhar a criança, de fugir com ela e não parar mais até encontrar um lugar seguro. Mas viu que o infante estava irreparavelmente ferido, e a pedra desceu com firmeza mais uma vez. E de novo. E de novo. Até que os sons cessassem e o corpo estivesse inerte.

Nas trevas daquela noite, ninguém viu as lágrimas que corriam pelo rosto de Tassone; na verdade, depois daquela noite, ninguém do conciliábulo tornou a vê-lo. Ele foi para Roma na manhã seguinte e viveu em obscuridade por quatro anos. A seguir, foi para a Bélgica e trabalhou em meio aos pobres até chegar a uma clínica, onde passou a ter acesso a drogas que não só aliviavam a dor nas costas, como também reprimiam as assombrosas lembranças do que havia feito. Viveu sozinho e não conversava com ninguém, ficando gradativamente enfermo. Enfim, quando foi a um hospital, um diagnóstico foi rapidamente confirmado. A dor em suas costas era causada por um tumor maligno e inoperável, por conta da posição em que se encontrava junto à espinha.

Tassone estava morrendo e foi isso que o levou a buscar o arrependimento diante de Deus. Cristo era bom. Cristo o perdoaria. Ele provaria ser digno do perdão ao tentar desfazer o mal que cometera.

Reunindo o pouco de força que lhe restava, viajou para Israel, levando oito frascos de morfina para aliviar a dor que pulsava em suas costas. Estava em busca de um homem chamado Bugenhagen; um nome ligado a Satã quase desde o início dos tempos. Foi um Bugenhagen que, em 1092, havia encontrado o primeiro filho do Demônio e descobrira os meios para matá-lo. De novo, em 1710, foi um Bugenhagen quem descobrira o segundo, ferindo-o ao ponto em que fora incapaz de invocar qualquer poder

na Terra. Eram zelotes religiosos, os cães de guarda de Cristo. Sua missão era manter o Profano longe da face do planeta.

Tassone levou sete meses para localizar o último descendente dos Bugenhagen, pois este vivia escondido numa fortaleza subterrânea. Lá, assim como Tassone, ele esperava a morte chegar, torturado pelas enfermidades da velhice e pelo conhecimento de saber que havia falhado. Ele, como tantos outros, sabia que o momento chegara, mas não conseguira impedir que o Filho de Satã nascesse na Terra.

Tassone passou seis horas ao lado do homem, recontando a história, seu papel no nascimento; Bugenhagen escutou com desespero enquanto o padre implorava que interferisse, mas ele não poderia. Estava preso em sua fortaleza e não ousava ir para o lado de fora. Alguém que tivesse acesso direto à criança deveria ser levado à sua presença.

Temendo que não lhe restasse muito tempo, Tassone voou para Londres, para encontrar Thorn e convencê-lo do que precisava ser feito. Orava para que Deus o estivesse protegendo e temia que o Diabo o estivesse observando. Mas não era ignorante sobre como o Demônio trabalha e tomou todas as precauções para conservar sua vida e saúde até que encontrasse Thorn e contasse sua história. Se pudesse fazer isso, sabia que seria absolvido de seus pecados e poderia entrar no Reino dos Céus.

Tassone alugou um *flat* no Soho e o transformou em uma fortaleza, tão seguro quanto uma igreja. Suas armas eram as escrituras e ele cobriu cada centímetro de parede, até mesmo as janelas, com páginas tiradas da Bíblia. No todo, precisou de sete paredes. Havia cruzes penduradas por todos os lados, em todos os ângulos, e ele se certificava de nunca se aventurar do lado de fora sem que o seu crucifixo, impregnado com partículas de um espelho quebrado, estivesse no pescoço, refletindo a luz do Sol.

Mas descobriu não ser fácil alcançar sua presa. A dor nas costas o consumia e o único encontro com Thorn em seu escritório havia sido um fracasso. Ele havia assustado o embaixador e, por isso, fora sumariamente dispensado. Agora o seguia por todos os lugares num desespero crescente e, naquele dia, tornou a ver Thorn do lado oposto de um cordão de isolamento,

enquanto o embaixador e um grupo de dignitários inauguravam um projeto habitacional em uma região pobre de Chelsea.

— Tenho orgulho de inaugurar este projeto em particular... — Thorn discursava contra o vento para mais de uma centena de espectadores na rua — ...pois ele representa a vontade da própria comunidade de melhorar sua qualidade de vida!

Assim dizendo, ele enfiou uma pá na terra, enquanto uma banda de acordeões tocava uma polca. A seguir, ele e os dignitários foram levados na direção do cordão de isolamento para apertar as mãos do público, que se esforçava para tocá-los conforme chegavam perto. Ele era um político hábil, um homem que apreciava ser adulado. Moveu-se beirando o cordão para apertar cada uma das ávidas mãos, chegando até a se inclinar para ser beijado por lábios ansiosos. Mas, de repente, um sujeito o segurou pela camisa com violência inesperada e o puxou para perto do cordão.

— Amanhã — Tassone resfolegou para os olhos assustados do embaixador. — Uma da tarde, em Kew Gardens...

— Me solte! — ordenou Thorn.

— Me dê cinco minutos. Depois disso, nunca mais voltará a me ver.

— Tire as mãos...

— Sua esposa está em perigo. Ela morrerá se você não vier.

No momento em que Thorn se libertou, o padre desapareceu. O embaixador foi deixado entorpecido, olhando para rostos estranhos, enquanto *flashes* pipocavam diante dos seus olhos.

Thorn ficou indeciso quanto ao que fazer com relação ao padre. Poderia apenas mandar a polícia em seu lugar, para que prendesse Tassone. Mas a acusação seria de assédio, e Thorn, como reclamante, teria de aparecer. O padre precisaria ser interrogado. A situação viria a público. Os jornais se refestelariam, capitalizando em cima do discurso de um louco. Ele não podia permitir isso, nem agora, nem nunca. Não havia maneira de saber o que o padre diria. Sua fixação centrada no nascimento da criança; a coincidência macabra de ser um assunto sobre o qual Thorn tinha algo a

esconder. Como alternativa para a polícia, Thorn poderia mandar um emissário, talvez subornar o homem ou ameaçá-lo de alguma forma. Só que isso também significava envolver alguém de fora.

Ele cogitou Jennings, o fotógrafo, e quase cedeu ao impulso de telefonar para ele e dizer que havia localizado o homem que procurava, mas isso também não daria certo. Não poderia haver nada mais perigoso do que envolver um membro da imprensa. Mesmo assim, Thorn desejava que houvesse *alguém*. Alguém com quem partilhar. Pois, na verdade, estava assustado. Tinha medo do que o padre diria.

Naquela manhã, disse a Horton que queria passar um tempo sozinho e dirigiu ele mesmo seu carro. Passou a manhã inteira a esmo, evitando ir para o escritório somente pelo fato de não querer ser questionado sobre onde iria na hora do almoço. Ocorreu-lhe que poderia apenas *ignorar* o pedido do padre; talvez a rejeição o fizesse perder o interesse e desaparecer. Mas isso também não seria satisfatório, pois o próprio Thorn buscava confrontá-lo. Precisava encarar o homem e ouvir tudo o que tinha a dizer. Ele mencionara que Kathy estava em perigo, que morreria, caso Thorn não aparecesse. Não era possível que Kathy estivesse correndo algum risco, mas angustiava Thorn o fato de ela ter também se tornado um pivô na mente desequilibrada daquele homem.

Thorn chegou ao meio-dia e meia, estacionou junto ao meio-fio e aguardou dentro do veículo, tenso. O tempo passou lentamente e ele escutava às notícias, só ligeiramente ouvindo o locutor fazer uma lista de locais que estavam em dificuldades. Espanha, Líbano, Laos, Belfast, Angola, Zaire, Israel, Tailândia... Ele poderia literalmente fechar os olhos e pôr seu dedo em um mapa, que este ficaria a poucos centímetros de alguma área de risco. Parecia que, quanto mais tempo o homem permanecesse na Terra, menor era a perspectiva de habitá-la. Uma bomba-relógio fora acionada e, a qualquer instante, poderia explodir. Plutônio, o subproduto do poder nuclear, estava disponível para qualquer um agora e, com ele, mesmo a menor das nações poderia se armar para uma guerra nuclear. Seja como for, algumas pareciam fadadas à autodestruição. Não teriam nada a perder se, no seu ultraje, levassem o resto do mundo consigo. Thorn pensou no

Deserto de Sinai, a Terra Prometida. Perguntou-se se Deus, quando a prometera a Abraão, sabia que era lá que a bomba-relógio explodiria.

Ele olhou para o relógio do painel do carro e viu que era uma hora. Esforçando-se para controlar os nervos, lentamente adentrou o parque. Para não ser reconhecido, usava óculos escuros e uma capa de chuva velha, mas o disfarce aumentava sua ansiedade enquanto procurava pelo padre. Ao avistá-lo, estancou, resistindo ao impulso de não se aproximar mais. Tassone estava só, sentado em um banco, de costas para ele, e Thorn poderia facilmente ter dado meia-volta sem ser visto. Em vez disso, seguiu em frente, circulou o padre e o encarou.

Tassone ficou desconcertado ante o súbito aparecimento de Thorn; seu rosto estava tenso e banhado de suor, como se uma dor insuportável o afligisse. Ficaram em silêncio por um longo momento. Enfim, Thorn falou:

— Devia ter trazido a polícia.

— Eles não podem ajudar você.

— Vamos com isso. Diga o que tem a dizer.

Os olhos de Tassone estavam agitados e as mãos tremiam. O homem fazia visivelmente um terrível esforço; o esforço de combater a dor.

— Quando os judeus voltarem a Sião... — começou ele.

— Como é?

— Quando os judeus voltarem a Sião. E um cometa cruzar os céus. E o Santo Império Romano se erguer. Então, você e eu... teremos que morrer.

O coração de Thorn se acelerou. O homem *era* doido. Estava recitando um *poema,* a face rígida e em estado de transe, a voz ficando mais estridente.

— Do Mar Eterno ele se levantará. Em todas as margens, exércitos erguerá. Cada homem se voltará contra seu irmão. Até que do homem não restará um grão!

Thorn observou cada fibra do homem tremer. Ele lutava para conseguir falar.

— O Apocalipse previu isso tudo! — proferiu ele.

— Não vim aqui para escutar sermão religioso.

— Será por meio de uma personalidade humana totalmente sob seu controle que Satã lançará sua derradeira e mais formidável ofensiva. *O Livro de Daniel, O Livro de Lucas...*

— Você disse que minha esposa estava em perigo.

— Vá para a cidade de Megido — urgiu Tassone. — Na velha cidade de Jezrael. Procure o velho chamado Bugenhagen. Ele é o único que pode explicar como a criança tem que morrer.

— Escute aqui...

— Aquele que não for salvo pelo Cordeiro será destruído pela Besta!

— Já chega!

Tassone ficou em silêncio, sua postura vergada ao erguer a mão trêmula para limpar o suor que se acumulava na testa.

— Vim aqui... — afirmou Thorn, acalmando-se — ...porque você disse que minha esposa estava em perigo.

— Eu tive uma visão, sr. Thorn...

— Você disse que minha esposa...

— Ela está grávida!

Thorn foi pego de surpresa.

— Você está enganado.

— Acredito que ela esteja grávida.

— Ela não está!

— Ele não permitirá que a criança nasça. Ele a matará enquanto dorme no útero.

O padre grunhiu, sendo mais uma vez aturdido por uma dor terrível.

— Do que você está falando? — inquiriu Thorn.

— Do seu *filho,* sr. Thorn! O Filho de *Satã!* Ele matará a criança não nascida e matará sua esposa na sequência! E, quando estiver certo de que herdará tudo que é seu, também matará *você,* sr. Thorn!

— Agora já basta!

— E, com sua riqueza e poder, estabelecerá seu falso Reino na Terra, acatando diretamente as ordens de Satã...

— Você está completamente maluco! — rosnou Thorn.

— Ele *tem* que morrer, sr. Thorn!

O padre arquejou e uma lágrima escorreu de seu olho; Thorn o encarava, incapaz de se mover.

— Por favor, sr. Thorn... — choramingou Tassone.

— Você me pediu cinco minutos...

— Vá à cidade de Megido... Fale com Bugenhagen antes que seja tarde demais!

Thorn meneou a cabeça e apontou um dedo trêmulo para o homem.

— Já escutei o que tinha a dizer. Agora, quero que *você* me escute. Se voltar a vê-lo, mandarei que o prendam.

Ele deu a volta e começou a se afastar. Tassone gritou por entre lágrimas:

— Você me verá no Inferno, sr. Thorn. Vamos cumprir juntos nossa sentença lá!

Um momento depois, Thorn tinha desaparecido e Tassone ficara sozinho, a cabeça apoiada nas mãos. Permaneceu assim por vários minutos, tentando conter as lágrimas. Mas elas não cessavam. Estava tudo acabado e ele tinha falhado.

Erguendo-se devagar, correu os olhos pelo parque. Estava vazio e silencioso agora; a quietude era, de algum modo, ominosa. Era como se ele estivesse em um vácuo e o próprio ar prendesse a respiração. Então, começou a escutar um som. A princípio, distante, quase subliminar, mas que cresceu gradualmente, até preencher toda a atmosfera ao redor dele. Era o som do OM e, conforme este continuava a aumentar, Tassone agarrou seu crucifixo, sem fôlego, olhando temerosamente ao redor. O céu escurecia e uma brisa soprou, ganhando rapidamente ímpeto até que as copas das árvores estivessem sendo furiosamente sacudidas.

Segurando a cruz com ambas as mãos, Tassone começou a se mover, buscando a segurança da rua. Mas, ao chegar a ela, o vento cercou-o de repente; papéis e detritos rodopiando aos seus pés, enquanto ele arquejava e premia a vista, suportando as lufadas no rosto. Do outro lado da rua, avistou

uma igreja, mas, ao pisar para fora do meio-fio, o vento repentinamente o empurrou para trás, impedindo-o de ir na direção da segurança. O OM soava em seus ouvidos, misturado ao uivo do vento; Tassone gemeu por conta do esforço de seguir em frente, a visão obscurecida pela nuvem de pó rodopiante. Ele não viu ou ouviu o caminhão que se aproximava, apenas o guincho dos enormes pneus sendo freados e a derrapagem, que fez com que o veículo desse uma guinada a poucos centímetros dele e se chocasse contra uma fila de carros estacionados.

O vento parou de repente e pessoas passaram aos gritos por Tassone, indo na direção do acidente. A cabeça do motorista do caminhão pendia inerte para fora da janela, pingando sangue. Trovões rugiam nos céus e o padre permaneceu no meio da rua, choramingando de medo. Ao longe, um raio iluminou o céu acima da igreja, e Tassone deu meia-volta, correndo de novo para o parque. Um repentino trovejar marcou o início da tempestade e o padre correu em pânico, enquanto raios caíam ao seu redor. Uma árvore foi atingida à sua passagem e explodiu. Chorando de medo, ele escorregou na lama e, enquanto tentava se levantar, outro raio atingiu um banco do parque ao seu lado, incinerando-o como se fosse uma caixa de fósforos. Ele recuou e caiu sobre algumas moitas, emergindo em uma pequena rua lateral. O raio tornou a cair, atingindo uma caixa de correio, arremessando-a para o alto e abrindo-a como uma lata de sardinha, estatelada no chão.

Soluçando, o baixinho padre titubeou para a frente, os olhos voltados para os céus furiosos. A chuva caía forte, pinicando seu rosto, a cidade adiante borrada por um véu aquoso. Por toda Londres, as pessoas procuravam abrigo, enquanto janelas eram cerradas; a seis quarteirões dali, uma professora, assistida pelos atentos alunos, lutava para fechar uma antiga janela com um varapau. Ela nunca tinha ouvido falar do padre Tassone, nem sabia que seu destino estaria ligado ao dele, mas, naquele momento, nas ruas escorregadias, Tassone seguia inexoravelmente na direção dela. Ofegante e sem direção, ele corria pelas vielas, fugindo da ira que o perseguia. Os raios estavam distantes agora, mas as forças de Tassone decaíam e seu coração palpitava, ferindo o peito. Ele dobrou uma esquina à base de um edifício, a boca aberta buscando o ar desesperadamente. Seus

olhos estavam fixos no distante parque, onde raios ainda caíam, acompanhando o estrondo dos trovões; e ele não pensou em olhar para cima, onde um inesperado ato se desenrolava. De uma janela no terceiro andar, diretamente acima da sua cabeça, um varapau escorregou das mãos de uma mulher e arremeteu em um mergulho; sua base de metal cortando o ar como uma lança. Ele atingiu em cheio a cabeça do padre e atravessou toda a extensão do corpo, empalando-o no gramado.

Tassone ficou ali, suspenso, os braços inertes, como uma marionete dependurada durante a noite.

Por toda Londres, aquela chuva de verão cessou abruptamente.

Do terceiro andar da escola, uma professora meteu a cabeça para fora da janela e deu um grito; e, na rua, do outro lado do parque, um grupo de pessoas carregava o corpo de um motorista falecido por conta de um acidente com seu caminhão tombado, em cuja testa estava a marca ensanguentada do volante contra o qual ela se chocara.

Ao que as nuvens se dispersavam e os raios do Sol tornavam a brilhar pacificamente, um grupo de crianças curiosas reuniu-se ao redor da figura de um padre empalado num varapau de janela. Gotas de chuva pingavam do seu chapéu, cruzando um rosto congelado em uma expressão de assombro, a boca escancarada. Uma mosca varejeira se aproximou zumbindo e pousou nos lábios entreabertos.

Na manhã seguinte, nos portões dianteiros da mansão de Pereford, Horton apanhou o jornal e levou para o solário, onde Thorn e Kathy tomavam café. Ao sair, percebeu que o rosto da sra. Thorn continuava tenso e repuxado. Ela estava daquele jeito há semanas e ele suspeitava que aquilo tinha alguma coisa a ver com suas incursões regulares a Londres, para visitar o médico. De início, Horton suspeitou que as consultas às quais ele a levava eram para tratar alguma doença física, mas viu no diretório do saguão do edifício que o doutor Greer era um psiquiatra. Horton jamais tivera a necessidade de ir a um psiquiatra, nem conhecera alguém que tivesse, e nutria um sentimento de que eles só serviam para acompanhar gente louca. Quando uma pessoa lê nos jornais sobre algum demente

cometendo atrocidades, em geral a informação vinha acompanhada de que essa gente ia a um psiquiatra; a causa e o efeito eram claros. Agora, observando a sra. Thorn, sua teoria quanto à psiquiatria parecia confirmada. Independentemente do quão alegre ela estivesse no caminho para a cidade, sempre voltava quieta e taciturna.

Desde que as visitas começaram, seu humor ficara mais soturno e, agora, ela estava claramente estressada. Seu relacionamento com os funcionários da casa limitava-se a dar ordens concisas e sua relação com o próprio filho fora praticamente cortada. A parte mais infeliz era que a criança passara a ansiar por ela. Aquelas semanas em que Kathy se dedicara a ganhar a afeição do filho haviam surtido efeito, mas, agora que Damien a procurava, a mãe nunca estava disponível.

Para Kathy, não havia dúvida de que o tratamento vinha sendo perturbador, pois tinha arranhado a superfície das suas ansiedades e encontrado, sob elas, um poço de angústia e desespero. Sua vida era dominada por uma confusão extrema, de modo que ela não sabia mais quem era. Lembrava quem *costumava* ser e o que outrora queria, mas tudo ficara para trás, e Kathy não conseguia ver futuro algum. As coisas mais simples a enchiam de medo: o telefone tocando, o *timer* do forno desligando, a chaleira apitando, como se estivesse chamando sua atenção. Ela estava chegando a um ponto em que não conseguia mais lidar com nada, e o ato de simplesmente viver mais um dia requeria enorme coragem.

E aquele dia exigiria mais coragem do que os demais, pois ela descobrira algo que demandava a sua atenção. Seria necessário aquele tipo de confronto com seu marido que ela temia e, para somar-se às suas ansiedades, havia a criança. Ele tinha adquirido o hábito de ficar grudado nela todas as manhãs, tentando atrair sua atenção. Agora, estava dirigindo um carrinho no solário, batendo insistentemente na cadeira e gritando como uma locomotiva enquanto brincava.

— Sra. Baylock! — gritou Kathy.

Thorn, sentado diante dela enquanto abria o jornal, sobressaltou-se diante do tom raivoso da esposa.

— Algum problema? — perguntou.

— Damien. Não suporto esse barulho.

— Não é tão ruim assim...

— Sra. Baylock! — chamou ela.

A corpulenta babá chegou, quase correndo.

— Madame?

— Tire-o daqui — Kathy ordenou.

— Ele só está brincando — objetou Thorn.

— Mandei tirar ele daqui!

— Sim, madame — respondeu a sra. Baylock.

Ela segurou a mão de Damien e o levou para fora do local. Conforme iam, a criança olhou para trás, para a mãe, e seus olhos estavam cheios de dor. Thorn percebeu e voltou-se para Kathy, desesperado. Ela continuou a comer, evitando o olhar do marido.

— Por que tivemos um filho, Kathy?

— Pela nossa imagem — replicou ela.

— O quê?

— Como poderíamos não ter um filho, Robert? Quem já ouviu falar de uma bela família que não tivesse um filho?

Thorn absorveu a frase em silêncio, aborrecido pelo tom na voz dela.

— Kathy...

— É verdade, não é? Nunca pensamos em como seria criar um filho. Só pensamos em como nossas fotos ficariam nos jornais.

Thorn a encarou estupefato; ela devolveu o olhar e indagou:

— É verdade, não é?

— Isso é o que seu médico está fazendo por você?

— Sim.

— Então, acho que é melhor trocar uma palavrinha com ele.

— Sim, ele também tem uma coisa a discutir com você.

Ela estava sendo fria e direta. Thorn temeu instintivamente o que ela tinha a dizer.

— E o que seria isso? — perguntou.

— Nós temos um problema, Robert.

— Qual?

— Não quero mais nenhum filho. Nunca mais.

Thorn examinou o rosto dela, esperando que lhe dissesse algo mais.

— De acordo? — ela quis saber.

— Se é isso que você quer... — afirmou ele.

— Então você concordará com um aborto.

Thorn congelou. A boca aberta. Pasmo.

— Eu estou grávida, Robert. Descobri ontem, pela manhã.

Houve um momento de silêncio. A cabeça de Thorn rodava.

— Você me ouviu? — perguntou Kathy.

— Como é possível? — sussurrou Thorn.

— Deve ser o anticoncepcional. Nem sempre ele é eficaz.

— Você... está grávida?

— Há pouco tempo.

Thorn estava pálido e suas mãos tremiam enquanto olhava para a mesa.

— Você contou a alguém? — perguntou ele.

— Só para o doutor Greer.

— Tem certeza?

— De que não quero ficar com ele?

— De que você está grávida.

— Sim.

Thorn continuou imóvel, os olhos congelados no espaço. Ao seu lado, o telefone tocou, e ele o atendeu de forma mecânica.

— Sim? — Ele fez uma pausa, sem reconhecer a voz. — Sim, é ele. — Seu olhar ficou intrigado e mirou Kathy. — Quê? Quem é? Quem está falando?

A pessoa já tinha desligado e Thorn permaneceu estático, seu rosto preenchido de alarme.

— O que foi? — perguntou Kathy.

— Algo sobre o jornal de hoje...

— O que é que tem o jornal?

— Alguém me telefonou... e disse... pra ler o jornal de hoje...

Ele olhou para o jornal dobrado à sua frente e o abriu devagar, encolhendo-se ao ver a foto da primeira página.

— O que foi? — indagou Kathy. — Qual o problema?

Mas ele não conseguia responder. Kathy arrancou o jornal das mãos do marido e viu qual era a razão do seu torpor. Era a foto de um padre empalado por um varapau, sob uma manchete que dizia: PADRE CRUCIFICADO EM TRAGÉDIA BIZARRA.

Kathy viu que seu marido tremia e, sem entender, segurou sua mão. Ela estava fria.

— Robert...

Thorn levantou-se devagar e começou a se retirar.

— Você o conhecia? — perguntou Kathy.

Mas ele não respondeu. Kathy tornou a examinar a foto e, enquanto lia o artigo, escutou o carro de Thorn ser ligado e partir.

> "Para a sra. James Akrewian, professora da terceira série da Escola Industrial Bishop, aquele parecia ser um dia como outro qualquer. Era sexta-feira e, quando a chuva começou, ela preparava sua turma para fazer uma leitura em voz alta. Embora a água não estivesse entrando pela janela, a professora achou melhor fechá-la por conta do barulho. Ela já havia reclamado muitas vezes daquelas janelas antiquadas da sala, pois não conseguia alcançar as partes de cima e precisava de um banquinho, mesmo usando o varapau. Como não conseguia encaixar o gancho do varapau no anel de metal da janela, a professora o estendeu para fora, na tentativa de puxar a extremidade da janela e fechá-la. Mas ela se desequilibrou e o varapau escorregou de suas mãos, caindo e atingindo um transeunte que, provavelmente, procurava abrigo da chuva. A

identidade do falecido está sendo mantida em segredo pela polícia, que deve aguardar o contato de parentes."

Sem conseguir entender aquilo, Kathy telefonou para o escritório de Thorn e deixou um recado para que ele retornasse a chamada assim que possível. Aparentemente, seu marido não fora para o serviço naquela manhã, pois, quando deu meio-dia, ainda não lhe telefonara. Então, ela ligou para Greer, seu psiquiatra, mas o médico estava ocupado e não a atendeu. Sua última chamada foi para o hospital, para acertar os detalhes sobre o aborto.

CAPÍTULO NOVE

Após ver a foto do padre, Thorn dirigiu rapidamente para Londres; sua mente acelerada, querendo compreender o que estava acontecendo. Kathy *estava* grávida, o padre tinha razão. Agora, não poderia mais descartar as outras coisas que ele havia dito. Esforçou-se para se lembrar do encontro que tiveram no parque, os nomes e locais que Tassone pedira que fosse visitar, mas não conseguia recuperá-los de memória. Tentando se acalmar, ele procurou registrar cada evento recente. A conversa com Kathy, o telefonema anônimo. "Leia o jornal de hoje", disse a voz. Ela era familiar, mas Thorn não conseguiu reconhecê-la. Quem na face da Terra sabia de seu envolvimento com o padre? O fotógrafo. A voz era dele. Era Haber Jennings.

Chegando ao escritório, Thorn fechou-se em sua sala, chamou a secretária pelo intercomunicador e pediu que ela telefonasse para Jennings. Ela tentou, mas ninguém atendeu, apenas a mensagem de uma secretária eletrônica dizendo que ele estava fora. Ela relatou o fato a Thorn, que pediu o número e discou ele mesmo. A gravação era na própria voz de Jennings; um daqueles serviços do tipo faça-você-mesmo. Era a mesma voz que lhe telefonara. Mas por que ele não havia se identificado? Que tipo de joguinho estava fazendo?

A seguir, Thorn recebeu a notícia de que sua esposa havia ligado, mas hesitou em retornar a chamada. Ela queria falar sobre o aborto e ele não se sentia pronto para discutir a questão.

— "Ele não permitirá que a criança nasça" — Thorn lembrou-se das palavras do padre. — "Ele a matará enquanto dorme no útero."

O embaixador encontrou rapidamente o telefone do doutor Charles Greer e explicou que estava a caminho para tratar de um assunto de extrema

urgência.

A visita de Thorn não foi surpresa para Greer, que sentira a deterioração da paciente. Existe uma linha tênue entre ansiedade e desespero, e ele já tinha visto Kathy pular de lá para cá dessa linha em diversas ocasiões. Seu terror poderia tornar-se extremo, e ocorreu ao doutor que ela poderia tentar tirar a própria vida...

— Nunca se sabe a profundidade desses temores — ele disse a Thorn quando este chegou ao seu consultório. — Mas eu estaria sendo negligente se não confessasse que ela está com sérios distúrbios emocionais.

Thorn estava sentado tenso em uma cadeira de espaldar reto. O jovem psiquiatra fumava um cachimbo, puxando-o com força na tentativa de mantê-lo aceso, enquanto andava de um lado para o outro da sala.

— Já vi essas coisas — prosseguiu. — É como um trem de carga. Só o que podemos fazer é observá-lo ganhar velocidade.

— Então, ela piorou? — perguntou Thorn, numa voz abalada.

— Digamos que o problema está em desenvolvimento.

— Você não pode fazer nada?

— Eu a vejo duas vezes por semana. Creio que ela precise de cuidados diários.

— Está dizendo que minha esposa é louca?

— Vamos dizer que ela está vivendo nas suas próprias fantasias. E suas fantasias são assustadoras. Ela está respondendo a esse terror.

— Que fantasias...?

Greer fez uma pausa, avaliando se deveria elaborar ou não a resposta. Sentou-se pesadamente na cadeira, encontrando os olhos desesperados de Thorn.

— Pra começo de conversa, ela fantasia que seu filho não é dela de verdade.

Aquilo caiu sobre Thorn como um raio. Ele ficou imóvel, incapaz de responder.

— Interpreto isso não tanto como um temor, mas como um desejo. Inconscientemente, ela deseja que *não tivesse* filhos. Esta é uma maneira de alcançar isso. Ao menos em um nível emocional.

Thorn permaneceu pasmo.

— Não quero sugerir que a criança não é importante para ela — continuou Greer. — Pelo contrário, é a coisa mais importante da sua vida. Mas, por algum motivo, também é algo tremendamente assustador. Não sei ao certo se o medo gira em torno da maternidade, de apego emocional ou simplesmente um receio de ela ser inadequada. Incapaz de assumir seu papel.

— Mas ela *queria* um filho — Thorn conseguiu dizer.

— Por você.

— Não.

— Inconscientemente. Ela tinha a necessidade de se provar digna de você. Que melhor forma de fazer isso do que ter uma criança?

Thorn fixou os olhos num ponto adiante; seu rosto tomado pela exasperação. Greer prosseguiu:

— Agora, ela acha que não consegue lidar com a situação, portanto, procura algum motivo para não se sentir inepta. Assim, fantasia que o filho não é dela, que a criança é maligna...

— O quê?

— Kathy é incapaz de amá-la — Greer explicou. — Por isso, inventou um motivo para a criança não ser digna do seu amor.

— Ela acha que a criança é maligna?

Thorn estava abalado, o rosto rígido de medo.

— No momento, isso é algo necessário para ela — explicou Greer. — Mas o ponto é que, a esta altura, a chegada de outra criança seria desastrosa.

— De que forma... a criança é... “maligna”?

— É tudo uma fantasia. Ela também acredita que o filho não seja dela.

Thorn suspirou, tentando reprimir uma sensação de náusea.

— Não há necessidade de se desesperar — Greer o assegurou.

— Doutor...

— Sim?

Mas Thorn não conseguiu continuar. Os dois permaneceram sentados em silêncio na ampla sala, trocando olhares.

— Você estava prestes a dizer algo? — perguntou Greer. Seu rosto indicava preocupação, já que o homem à sua frente claramente queria falar algo, mas estava com receio.

— Sr. Thorn? Está tudo bem?

— Estou com medo — murmurou Thorn.

— Claro que está.

— Digo... estou *mesmo* com medo.

— É natural.

— Tem alguma coisa... terrível acontecendo.

— Sim, mas vocês vão superar isso.

— Você não está entendendo.

— Estou, sim.

— Não.

— Confie em mim, estou.

Thorn, prestes a chorar, segurou a cabeça com as mãos.

— O senhor tem estado sob pressão, sr. Thorn. Obviamente, mais do que imaginava.

— Não sei o que fazer — gemeu Thorn.

— Pra começar, tem que concordar com o aborto.

Thorn ergueu a cabeça e encarou Greer com firmeza.

— Não! — afirmou. O psiquiatra reagiu com surpresa:

— Se for por causa dos seus princípios religiosos...

— Não é isso.

— Certamente consegue ver a necessidade...

— Não permitirei isso — disse Thorn, resoluto.

— É preciso.

— Não!

Greer recostou-se à cadeira e fitou o embaixador com uma expressão de desânimo. Enfim, solicitou num tom baixo:

— Gostaria de saber o motivo...

Thorn o observou por um longo período e explicou:

— Foi previsto que a gravidez dela seria encerrada. E vou lutar para que isso não aconteça.

O médico ficou a observá-lo, confuso e preocupado.

— Sei como isso deve ter soado — falou Thorn. — E talvez seja eu quem esteja... louco.

— Por que diz isso?

— Porque essa gravidez precisa durar o bastante para me impedir de acreditar — ele respondeu, entredentes.

— "Acreditar"...?

— Igual à minha mulher. Acreditar que a criança é...

A palavra engasgou em sua garganta. Thorn levantou-se; os olhos plenos de urgência. Uma premonição o trespassara. Temeu que algo estivesse prestes a ocorrer.

— Sr. Thorn?

— Perdoe-me, doutor.

— Sente-se, por favor.

Thorn sacudiu abruptamente a cabeça e saiu da sala, seguindo para as escadas que levavam para o lado de fora. Uma vez na rua, correu até seu carro, tomado por um senso de pânico. Ao chegar, atrapalhou-se com as chaves. Havia alguma coisa errada. Ele tinha que ir para casa. Pisando fundo no acelerador, fez um retorno em "U", cantou os pneus e acelerou na direção da autoestrada. Pereford ficava a meia hora dali, e o embaixador pressentia, embora não soubesse a razão, que não chegaria a tempo. As ruas de Londres estavam cheias por conta do tráfego do meio-dia e ele buzinava, fez desvios e atravessou sinais fechados, cada vez mais tomado por uma sensação de agonia.

Na mansão em Pereford, Kathy também sentia a ansiedade, ocupando-se com tarefas domésticas na tentativa de aplacar o medo sufocante. Estava

no segundo andar, segurando um jarro com água e perguntando-se como alcançaria as plantas que ficavam suspensas logo acima da balaustrada. Queria regá-las, mas temia derramar água nos ladrilhos, dois andares abaixo. Atrás dela, na sala dos brinquedos, Damien pilotava seu carrinho, imitando o barulho de um trem de carga; o som se intensificando conforme ele aumentava a velocidade. Escondida das vistas de Kathy, a sra. Baylock estava num canto distante da sala dos brinquedos, os olhos fechados, como se rezasse.

Na estrada, os pneus do carro de Thorn cantaram quando ele entrou no trevo de acesso para a rodovia M-40, que levava diretamente ao seu lar. Dentro do carro, seu rosto estava carregado de tensão, as mãos apertando o volante enquanto o asfalto passava por sob o veículo como um borrão. Cada fibra de seu corpo estava retesada, num esforço para impelir o carro adiante. Atravessou a estrada como um raio bege, ultrapassando outros veículos como se estivessem parados. Thorn suava; cada carro adiante era um alvo a ser superado. Tocava a buzina para que saíssem da frente e, veloz como uma bala, fez seu carro voar. Pensou na polícia e olhou pelo retrovisor. Foi quando viu um vulto ominoso vindo logo atrás. Era outro carro. Preto e imenso, seguindo cada movimento seu. Um carro funerário. E estava chegando cada vez mais perto. E, enquanto o observava se aproximar, o rosto de Thorn ficou petrificado de terror.

Em Pereford, Damien acelerou em seu carrinho de brinquedo, batendo nele como se fosse um cavalo de corrida. No corredor, Kathy subiu em um banquinho. De onde estava, a sra. Baylock encarou a criança com firmeza, como se a dirigisse com pura força de vontade, incitando-a a ir mais rápido. O garoto acelerou, os olhos selvagens, o rosto frenético.

Em seu carro, Thorn grunhiu pelo esforço e pressionou o acelerador ao limite. O carro funerário continuava encurtando a distância e ele conseguiu ver a face fria do motorista a encará-lo. O velocímetro de Thorn estava em 150 km/h e subiu para 160, mas o perseguidor continuava se aproximando de forma inexorável. Ofegante, o embaixador sabia ter perdido a capacidade de raciocínio, mas não podia fazer nada. Ele não podia ser alcançado. O

motor de seu veículo silvava, mas o carro funerário continuava a se aproximar, começando a emparelhar com o dele.

— Não... — gemeu Thorn. — Não!

Estavam lado a lado agora; o carro funerário ultrapassando-o aos poucos. Thorn esmurrou o volante, querendo ir mais rápido, mas o oponente foi deixando-o para trás; um caixão passando em sua lateral lentamente.

Na casa, Damien acelerou, levado por seu carrinho de brinquedo, arremetendo loucamente pelo quarto. Do lado de fora, no corredor, Kathy, sobre o banquinho, se espichava para regar as plantas.

Na estrada, o carro funerário ultrapassou Thorn, que praguejou. Naquele instante, Damien arremeteu da sala dos brinquedos, colidindo seu carrinho contra o banquinho de Kathy e derrubando-a pelo espaço vazio, as mãos tentando desesperadamente agarrar o ar. Ao cair para trás, ela deu um grito e tentou segurar na balaustrada, apanhando um aquário redondo com um peixe dourado em vez dela. O aquário caiu junto dela em silêncio. O grito de Kathy cessou com o repentino impacto; o aquário atingiu o chão um segundo depois e se espatifou em milhares de fragmentos.

Kathy estava quieta e rígida agora. Ao seu lado, um delicado peixinho dourado jazia mole sobre o chão de ladrilhos.

Quando Thorn chegou ao hospital, este já se encontrava apinhado de repórteres, berrando perguntas e tirando fotos, os *flashes* explodindo em seu rosto, enquanto ele tentava desesperadamente superá-los e alcançar a porta identificada como TRATAMENTO INTENSIVO. Ele chegara em casa apenas para encontrar a sra. Baylock que, num estado de histeria, contou-lhe que Kathy havia caído e sido levada para o Hospital Municipal.

— Alguma notícia sobre as condições dela, sr. Thorn? — gritou um repórter.

— Sai da minha frente.

— Disseram que ela levou um tombo.

— Me deixem passar.

— Ela está bem?

Ele abriu caminho até a porta dupla, deixando as vozes dos repórteres para trás ao ganhar um longo corredor.

— Embaixador Thorn?

— Sim.

Um médico tinha aparecido, seguindo rapidamente até Thorn.

— Meu nome é Becker — disse ele.

— Ela está bem? — perguntou Thorn, quase em pânico.

— Ela vai ficar bem. É uma mulher bastante durona. Teve uma concussão, fraturou uma clavícula e teve hemorragia interna.

— Ela está grávida.

— Temo que não.

— Ela perdeu a criança? — Thorn se exasperou.

— No local onde caiu. Pretendia levar o feto para ser examinado, mas, quando o socorro chegou, sua empregada já tinha limpado tudo.

Thorn estremeceu e recostou-se a uma parede.

— Naturalmente... — prosseguiu o médico — ...seremos discretos sobre os detalhes de como aconteceu. Quanto menos pessoas souberem, melhor.

Thorn o encarou e o médico percebeu que ele estava confuso.

— Você *sabe* que ela pulou, não?

— Pulou?

— Do segundo andar de sua casa. Aparentemente, na frente do seu filho e da babá.

Thorn meramente o encarou. Então, virou o rosto para a parede. Pela tensão nos ombros dele, o médico percebeu que estava chorando. Acrescentou:

— Numa queda como essa, normalmente a cabeça é atingida antes. Então, de certo modo, podemos considerar que ela teve sorte.

Thorn assentiu, tentando conter as lágrimas.

— Calma, sr. Thorn — aconselhou o médico. — Há muito pelo que sentir-se grato. Ela ainda está viva e, com os cuidados apropriados, nunca

mais voltará a tentar algo assim. Minha cunhada era suicida. Foi tomar um banho de banheira e levou a torradeira consigo. Tentou se eletrocutar.

Thorn virou-se e o encarou.

— O ponto é que ela sobreviveu e nunca mais tentou suicídio. Já são quatro anos sem qualquer problema.

— Onde ela está? — perguntou Thorn.

— Ela mora na Suíça.

— Me refiro à minha mulher.

— No quarto 4-A. Ela deve voltar a si logo.

O quarto de Kathy estava escuro e silencioso. Uma enfermeira sentava-se em um canto folheando uma revista, quando Thorn entrou. Seu rosto foi tomado de choque. Ver Kathy ali foi assustador. O rosto da esposa estava inchado e pálido; um tubo saía do braço e se conectava no alto com uma bolsa de plasma. O outro braço estava engessado, dobrado grotescamente. Inconsciente, o rosto dela parecia despido de vida.

— Ela está dormindo — alertou a enfermeira, e Thorn adiantou-se rapidamente, postando-se ao lado da esposa no leito. Parecendo sentir a presença dele, Kathy gemeu e moveu lentamente a mão.

— Ela está sentindo dor? — perguntou ele, num tom vacilante.

— Está sedada. Sódio pentotal.

Thorn sentou-se ao seu lado, inclinou a cabeça sobre o leito e começou a chorar. Após um tempo, percebeu que a mão dela havia alcançado sua cabeça.

— Robert... — sussurrou ela.

Ele olhou para o rosto da esposa e a viu lutando para abrir os olhos.

— Kathy... — gemeu ele, por entre as lágrimas.

— Não deixe ele me matar.

Então, ela tornou a fechar os olhos e adormeceu.

Thorn chegou em casa depois da meia-noite e ficou parado no vestíbulo no escuro por um longo período, olhando para a mancha de sangue seco que havia no chão. Estava entorpecido, o corpo exausto, e ansiava por dormir.

Ansiava por qualquer maneira de se esquecer da tragédia que ocorrera. A vida tinha mudado agora de forma irremediável; era como se eles tivessem sido amaldiçoados.

Olhou para o topo das escadas e tentou imaginar Kathy ali, contemplando seu salto. Se ela queria mesmo acabar com a própria vida, por que não saltara do telhado? Havia pílulas na casa, navalhas, provavelmente uma dúzia de opções e ferramentas que ela poderia ter utilizado. Por que aquela? E por que na frente de Damien e da sra. Baylock?

Tornou a pensar no padre e no alerta que este fizera: "Ele matará a criança não nascida e matará sua esposa na sequência! E, quando estiver certo de que herdará tudo que é seu, também matará *você,* sr. Thorn!". Fechou os olhos e tentou tirar aquilo da cabeça. Pensou em Tassone, transfixado por um varapau, pensou no telefonema de Jennings e em seu próprio pânico irracional ao ser ultrapassado pelo carro funerário na rodovia. O psiquiatra estava certo. Ele estava sob estresse e seu comportamento era prova disso. Os medos de Kathy tinham passado para ele, suas fantasias, de alguma maneira, contaminaram-no. Mas não podia permitir que isso acontecesse. Mais do que nunca, precisava pôr a cabeça no lugar e ser racional.

Sentindo uma fraqueza física, foi para as escadas e subiu silenciosamente na escuridão. Pretendia dormir e, pela manhã, acordaria renovado, com frescor, pronto para lidar com aquilo tudo.

Diante da porta do próprio quarto, fez uma pausa e olhou pelo corredor mergulhado na penumbra, buscando o quarto de Damien. O brilho suave de um abajur se derramava pela fresta da porta e Thorn imaginou o rosto da criança na pacífica inocência do sono. Queria ver o filho e chegou a mover-se na direção do cômodo, buscando assegurar-se de que não havia nada a temer. Mas não conseguiu tal segurança, pois, ao abrir a porta do quarto, deparou-se com uma cena que o fez estremecer. Damien estava dormindo, mas não se encontrava só. De um lado, a sra. Baylock estava sentada, os braços cruzados, olhando resolutamente para o espaço. Do outro, viu o enorme cão com o qual topara semanas atrás, aquele que tinham encontrado

na floresta. Ele estava de volta, sentado em postura de atenção, como se montasse guarda diante da criança adormecida. Quase perdendo o fôlego, Thorn fechou a porta em silêncio e recuou até chegar ao seu quarto. Ficou ali parado, tentando acalmar a respiração, ciente de que estava tremendo. De repente, a quietude foi interrompida. O telefone tocou e ele apressou-se para atendê-lo, na mesinha de cabeceira.

— Alô...

— É o Jennings — respondeu a voz do outro lado. — Sabe? O repórter da câmera quebrada?

— Sim.

— Estou em Chelsea e acho melhor vir me encontrar imediatamente.

— O que você quer?

— Tem algo acontecendo, sr. Thorn. Algo que o senhor precisa saber.

O apartamento de Jennings ficava num bairro pobre e Thorn teve dificuldade de encontrá-lo. Chovia, a visibilidade era ruim e ele já estava prestes a desistir, quando avistou uma luz infravermelha brilhando numa janela, acima do nível da rua. Jennings estava ali, acenando para ele. Ao ser visto, percebendo que deveria ter limpado o local para receber um convidado tão distinto, virou-se, jogou algumas roupas dentro do armário, estendeu o cobertor sobre a cama e abriu a porta, aguardando a chegada de Thorn. O embaixador apareceu com o rosto pálido, enfraquecido por ter subido cinco lances de escadas.

— Tenho conhaque, se quiser.

— Por favor.

— Com certeza não é do tipo que está acostumado a beber.

Jennings fechou a porta e desapareceu em uma alcova, enquanto os olhos de Thorn escaneavam o obscuro local. Ele era banhado por uma luminosidade vermelha que vinha da porta aberta de um quarto escuro, onde as paredes estavam adornadas por todos os lados com fotografias ampliadas.

— Aqui vamos nós — disse Jennings ao retornar com uma garrafa e dois copos. — Com um gole disto você vai estar pronto pro que der e vier.

Thorn aceitou o copo e Jennings o serviu, sentando-se a seguir na cama. Apontou para uma pilha de almofadas no chão, mas Thorn preferiu ficar de pé.

— Saúde — disse Jennings. — Aceita um cigarro?

Thorn balançou a cabeça, irritado pelo comportamento casual do sujeito.

— Você disse que tem alguma coisa acontecendo?

— Isso.

— Quero saber o que quis dizer com isso.

Jennings o estudou cuidadosamente.

— Ainda não sabe?

— Não, não sei.

— Então, por que veio aqui?

— Você não me explicaria pelo telefone.

Jennings concordou e largou seu copo.

— Eu não poderia explicar... é algo que você precisa ver com seus próprios olhos.

— O quê?

— Fotos. — Ele se levantou e foi até o quarto escuro, acenando para que Thorn o seguisse. — Pensei que você gostaria de um pouco de socialização antes.

— Estou muito cansado.

— Bom... isso aqui vai espantar seu cansaço.

Ele acendeu um pequeno abajur, destacando um conjunto de fotos. Thorn entrou e sentou-se ao lado do fotógrafo, em um banquinho.

— Reconhece estas?

Eram da festa de aniversário de quatro anos de Damien; fotografias de crianças andando no carrossel e de Kathy olhando para a multidão.

— Sim — respondeu Thorn.

— Dê uma olhada nessa aqui.

Jennings tirou as fotos de cima, revelando uma de Chessa, a primeira babá de Damien. Ela estava de pé, sozinha, em sua roupa de palhaça, a casa como pano de fundo.

— Viu alguma coisa esquisita? — perguntou Jennings.

— Não.

Jennings tocou a foto e usou o dedo para traçar a tênue névoa que envolvia o pescoço da babá.

— No início, pensei que fosse uma mancha — explicou. — Mas dê só uma olhada como combina com a próxima fotografia.

Ele apanhou uma foto de Chessa pendurada no telhado.

— Não estou entendendo — afirmou Thorn.

— Me acompanhe.

Jennings pôs de lado a pilha de fotos e a substituiu por outra. No topo estava o pequeno padre, Tassone, saindo da embaixada.

— E essa aqui?

Thorn olhou para ele, aturdido.

— Onde foi que conseguiu isso?

— Eu a tirei.

— Achei que estivesse *procurando* por esse homem. Disse que ele era parente seu.

— Eu menti. Só dê uma olhada na foto.

Jennings tocou a foto, apontando o apêndice esfumaçado que parecia suspenso acima da cabeça do padre.

— Essa "sombra" sobre a cabeça dele...? — inquiriu Thorn.

— Sim. Veja só essa aqui. Tirada uns dez dias depois.

Ele apanhou outra fotografia e a pôs sob a luz. Era uma ampliação de um grupo de pessoas de pé nos fundos de um auditório. O rosto de Tassone não podia ser visto, só sua batina, mas, pouco acima de onde a cabeça deveria ficar, a mesma forma oblonga pairava no ar.

— Creio que seja o mesmo homem. Não dá pra ver o rosto, mas consegue ver o que está pairando sobre ele?

Thorn estudou a imagem, seus olhos repletos de confusão.

— Está um pouco mais pronunciado aqui — Jennings continuou a mostrar. — E, se calcular as dimensões do rosto dele, verá que a mancha está prestes a fazer contato com a cabeça. Nos dez dias de diferença entre a primeira fotografia e essa, ela moveu-se para baixo. Seja lá o que for, aproximou-se.

Thorn estava perplexo. Jennings tirou a foto e a substituiu por aquela que saíra na primeira página dos jornais; o padre empalado pelo varapau.

— Começa a perceber uma conexão? — perguntou ele.

O embaixador recostou-se, aturdido. Atrás deles, um despertador automático soou e Jennings acendeu outra luz, virando-se a seguir para encarar seu visitante. Ele murmurou:

— Também não sei como explicar, sr. Thorn. Por isso, comecei a investigar.

Ele pegou uma pinça, virou-se para uma bacia e tirou uma ampliação, sacudindo-a um pouco para deixar o líquido escorrer antes de levá-la até a luz.

— Tenho certos amigos na polícia. Me deram alguns negativos, que usei pra revelar fotos ampliadas. O relatório do legista disse que ele estava com câncer. Tomando morfina a maior parte do tempo... injetava duas ou três doses por dia.

Thorn estremeceu ao observar as ampliações. Eram três fotos diferentes; cada qual mostrava um ângulo do corpo nu do padre.

— Por fora, seu corpo estava completamente normal — prosseguiu Jennings. — Exceto por um pequeno detalhe, na parte interna da coxa esquerda.

Ele entregou a Thorn uma lente de aumento e guiou seu olhar para a última fotografia. Era do padre com os braços e pernas grotescamente abertos, as genitálias expostas. Thorn observou de perto, vendo a marca. Parecia algum tipo de tatuagem.

— O que é isso? — ele perguntou.

— Três vezes o número seis. Seiscentos e sessenta e seis.

— Campo de concentração?

Foi o que pensei, mas a autópsia mostrou que foi literalmente cinzelado na carne. Não faziam isso nos campos. Acredito que essa marca foi infligida por ele próprio.

A dupla se entreolhou; Thorn estava completamente perdido.

— Raciocine comigo — disse Jennings, apanhando outra foto e levando-a à luz. — Este é o apartamento onde ele vivia. Um *flat* no Soho. Água fria. Estava cheio de ratos quando as autoridades entraram. Ele tinha deixado um pedaço de carne salgada sobre a mesa, meio comido.

Thorn examinou a foto. Era um pequeno cubículo, onde havia apenas uma mesa, uma cômoda e uma cama. As paredes estavam cobertas por uma textura estranha, como se fossem tiras de papel amarrotadas, e cruzes enormes estavam à vista em todos os lados.

— O lugar inteiro está assim. Esses papéis espalhados nas paredes são páginas da Bíblia. Milhares delas. Cada centímetro de parede estava coberto por uma página, até mesmo as janelas. Como se ele estivesse tentando manter algo do lado de fora.

Pasmo, Thorn examinou a imagem.

— As cruzes também. Só na porta da frente havia 47 pregadas.

— Ele era... louco... — sussurrou Thorn.

Jennings o mirou diretamente.

— Sabe muito bem que vai além disso.

Jennings virou-se na cadeira e abriu uma gaveta, de onde tirou uma pasta velha.

— A conclusão da polícia é que ele era doido — disse. — Deixaram que eu fuçasse no apartamento e pegasse o que quisesse. Foi como obtive isto.

Jennings se levantou e foi para a sala de estar, seguido por Thorn. Lá, o fotógrafo virou a pasta de cabeça para baixo e derramou seu conteúdo sobre a mesa.

— Este pequeno item é um diário — ele mostrou, destacando um livro desgastado da pilha. — Mas não é sobre *ele*. É sobre *você*. Seus movimentos. Quando saía do escritório, para onde ia, em quais restaurantes almoçava, onde eram seus discursos...

— Posso ver?

— Fique à vontade.

Tremendo, Thorn apanhou o objeto e foi lentamente virando as páginas.

— A última anotação fala que vocês tinham marcado de se encontrar em Key Garden. Foi no mesmo dia em que ele morreu. Me parece que a polícia poderia ter se interessado um pouco mais, se soubesse disso.

Thorn desviou o olhar para Jennings, afirmando:

— Ele era louco.

— Era?

O tom na voz de Jennings foi ameaçador, e o embaixador enrijeceu sob seu escrutínio.

— O que você quer?

— Você se encontrou com ele?

— Não.

— Tenho mais informações a revelar, senhor embaixador... mas não o farei se não for honesto comigo.

— E qual o seu interesse nisso tudo? — sibilou Thorn.

— Quero ajudar, sr. Thorn. Como um amigo.

Thorn permaneceu rígido; os olhos fixos em Jennings.

— Os itens realmente importantes estão aqui — disse o fotógrafo, apontando para a mesa. — Quer conversar ou quer dar o fora daqui?

Thorn semicerrou os dentes.

— O que quer saber?

— Você o encontrou no parque?

— Sim.

— O que ele disse?

— Ele me fez um alerta.

— Sobre o quê?

— Disse que minha vida estava em perigo.

— Que tipo de perigo?

— Ele não foi claro sobre isso.

— Não me enrole.

— É verdade. Ele não estava falando coisa com coisa.

Jennings deu um passo atrás, observando Thorn com uma expressão de dúvida.

— Era algo sobre a Bíblia — acrescentou Thorn. — Recitou um poema. Não me recordo como era. Achei que ele estava louco, não consegui entender nada. Estou falando a verdade. Não me lembro e não entendi nada.

Jennings continuava cético e, nervoso, Thorn estava irrequieto.

— Acho que deveria confiar em mim — disse o fotógrafo.

— Você disse que tinha mais informações.

— Não vou falar até que me conte mais.

— Não tenho mais nada a dizer.

Jennings assentiu, aceitando o fato, e remexeu as coisas que estavam sobre a mesa. Acendendo uma lâmpada suspensa sobre a sua cabeça, encontrou um recorte e o deu para Thorn.

— É de uma revista chamada *O Astrólogo Mensal.* Um relatório de um astrólogo sobre o que ele chama de um "estranho fenômeno". Um cometa que assumiu a forma de uma estrela cadente. Como a estrela de Belém, dois mil anos atrás.

Thorn estudou o artigo, limpado o suor que se acumulava sobre seu lábio superior.

— Só que esta aqui aconteceu do *outro* lado do mundo — prosseguiu Jennings. — Na Europa, quatro anos atrás. Pra ser mais preciso, no dia seis de junho. A data o faz lembrar de algo?

— Sim — respondeu Thorn com aspereza.

— Então, também vai reconhecer o segundo recorte — respondeu Jennings, tirando outro pedaço de papel da pilha. — Foi tirado de um jornal

de Roma.

Thorn o apanhou e reconheceu imediatamente. Kathy o tinha em um álbum de recordações em casa.

— É o anúncio do nascimento de seu filho. *Também* foi no dia seis de junho, quatro anos atrás. Eu diria que é uma coincidência e tanto, não acha?

As mãos de Thorn tremiam tanto, que ele não conseguia nem ler os papéis que segurava.

— Seu filho nasceu às seis da manhã?

Thorn virou-se para ele; os olhos angustiados.

— Estou tentando decifrar essa marca na perna do padre. Os três seis. Acho que tem a ver com o seu filho. O sexto mês, o sexto dia...

— Meu filho está *morto!* — vomitou Thorn. — Meu filho está *morto*. Não sei de quem é este filho que venho criando!

Ele levou as mãos à cabeça e virou-se para o lado escuro da sala, respirando pesado, enquanto Jennings o observava.

— Se o senhor não se importar... — disse o repórter, num tom baixo — ...gostaria de ajudá-lo a descobrir.

— Não! — grunhiu Thorn. — Este problema é *meu!*

— Está errado, senhor. É meu problema também.

Thorn virou-se para ele e ambos se entreolharam. Jennings seguiu devagar para o quarto escuro e voltou com outra fotografia em mãos. Ela ainda estava molhada e pingando, e ele a sacudiu antes de entregá-la a Thorn.

— Tinha um pequeno espelho no canto do apartamento do padre — ele explicou, com dificuldade. — Quando estava fotografando, acabei pegando meu próprio reflexo nele.

Thorn olhou para a foto e o choque tomou seu rosto.

— É um efeito bem incomum, não acha? — perguntou Jennings.

Ele aproximou a lâmpada, de modo que Thorn pudesse enxergar com mais clareza. Na fotografia do quarto de Tassone, havia um pequeno espelho em um canto, que refletia Jennings segurando a câmera contra o rosto. Não havia nada de estranho no fotógrafo apanhar seu próprio reflexo

no espelho, mas, naquele caso, tinha algo faltando. Era o pescoço de Jennings; a cabeça estava separada do corpo por uma mancha enevoada.

CAPÍTULO DEZ

As notícias que circularam pela manhã sobre o acidente de Kathy facilitaram para que Thorn se ausentasse do escritório nos dias seguintes. Ele disse à sua equipe que iria a Roma para encontrar um especialista em ortopedia em nome da esposa, mas a verdade é que havia partido em uma missão diferente. Tendo contado toda a história para o fotógrafo, Jennings o convencera a começar do início, ou seja, retornar ao hospital onde Damien nascera. Lá, poderiam começar a juntar as peças.

A viagem foi planejada de modo discreto, sem alarde. Thorn contratou um jato particular para que pudesse partir de Londres e chegar a Roma por vias que eram inacessíveis ao público. Nas horas que antecederam sua partida, Jennings tratou de juntar material de pesquisa; várias versões da Bíblia e três livros sobre ocultismo. Thorn voltou a Pereford para fazer as malas, certificando-se de levar um chapéu e óculos escuros, para evitar que fosse reconhecido.

As coisas estavam incomumente calmas em sua casa e, ao andar pela mansão vazia, o embaixador percebeu que a sra. Horton havia ido embora. Seu marido também. Os carros estavam todos estacionados lado a lado na garagem.

— Eles se foram — disse a sra. Baylock, quando Thorn entrou na cozinha.

A mulher estava debruçada na pia, cortando vegetais à maneira que a sra. Horton sempre fizera.

— "Se foram"? — perguntou Thorn.

— Sim. Simplesmente acordaram e pediram demissão. Deixaram um endereço para que você possa enviar o cheque com seus últimos honorários.

Thorn estava chocado.

— Eles disseram o motivo?

— Não importa, senhor. Eu dou conta.

— Eles devem ter dado uma razão.

— Não para mim. Mas, até aí, eles nunca falaram muito comigo. Foi o homem quem insistiu. Acho que a sra. Horton queria ficar.

Thorn olhou para ela com uma expressão preocupada. Assustava-o deixar a mulher a sós na casa com Damien, mas não havia nada que pudesse fazer. Ele tinha que ir.

— Consegue cuidar de tudo se eu me ausentar por alguns dias?

— Creio que sim, senhor. Temos comida suficiente para duas semanas e acho que o garoto apreciará o silêncio e a paz da casa.

Thorn assentiu e encaminhou-se para a porta.

— Sra. Baylock? — disse, ali parado.

— Sim, senhor?

— Aquele cachorro.

— Ah, eu sei. Antes do final do dia ele já terá ido embora.

— Por que continua aqui?

— Nós o levamos para o campo e soltamos, mas ele deu um jeito de voltar. Na noite seguinte, estava na nossa porta... Bem, após o "acidente", o garoto estava bastante chocado, e pediu para que ele ficasse em seu quarto. Eu disse que o senhor não gostaria, mas, visto as circunstâncias, pensei que...

— Eu o quero fora daqui.

— Sim, senhor. Vou chamar o controle de zoonose ainda hoje.

Thorn virou-se para sair.

— Sr. Thorn?

— Pois não?

— Como está sua esposa?

— Está bem.

— Enquanto o senhor estiver fora, posso levar o garoto para vê-la?

Thorn ficou imóvel, observando a mulher, enquanto ela apanhava uma toalha de cozinha para secar as mãos. Era a imagem perfeita da vida doméstica e, de repente, ele sentiu-se confuso sobre por que desgostava dela.

— Prefiro que não. Eu o levarei quando voltar.

— Certo, senhor.

Eles acenaram um para o outro e Thorn saiu. Ele dirigiu até o hospital, onde consultou o doutor Becker, que o informou que Kathy estava desperta e sentindo-se relaxada. Ele perguntou se o psiquiatra dela poderia visitá-la e Thorn deu-lhe o número de Charles Greer. A seguir, o embaixador foi ao quarto de Kathy e, ao vê-lo, ela deu um sorriso mirrado.

— Oi — disse ele.

— Oi — murmurou ela.

— Está se sentindo melhor?

— Um pouco.

— Eles disseram que você vai ficar bem.

— Creio que sim.

Thorn puxou uma cadeira e sentou-se ao lado dela. Sentiu-se aturdido pela beleza da esposa, mesmo naquelas condições; feixes de luz entravam pela janela e iluminavam gentilmente os cabelos dela.

— Você está bonita — disse ele.

— Tenho certeza de que sou uma visão e tanto — falou ela.

Ele segurou a mão dela e ambos trocaram olhares.

— Estes são tempos estranhos — murmurou ela suavemente.

— Sim.

— Será que as coisas vão voltar ao normal um dia?

— Creio que sim.

Ela deu um sorriso triste. Thorn estendeu o braço e tirou uma mecha de cabelos de seus olhos.

— Nós somos pessoas boas, não somos, Robert? — perguntou Kathy.

— Eu acho que somos.

— Então, por que tudo está dando errado?

Ele balançou a cabeça, incapaz de responder.

— Se fôssemos pessoas terríveis... — disse ela, baixinho — ...então eu entenderia. Talvez a gente merecesse isso tudo. Mas o que fizemos de errado? O que foi que fizemos de errado?

— Eu não sei — ele sussurrou.

Ela estava tão vulnerável e inocente. Thorn viu-se tomado por variadas emoções.

— Você estará segura aqui — disse. — Vou passar uns dias fora.

Ela não reagiu. Nem sequer perguntou aonde ele ia.

— São negócios — justificou ele. — Algo que não consegui evitar.

— Quanto tempo?

— Três dias. Vou te telefonar todo dia.

Ela assentiu. Thorn levantou-se devagar, inclinou-se e deu um beijo suave na bochecha pálida e roxeada pelos hematomas.

— Robert?

— Sim?

— Eles me disseram que eu pulei.

Ela o encarou com um olhar infantil e intrigado.

— Foi isso que disseram para você? — perguntou.

— Foi.

— Por que eu faria isso?

— Eu não sei — sussurrou ele. — Isso é o que precisamos descobrir.

— Eu fiquei louca? — indagou de forma direta.

Thorn a observou por um longo instante. Então, meneou a cabeça.

— Vai ver todos ficamos.

Ela estendeu os braços e ele tornou a se inclinar, aproximando seu rosto ao da esposa.

— Eu não pulei — disse ela. — Foi Damien quem me empurrou.

Passou-se um longo silêncio e, lentamente, Thorn saiu do quarto.

O Lear Jet de seis lugares estava vazio, salvo por Thorn e Jennings. Enquanto ele cruzava o céu escuro em direção a Roma, a atmosfera em seu interior era tensa e silenciosa. Jennings havia espalhado ao seu redor os livros de pesquisa abertos e incitou Thorn a se lembrar de tudo que Tassone lhe dissera.

— Não consigo — respondeu um angustiado Thorn. — É tudo um borrão.

— Comece pelo início. Depois, conte tudo que puder.

Thorn recontou o primeiro encontro que tivera com o padre, depois como fora seguido por ele até ser persuadido a comparecer ao parque. Foi naquele encontro, o segundo que tiveram, que ele recitara o bizarro poema.

— Tinha alguma coisa a ver com... levantar-se do mar... — murmurou Thorn, enquanto esforçava-se para lembrar. — Sobre morte... e exércitos... Sobre o Império Romano...

— Vai ter que se esforçar mais.

— Eu estava aborrecido. Achei que ele era louco! Não estava escutando de fato.

— Mas você *escutou*. Você *ouviu*. A chave pra isso tudo está com você, portanto, desembucha!

— Não consigo.

— Tente!

Frustrado, Thorn fechou os olhos, tentando forçar a mente numa direção em que ela se recusava a ir.

— Eu lembro que... ele me implorou para tomar a comunhão. Beber o sangue de Cristo. Foi isso que ele disse, beber o sangue de Cristo...

— Por quê?

— Para derrotar o filho do Demônio. Ele disse para eu beber o sangue de Cristo, para poder derrotar o filho do Demônio.

— O que mais? — inquiriu Jennings.

— Um velho. Tinha alguma coisa a ver com um velho...

— Que velho?

— Ele me disse para procurar um velho.

— Não pare...

— Não me lembro...

— Ele lhe deu algum nome?

— Ma... Magdo. Magido. Megido. Não, essa era a cidade.

— Que cidade? — pressionou Jennings.

— A cidade pra onde eu tinha que ir. *Megido*. Tenho certeza. Foi pra lá que disse que eu precisava ir.

Afoito, Jennings vasculhou sua valise e apanhou um mapa.

— Megido... — murmurou. — Megido...

— Já ouviu falar?

— Aposto que fica na Itália.

Mas não ficava. E nem seria encontrada em qualquer país do continente europeu. Jennings estudou seu mapa por meia hora antes de fechá-lo e balançar a cabeça, desolado. Olhou de soslaio para Thorn e viu que o embaixador havia adormecido. Sem despertá-lo, voltou-se para os livros de ocultismo. Enquanto o pequeno avião cortava o céu da meia-noite, ele foi absorvido pelas profecias sobre a segunda vinda de Cristo. Ela estava ligada à vinda do Anticristo, a Criança Profana, o Messias do Mal:

> **...e sobre esta Terra virá o Messias do Mal, o filho de Satã em forma humana, criado pelo estupro de um animal quadrúpede. Assim como o jovem Cristo espalhou amor e ternura, o Anticristo espalhará o medo e o ódio... tendo recebido seus mandamentos diretamente do Inferno.**

O avião aterrissou com um solavanco, e Jennings agarrou seus livros, que saltitavam em desarranjo ao seu redor. Estava chovendo em Roma; trovoadas ribombando perigosamente acima deles.

Movendo-se rapidamente pelo aeroporto vazio, chegaram a um táxi, que os aguardava. Jennings tirou uma soneca enquanto rumavam para o centro da cidade debaixo da garoa. Thorn permaneceu sentado em silêncio quando passaram pelas esculturas iluminadas da Via Veneto e lembrou-se de como

ele e Kathy, outrora jovens e cheios de esperança, andaram de mãos dadas por aquelas ruas. Eram inocentes e estavam apaixonados, e ele lembrou-se do cheiro do perfume dela e da sua gargalhada. Os dois descobriram Roma à maneira de Colombo quando este descobrira a América. Reivindicaram-na como se lhes pertencesse. Fizeram amor naquela tarde como se não houvesse outro momento em suas vidas. Thorn olhou para a noite escura e se perguntou se algum dia voltariam sequer a fazer amor.

— Ospedale di Santo — disse o motorista do táxi após uma brusca freada.

Jennings acordou e Thorn apertou os olhos, tentando penetrar a escuridão, o rosto com uma expressão confusa.

— Não é aqui — afirmou.

— *Si.* Ospedale di Santo.

— Não. Ele era antigo, de tijolos. Eu me lembro.

— Este é o endereço certo? — perguntou Jennings.

— Ospedale di Santo — repetiu o motorista.

— *É differente* — Thorn insistiu.

— Ah — disse o motorista. — *Fuoco. Tre anni più o meno.*

— Que foi que ele disse? — perguntou Jennings.

— Fogo — respondeu Thorn. — *Fuoco* significa fogo.

— *Si* — confirmou o motorista. — *Tre anni.*

— O que tem o fogo? — inquiriu Jennings.

— Aparentemente, o hospital sofreu um incêndio e foi reconstruído.

— *Tre anni più o meno. Multo morte.*

Thorn olhou para Jennings.

— Três anos atrás. *Multo morte.* Muitas mortes.

Eles pagaram o motorista e pediram que esperasse. A princípio, ele se recusou, mas, quando viu o tipo de dinheiro que lhe estavam empurrando, concordou. Thorn disse a ele, arranhando um italiano, que precisariam dele até que fossem embora de Roma. O motorista pediu para telefonar para a esposa, garantindo que voltaria logo.

Dentro do hospital, a dupla sentiu-se imediatamente frustrada. Era tarde da noite e as pessoas responsáveis só voltariam pela manhã. Jennings saiu em busca de alguém que tivesse autoridade para dar informações, enquanto Thorn encontrou uma freira que falasse inglês, que confirmou que o incêndio de três anos atrás havia deixado o antigo hospital em ruínas.

— Com certeza ele não destruiu *tudo* — rogou Thorn. — Deve haver registros...

— Eu não estava aqui na época — explicou a freira num inglês vacilante. — Mas dizem que não restou nada.

— Seria possível que alguma papelada tenha sido armazenada em outro local?

— Eu não sei.

Thorn fez uma careta de frustração e a freira apenas deu de ombros, incapaz de oferecer qualquer outra ajuda.

— Olhe... — disse ele. — Isto é muito importante pra mim. Adotei uma criança aqui e estou em busca de registros de seu nascimento.

— Não havia adoções aqui.

— Houve *uma*. Não foi uma adoção de fato.

— Você está enganado. As adoções são feitas por intermédio do Serviço Social.

— Existem registros dos nascimentos? Vocês mantêm em algum lugar registros das crianças nascidas aqui?

— Sim, claro.

— Talvez, se eu lhe der uma data...

— Não adianta — interrompeu Jennings.

Thorn virou-se e o viu aproximar-se com uma expressão de desespero.

— O fogo começou na sala dos arquivos, no porão. Toda a papelada ficava lá e acabou incendiada como uma tocha. As chamas subiram pelas escadas... o terceiro andar virou um inferno.

— Terceiro andar...?

— A enfermaria e a maternidade — confirmou Jennings. — Só sobraram cinzas.

A postura de Thorn decaiu e ele precisou inclinar-se contra a parede.

— Se me derem licença... — falou a freira.

— Espere! — pediu Thorn. — E quanto aos funcionários? Certamente *alguém* sobreviveu.

— Sim. Algumas pessoas.

— Havia um homem alto. Um padre. Era um gigante.

— Seu nome era Spilletto?

— Sim — confirmou Thorn, excitado. — Spilletto.

— Ele era o nosso diretor — respondeu a freira.

— Sim, ele estava no comando. Ele...?

— Ele sobreviveu.

A esperança tornou a inundar o coração do embaixador.

— Ele está aqui?

— Não.

— Sabe onde...?

— Num monastério, em Subiaco. Muitos dos sobreviventes foram levados para lá. Muitos morreram lá. Talvez ele tenha morrido. Mas, ao incêndio, ele sobreviveu. Eu me lembro. Disseram que foi um milagre, pois ele estava no terceiro andar na hora do fogo.

— Subiaco? — perguntou Jennings.

A freira confirmou com a cabeça:

— No Monastério de São Benedito.

Voltaram para o táxi e examinaram o mapa de Jennings. Subiaco ficava ao sul da Itália e, para chegar lá, teriam que dirigir a noite toda. O motorista reclamou, mas eles lhe deram mais dinheiro e traçaram a rota com um canetão vermelho para que ele pudesse seguir enquanto dormiam. Só que ambos estavam ligados demais para conseguir dormir; em vez disso, voltaram aos livros de Jennings e os estudaram à fraca luz, enquanto o veículo movia-se pelo interior da Itália.

— Macacos me mordam... — falou Jennings, examinando a Bíblia. — Lá vamos nós.

— O que foi?

— Está tudo aqui, na Bíblia. Na droga do Apocalipse. Quando os judeus voltarem a Sião...

— Era isso! — Thorn o interrompeu, animado. — O poema. Quando os judeus voltarem a Sião. Aí, algo sobre um cometa...

— Está aqui também — Jennings afirmou, apontando outro livro. — Uma chuva de estrelas e a ascensão do Império Romano. Supostamente, são esses os eventos que sinalizam o nascimento do Anticristo, o Filho do Demônio.

Eles continuaram a leitura e Thorn apanhou em sua valise o texto interpretativo que havia utilizado para preparar um discurso no qual citara passagens bíblicas. Ele dava a clareza necessária para que os dois conseguissem compreender a simbologia das Escrituras.

— Então, os judeus voltaram a Sião... — concluiu Jennings, conforme a manhã se aproximava — ...e houve um cometa. Quanto à ascensão do Império Romano, os escolásticos acham que isso pode ser interpretado como a criação do Mercado Comum Europeu.

— Um pouco forçado... — ponderou Thorn.

— E quanto a isso aqui? — perguntou Jennings, abrindo um de seus livros. — Ele virá do Mar Eterno.

— Isso também estava no poema de Tassone — Thorn premeu os olhos, tentando se recordar. — "Do Mar Eterno ele se levantará... Em todas as margens, exércitos erguerá." Era assim que ele começava.

— Ele estava citando o Apocalipse o tempo todo. O poema foi tirado do Apocalipse.

— "Do Mar Eterno ele se levantará..." — Thorn lutava para se lembrar de mais coisas.

— O negócio é o seguinte, Thorn — falou Jennings, apontando para o seu livro. — Aqui diz que a Conferência Internacional de Ciências Teológicas interpretou o "Mar Eterno" como o mundo da política. O mar que está constantemente irrompendo em tumultos e revoluções.

Jennings olhou firme para Thorn.

— O Filho do Demônio virá do mundo da política — declarou.

Mas Thorn não respondeu; seus olhos se viraram para a paisagem que era aos poucos iluminada.

O Monastério de São Benedito estava num estado semi-decadente, mas a enorme fortaleza feita de pedra conservava sua força e dignidade, embora os elementos já tivessem começado a reivindicá-la. Ficava no alto de sua montanha, no sul da Itália, desde a época de Herodes, e resistira a todos os cercos que se seguiram. No início da Segunda Guerra Mundial, todos os monges dentro dela foram fuzilados por forças alemãs invasoras, que a utilizaram como quartel-general. Em 1946, ela foi reconstruída pelos italianos; uma compensação pelos trabalhos malignos que ocorreram em seu interior.

Contudo, apesar de todos os massacres ocorridos, São Benedito continuava sendo um local sagrado; severo e gótico no topo de sua colina. O som de orações religiosas ecoou no interior de suas paredes ao longo dos séculos, erguendo-se das próprias abóbadas da História.

Quando o táxi salpicado de lama encostou na estrada diante da fachada de quase um quilômetro de extensão, seus ocupantes estavam adormecidos; o motorista precisou virar-se para trás e sacudi-los para que acordassem.

— *Signores?*

Thorn e Jennings se espreguiçaram, e o fotógrafo abriu a janela e respirou o ar matinal, contemplando a paisagem fresca e úmida.

— *Santa Benedictus* — murmurou o cansado motorista.

Thorn esfregou os olhos, focando-se no enorme edifício emoldurado pelo céu vermelho da manhã.

— Dê só uma olhada nisso... — sussurrou Jennings, espantado.

— Não dá pra chegarmos mais perto? — perguntou Thorn.

O motorista balançou a cabeça.

— Aparentemente, não — concluiu Jennings.

Instruindo o motorista a encostar e dormir um pouco, eles seguiram a pé, e em pouco tempo estavam cercados até a cintura de mato, que molhava suas calças. O caminho era difícil e nenhum dos dois usava roupas

adequadas; respirando fundo naquele silêncio opressor, Jennings fez uma pausa e apanhou sua câmera, tirando meia dúzia de fotos.

— Incrível — murmurou. — Incrível pra cacete!

Impaciente, Thorn deu uma olhada para trás, e Jennings se apressou para alcançá-lo. Seguiram adiante juntos, escutando sua respiração na quietude e um distante canto, que parecia um gemido constante, vindo de dentro da construção.

— Há muita tristeza aqui — concluiu Jennings, quando chegaram à entrada. — Escute só isso. Escute essa dor no canto.

Era impressionante. O monótono canto parecia emanar das próprias paredes dos corredores e arcadas de pedra à medida que eles avançavam, olhando ao redor na tentativa de localizar a fonte do cântico.

— Acho que é por aqui — disse Jennings, apontando para um longo corredor. — Olhe só essa lama.

Adiante, o chão estava marcado por uma trilha de descoloração. O movimento de pés ao longo dos séculos havia desgastado a rocha, criando um vertedouro pelo qual a água seguia em épocas de chuva forte. Ele levava na direção de uma enorme rotunda de pedra, com imensas portas de madeira. Aproximaram-se devagar e o canto ficou mais forte. Ao abrirem as portas, ficaram espantados com o que se desvelou ante seus olhos. Era como se tivessem adentrado uma era medieval, e a presença de Deus, sua santidade espiritual, podia ser sentida como se fosse uma coisa viva e física. Era um salão imenso e antigo, com degraus de pedra que conduziam a um espaçoso altar sobre o qual havia uma enorme cruz de madeira, com a figura de Cristo talhada em pedra presa a ela. A rotunda em si era feita de blocos de pedra, pelas quais subiam trepadeiras que se uniam no centro de um teto abobadado, aberto para o céu. Naquele preciso momento, um raio de luz entrava pela abertura e iluminava a figura de Cristo na cruz.

— É disso que eu tô falando, cara — sussurrou Jennings. — É aqui que eles fazem suas preces.

Thorn concordou; seus olhos examinando a câmara e repousando sobre um grupo de monges encapuzados que rezavam ajoelhados entre bancos de

madeira. O canto era emotivo, contudo, enervante. Ele crescia e decaía, parecendo se renovar a cada vez que diminuía. Jennings apanhou seu medidor de luz e tentou fazer uma leitura da escuridão na câmara.

— Guarde isso — sibilou Thorn.

— Devia ter trazido o meu *flash*.

— Mandei guardar.

O fotógrafo encarou Thorn com firmeza, mas obedeceu. O embaixador estava profundamente transtornado e seus joelhos tremiam, como se insistissem para que ele se ajoelhasse junto a eles e rezasse.

— Você está bem? — perguntou Jennings.

— Eu sou católico — respondeu o outro, num tom vacilante.

Então, seu rosto congelou; os olhos fixos em alguma coisa na escuridão. Jennings seguiu seu olhar e viu. Era uma cadeira de rodas, ocupada por um homem gigantesco. Diferente dos demais, que estavam de joelhos com as cabeças curvadas, o da cadeira de rodas sentava-se ereto, a cabeça inclinada e os braços cruzados, como que paralisado.

— É ele? — murmurou Jennings.

Thorn fez um sinal positivo; seus olhos estavam arregalados de apreensão. Aproximaram-se para conseguir ver melhor e Jennings estremeceu quando as feições do padre puderam ser discernidas. Metade do seu rosto estava literalmente derretida, o olho cego e opaco voltado para cima. A mão direita também era grotescamente deformada, saindo pela manga do hábito como um coto liso e lustroso.

— Não sabemos se ele consegue ver ou escutar — disse o monge que estava de pé ao lado de Spilletto, no pátio do monastério. — Desde o incêndio, ele não falou coisa alguma.

Eles estavam no que outrora fora um jardim, agora decadente e repleto de estátuas quebradas. O monge havia empurrado a cadeira de Spilletto para fora da rotunda após o término da cerimônia religiosa. Os dois homens o haviam seguido até lá, tendo-o abordado uma vez fora do alcance dos demais. O monge continuou:

— Os irmãos cuidam dele e lhe dão de comer. E rezamos por sua recuperação, assim que sua penitência tenha sido completada.

— Penitência? — perguntou Thorn.

O monge fez um sinal de positivo com a cabeça.

— *Ai do Pastor que abandona as suas ovelhas. Que seu braço direito definhe e seu olho direito fique cego.*

— Ele caiu em desgraça? — inquiriu Thorn.

— Sim.

— Posso perguntar o motivo?

— Por ter abandonado Cristo.

Thorn e Jennings trocaram um olhar de perplexidade.

— Como o senhor sabe que ele abandonou Cristo? — Thorn indagou ao monge.

— Confissão.

— Mas ele não fala.

— Confissão escrita. Ele ainda movimenta um pouco a mão esquerda.

— Que tipo de confissão foi essa? — insistiu Thorn. O monge fez uma pausa:

— Posso perguntar a natureza dessas questões?

— É de grande importância — respondeu Thorn, ansioso. — Imploro que nos ajude. Há uma vida em risco.

O monge estudou o rosto de Thorn e concordou.

— Venha comigo.

O cubículo onde Spilletto dormia não possuía móveis, salvo um colchão de palha e uma mesa de pedra. Como a rotunda, tinha uma abertura no teto que permitia a entrada de luz e chuva, de modo que havia uma poça de água no chão, fruto das chuvas da noite anterior. Thorn percebeu que o colchão estava molhado e perguntou-se se todos ali sofriam do mesmo desconforto ou se aquilo fazia parte da penitência de Spilletto.

— Está escrita na mesa — o monge disse, ao entrarem. — Ele a escreveu com um pedaço de carvão.

A cadeira de rodas de Spilletto tiniu ao passar por sobre as pedras irregulares. Todos se reuniram em volta da pequena mesa, observando o estranho símbolo que o padre desenhara usando carvão. O monge explicou:

— Ele fez isso quando chegou aqui. Deixamos o carvão sobre a mesa, mas ele não desenhou mais.

Era uma figura grotesca de pauzinhos, rabiscada de maneira irregular, como um desenho infantil. Ela era deformada e encurvada, a cabeça cercada por uma linha semicircular, mas o que chamou imediatamente a atenção de Jennings foram os três numerais que estavam ao redor do semicírculo, acima da cabeça da figura. Eram números seis; três deles. Como a marca na coxa de Tassone.

— Reparem nessa linha curva, acima da cabeça — alertou o monge. — Ela indica o capuz de um monge. É o próprio capuz dele.

— É um autorretrato? — perguntou Jennings.

— Acreditamos que sim.

— E quanto aos seis?

— Seis é o número do Demônio. Sete é o número perfeito, o número de Jesus. Seis é o número de Satã.

— Por que há três deles? — Jennings quis saber.

— Nós acreditamos que eles simbolizam a Trindade Diabólica. O Demônio, o Anticristo e o Falso Profeta.

— Pai, Filho e Espírito Santo — observou Thorn.

O monge aquiesceu:

— Para tudo sagrado que existe, há algo profano. É a essência da tentação.

— Por que considera isso uma confissão? — Jennings indagou.

— Ela é, como você pontuou, um autorretrato. Ou é o que acreditamos. Simbolicamente, a imagem está cercada pelo triunvirato do Inferno.

— Então, você não sabe de forma específica qual é o ato que ele confessou?

— Os detalhes não importam — respondeu o monge. — Tudo o que importa é que ele quer se arrepender.

Jennings e Thorn trocaram uma longa olhadela; a face de Thorn repleta de frustração. Ele perguntou:

— Posso falar com ele?

— Não vai adiantar nada.

Thorn olhou para Spilletto e estremeceu diante daquele rosto estático e reluzente.

— Padre Spilletto... — disse com firmeza — ...meu nome é Thorn.

O padre permaneceu mudo, olhando para cima, sem se mover, sem escutar.

— Eu disse, não adianta — repetiu o monge.

Mas Thorn não se deteve.

— Padre Spilletto... havia uma *criança*. Quero saber de onde ela veio.

— Por favor, *signore...* — rogou o monge.

— Você confessou para *eles* — gritou Thorn. — Agora, confesse para *mim!* Quero saber de onde a criança veio!

— Vou ter que pedir a vocês para se...

— Padre Spilletto! Me escute! Me diga!

O monge tentou alcançar a cadeira de Spilletto, mas Jennings se pôs no caminho.

— Padre Spilletto! — Thorn gritou para o rosto mudo e imóvel. — Eu imploro a você! Onde está a mãe? *Quem* era ela? Por favor, responda *agora!*

De repente, eles foram sacudidos ao que a própria atmosfera ao seu redor trovejou, quando os sinos da torre da igreja começaram a soar. Foi ensurdecedor, e Thorn e Jennings estremeceram, enquanto o barulho ressoava pelas paredes de pedra do monastério. Foi quando Thorn olhou para baixo e viu que a mão do padre começara a tremer e a se erguer lentamente.

— O carvão! — berrou Thorn. — Deem o carvão pra ele!

Agindo rápido, Jennings apanhou o toco de carvão sobre a mesa e o entregou ao velho. E, enquanto os sinos continuavam a soar, a mão do padre

moveu-se rígida pela pedra, traçando letras cruas que oscilavam a cada impacto dos sons ensurdecedores.

— É uma palavra! — exclamou Jennings, com empolgação. — C... E... R...

O padre tremia, lutando para continuar; a dor de seu esforço transparecendo na boca desfigurada que se escancarava, emitindo um agonizante e animalesco gemido.

— Não pare! — Thorn o incitou.

— V... — leu Jennings. — E... T...

Subitamente, os sinos cessaram. O padre deixou o carvão cair dos dedos espasmódicos e a cabeça pendeu para trás, na cadeira. Estava exausto, os olhos fixos à frente e o rosto banhado de suor.

Enquanto o eco esmorecia ao redor deles, ficaram em silêncio, olhando para a palavra rabiscada na mesa.

— Cervet? — perguntou Thorn.

— Cervet! — ecoou Jennings.

— Isso é italiano?

Eles viraram-se para o monge que, confuso, olhou para a palavra e a seguir para Spilletto.

— Isso tem algum significado para você? — perguntou Thorn.

— Cerveteri — disse o monge. — Acho que é Cerveteri.

— E o que é isso? — inquiriu Jennings.

— Um antigo cemitério, da época dos etruscos. Greppe di Sant'Angelo.

O corpo entesado do padre tornou a tremer e ele gemeu, como se quisesse falar. Mas, incapaz de fazê-lo, caiu em silêncio e relaxou, rendendo-se ante as limitações de seu corpo.

Thorn e Jennings olharam para o monge, que meneou a cabeça, em desânimo.

— Cerveteri não passa de ruínas. Os restos do Santuário de Techulca.

— Techulca? — Jennings perguntou.

— O deus do mal para os etruscos. Eles eram adoradores do Demônio. O cemitério também era um local de sacrifícios.

— Por que ele escreveria isso? — indagou Thorn.

— Eu não sei.

— Onde fica esse lugar? — perguntou Jennings.

— Não há nada além de túmulos lá, *signores...* e alguns cachorros selvagens.

— Onde fica? — repetiu Jennings, com insistência.

— O motorista do seu táxi vai saber. Acho que a uns cinquenta quilômetros ao norte de Roma.

Foi difícil acordar o motorista do táxi, e Thorn e Jennings tiveram de esperá-lo defecar no campo, ao lado da estrada. Ele estava descontente agora, e arrependido de ter aceitado o trabalho, ainda mais quando soube para onde a dupla queria ir a seguir. Cerveteri era um local evitado pelos homens tementes a Deus, e eles não chegariam lá antes da meia-noite.

A tempestade que pairava sobre Roma tinha se espalhado e as fortes chuvas atrasavam seu progresso. Já na escuridão, saíram da rodovia principal para uma estrada mais velha, cheia de lama e buracos. Todos tiveram que sair do veículo e empurrá-lo quando, após uma derrapada, a roda esquerda atolou numa vala. Ao voltarem para seu interior, todos estavam ensopados e tremendo. Jennings checou seu relógio e viu que já era próximo da meia-noite. Foi seu último pensamento antes de adormecer, tendo despertado várias horas depois para perceber que o táxi não se movia mais e que tudo estava silencioso em seu interior. Thorn dormia ao seu lado, enrolado em um cobertor, e tudo que podia ser visto do motorista eram seus sapatos cheios de lama, enquanto ele se espalhava no banco da frente, roncando.

Jennings abriu a porta e saiu no escuro, cambaleando até uma moita próxima, para urinar. O amanhecer se aproximava e o céu começava a denotar os primeiros sinais de luz. O fotógrafo forçou a vista, tentando discernir suas cercanias e, aos poucos, foi percebendo que eles haviam

chegado. À sua frente havia uma cerca de ferro e, além dela, lápides se destacavam contra a tênue luz que despontava no céu.

Voltou para o táxi, olhou para Thorn e a seguir para seu relógio, que marcava dez para as cinco da manhã. Com cuidado, foi até a porta do motorista e alcançou as chaves na ignição. Abriu o porta-malas zelosamente e levantou a tampa. Ela se ergueu com um guincho, mas não acordou os demais. Jennings procurou o estojo de sua câmera naquela escuridão e a carregou com um rolo novo de filme. Depois, testou o *flash*, que disparou contra seus olhos, cegando-o por alguns momentos. Ele titubeou, esperou a visão clarear e jogou o equipamento sobre os ombros, parando ao ver uma chave de roda descansando em meio a estopas ensopadas de óleo, num canto do porta-malas. Ele a apanhou e meteu em seu cinto. Fechou a tampa com cuidado e caminhou devagar até a cerca de ferro. O chão estava molhado e Jennings sentia frio, conforme se movia ao longo da cerca, procurando algum ponto de entrada. Não achou nenhum. Certificando-se de que o equipamento estava seguro, escalou a cerca com o auxílio de uma árvore próxima, mas perdeu o equilíbrio e tombou para o lado de dentro, rasgando seu casaco no processo. Pôs-se de pé, ajustou a câmera e seguiu para o interior do cemitério. O céu estava mais claro agora e era possível divisar detalhes dos túmulos e das estátuas arruinadas que o cercavam. Elas eram elaboradas e ornamentadas, ainda que desfiguradas pelo tempo; rostos como os de gárgulas, com expressões crípticas, algumas quase colapsadas, com ratos movendo-se em sua volta, despreocupados com a presença dele, entrando e saindo das tumbas ocas.

Apesar do frio, Jennings suava, olhando ao redor com inquietação, enquanto avançava pelo mato alto. Sentia como se estivesse sendo observado; os olhos vazios das gárgulas aparentemente seguindo-o por onde passava. Ele fez uma pausa e tentou aplacar a inquietação. Seus olhos moveram-se para o alto e se arregalaram com o que viram. Era um gigantesco ídolo de pedra que o encarava de cima, o rosto congelado em ira, como se estivesse ultrajado pelo invasor. Jennings ficou ofegante ante o olhar da estátua, que parecia exigir que fosse embora. Seu rosto era humano, a expressão, animal; a testa profundamente vincada, o nariz

bojudo. Uma boca carnuda se abria, como num grito de fúria. Combatendo seu medo, Jennings ergueu a câmera e tirou três fotos com o auxílio do *flash*, que atingiram o ídolo de pedra como súbitos golpes de relâmpago.

Dentro do táxi, os olhos de Thorn se abriram lentamente e ele percebeu que Jennings havia desaparecido. Saindo do carro, viu o cemitério e seu estatuário em ruínas, agora iluminado pelos primeiros raios da manhã.

— Jennings?

Não houve resposta. Thorn foi até a cerca e tornou a chamar. A resposta foi um som distante, o som de algo movendo-se dentro do cemitério, como se alguém viesse em sua direção. Thorn segurou as barras de ferro escorregadias da cerca e, com um esforço, ergueu-se por sobre elas, caindo pesadamente no chão, do outro lado.

— Jennings?

O som de movimentos cessara e Thorn vasculhou o labirinto de estátuas quebradas adiante. Forçando-se a se mover, caminhou devagar; os sapatos rangendo ao afundarem na lama. Ao ver as gárgulas, sentiu-se enervado pelos seus olhares. Havia lá certa quietude de um tipo que ele já experimentara; um silêncio em suspensão, como se a própria atmosfera tivesse prendido a respiração. Foi em Pereford que sentira aquilo, na noite em que vira olhos encarando-o de dentro da floresta. Ele estancou, temendo estar novamente sendo observado. Seus olhos examinaram as estátuas, repousando em uma imensa cruz, plantada de cabeça para baixo no chão. Ele enrijeceu. De algum lugar atrás dela veio um som. Era algo se movendo novamente, mas, desta vez, vinha rápido, diretamente em sua direção. Thorn quis correr, mas não conseguiu, seus olhos se arregalando conforme o ruído aumentava.

— Thorn!

Jennings, sem fôlego e de olhos esbugalhados, explodiu por detrás de uma moita. Thorn arfou, sentindo todo o corpo tremer, enquanto o fotógrafo vinha até ele, segurando a chave de roda.

— Eu encontrei! — balbuciou ele. — Encontrei!

— Encontrou o quê?

— Venha aqui. Venha comigo.

Eles saíram correndo pelo mato, Jennings desviando-se de lápides como um soldado transpondo obstáculos, enquanto Thorn lutava para acompanhá-lo.

— Ali! — berrou o fotógrafo, parando diante de uma clareira. — Dê uma olhada! São esses!

Aos pés dele, havia dois túmulos, cavados bem próximos, lado a lado. Diferente dos demais no cemitério, eram mais recentes, um grande e outro pequeno. Suas lápides não tinham adornos, trazendo somente os nomes e as datas.

— Veja as datas! — exclamou Jennings, exaltado. — Seis de junho. *Seis de junho!* Quatro anos atrás. Uma mãe com seu filho.

Thorn aproximou-se devagar e ficou ao lado dele, olhando para as covas.

— São os dois únicos túmulos recentes em todo o local — afirmou Jennings com orgulho. — Os outros são tão antigos, que não dá nem pra lê-los.

Thorn não respondeu. Apenas se ajoelhou e limpou a sujeira das lápides, para ver o que estava escrito.

— Maria Avedici Santoya... — ele leu. — *Bambino* Santoya... *In Morte et in Nate Amplexarantur Generationes.*

— O que quer dizer?

— É latim.

— E o que significa?

— Na morte... e no nascimento... as gerações se abraçam.

— Uma descoberta e tanto, eu diria.

Jennings ajoelhou-se ao lado de Thorn, surpreso ao ver que seu companheiro chorava. O embaixador havia curvado a cabeça e estava aos prantos. Jennings aguardou que ele parasse.

— Então é isso — disse Thorn. — Eu sei... aqui é onde meu filho foi enterrado.

— E, provavelmente, a mulher que pariu a criança que você vem criando.

Thorn encarou Jennings.

— Maria Santoya — afirmou o fotógrafo, apontando para a lápide. — Há uma mãe e um filho.

Thorn balançou a cabeça, tentando dar algum sentido àquilo.

— Olhe... você pediu que Spilletto lhe dissesse onde a mãe estava. Essa é a mãe. E esse, provavelmente, é seu filho.

— Mas por que aqui? Por que neste lugar?

— Não sei.

— Por que neste lugar horrível?

Jennings observou Thorn, partilhando de sua perplexidade.

— Só tem um jeito de descobrir, Thorn. Viemos até aqui, não? Podemos muito bem fazer o que for necessário.

Ele ergueu a chave de roda e a enfiou na terra. Ela entrou quase até o talo, parando com um baque seco.

— Não vai ser difícil. Tem só uns trinta centímetros de profundidade.

Ele começou a cavar com a ferramenta, afofando a terra e, com as mãos, removendo-a.

— Vai me ajudar ou não? — perguntou. Relutante, Thorn se juntou ao companheiro; seus dedos adormecidos pelo frio enquanto removiam a terra.

Em meia hora, estavam cobertos de sujeira e suor, tirando os últimos centímetros de terra que cobriam as duas lápides de cimento. Os dois se ajoelharam e puseram-se a encará-las, pensando no que teria de ser feito a seguir.

— Está sentindo o cheiro? — perguntou Jennings.

— Sim.

— Deve ter sido um trabalho feito às pressas. Acho que não cumpriu exatamente os requerimentos sanitários.

Thorn não respondeu. Seu rosto estava carregado de angústia.

— Qual vai primeiro? — indagou Jennings.

— Precisamos mesmo fazer isto?

— Sim.

— Me parece errado.

— Se preferir, posso chamar o motorista.

Thorn pressionou os dentes e, a seguir, meneou a cabeça.

— Então, vamos com isso! — Jennings afirmou. — O grande primeiro.

Jennings enfiou a chave de roda por baixo da tampa de cimento, usando-a como alavanca. Então, com um esforço enorme, ergueu-a até conseguir criar espaço para enfiar os dedos debaixo dela.

— Vamos, droga! — ele sibilou para Thorn, que se abaixou para ajudá-lo; os braços tremendo pelo esforço enquanto lutavam para erguer a pesada tampa.

— Diabos... ela pesa uma tonelada! — praguejou Jennings ao pôr seu peso contra ela. Lentamente, a tampa foi erguida. Os dois fizeram o máximo de esforço para a manter no lugar, enquanto seus olhos vasculhavam a câmara escura logo abaixo.

— Meu Deus! — arfou Jennings.

Era a carcaça de um chacal. Vermes e moscas se refestelavam nos restos de carne que ainda havia presos aos ossos.

Com o queixo caído, Thorn recuou. A tampa de cimento escorregou das suas mãos e caiu, despedaçando-se e lançando os fragmentos na câmara abaixo. Uma horda de moscas subiu no mesmo instante, fazendo Jennings se afastar e escorregar na lama. Ele agarrou o braço de Thorn e tentou puxá-lo dali.

— Não! — berrou o embaixador.

— Vamos embora daqui!

— Não! Temos que abrir o outro!

— Pra quê? Já vimos o que precisávamos!

— Não, o *outro!* — Thorn uivou desesperadamente. — Talvez seja um animal também.

— E daí?

— E daí que, se for, talvez meu filho esteja vivo em algum lugar!

Jennings se deteve, impressionado pela agonia nos olhos de Thorn. Apanhando a chave de roda, ele a enfiou sob a tampa menor, forçando-a para cima. Thorn passou por trás dele e meteu os dedos no espaço criado. Num só movimento, ela estava erguida, e o rosto de Thorn contorceu-se de dor. Dentro do pequeno caixão havia os restos de uma criança humana; seu delicado crânio esmagado.

— A cabeça dele... — soluçou Thorn.

— Meu Deus!

— Eles o mataram!

— Vamos sair daqui.

— Eles assassinaram o meu filho! — gritou Thorn. — Eles o mataram, eles mataram meu filho! — A tampa se fechou, deixando os dois homens pasmos de terror, e Jennings arrastou fisicamente o embaixador, arrancando-o dali. De repente, parou, seu corpo congelando de pavor.

— Thorn.

Thorn seguiu o olhar do fotógrafo e viu, bem à frente, a face de um pastor alemão todo preto. Seus olhos eram bem próximos um do outro e saliva pingava da boca aberta, ao que um assustador grunhido escapou de dentro dela. Thorn e Jennings ficaram imóveis enquanto o animal saía lentamente das folhagens, até que o corpo inteiro estivesse à mostra. Ele era magro, cheio de cicatrizes; uma ferida aberta, inflamada, surgia em meio a tufos de pelos. Os arbustos ao lado dele farfalharam e outro cachorro apareceu, cinza, o focinho desfigurado e pingando. A seguir surgiu mais um, e depois outro. O cemitério logo ganhou vida; figuras escuras emergindo de todos os lugares, uma matilha de dez, raivosos e famintos, baba escorrendo sem parar das bocas abertas.

Jennings e Thorn continuaram congelados, temendo até mesmo olhar um para o outro, enquanto a matilha se agrupava ao seu redor.

— Eles sentiram o cheiro... das carcaças... — sussurrou Jennings. — Vamos... recuar...

Mal conseguindo respirar, os dois recuaram; os cães imediatamente avançando, mantendo as cabeças baixas, espreitando suas presas. Thorn tropeçou e, involuntariamente, soltou um grito. Jennings o segurou e tentou acalmá-lo.

— Não corra... eles só querem... os cadáveres...

Mas, mesmo após passarem pelas duas covas abertas, os animais continuavam avançando, mantendo os olhos fixos nos homens. Começaram a chegar perto, seu movimento fluído aproximando-os centímetro a centímetro, e Jennings olhou desesperadamente para a cerca, verificando que estava a uma centena de metros de distância. Thorn tornou a tropeçar e se agarrou firme a Jennings; ambos tremendo, conforme penavam para se afastar. Então, suas costas tocaram algo sólido e Thorn sentiu um arrepio. Estavam na base do grande ídolo de pedra. Encurralados, enquanto os cães os cercavam vagarosamente, bloqueando todas as saídas. Por um terrível momento, todos permaneceram imobilizados, predadores e presas, o círculo de dentes gotejantes mantendo os homens acossados. O Sol já havia nascido e agora derramava seu fulgor avermelhado sobre as lápides. Todos se mantinham no lugar, como se aguardassem um sinal para se colocarem em movimento. Os segundos se passaram, os homens encolhidos e os animais retesados, prontos para atacar.

Com um estridente grito de guerra, Jennings arremessou a chave de roda no cão que liderava a matilha e todo o ambiente explodiu em movimento. Os cães saltaram sobre os homens, que tentaram correr, e Jennings foi imediatamente derrubado quando os animais arremeteram violentamente contra seu pescoço. Ele rolou enquanto era atacado, e a tira de couro de sua câmera apertou-se contra o pescoço, raspando a pele. Dançando ao redor dele, os animais tentavam alcançar a carne. Agitando os braços de forma frenética na tentativa de se defender, ele sentiu as lentes da câmera se despedaçarem logo abaixo de seu queixo, quando mandíbulas poderosas tentaram arrancá-lo.

Os cães deixaram Thorn correr um pouco mais, mas, assim que se aproximou da cerca, um enorme animal saltou sobre ele e cravou os dentes

nas suas costas. O embaixador lutou para seguir em frente, mas a fera continuou a segurá-lo firme, as patas dianteiras levantadas. Thorn caiu de joelhos e se esforçou para ficar de pé, mas outros animais caíram sobre ele, bloqueando sua visão. Dentes brilharam e saliva voava. O embaixador gritou, tentando alcançar a cerca, mas era inútil. Enfim, se encolheu como uma bola, sentindo a dor horrível dos dentes perfurando seu lombo. Por um instante, viu Jennings girando e rodando, enquanto os cães buscavam seu pescoço. Thorn deixou de sentir dor, apenas a necessidade de fugir, e tornou a ficar de quatro, com os animais ainda pendurados, enquanto cobria, um centímetro após o outro, o caminho que o separava da cerca. Sua mão tocou alguma coisa gelada. Era a chave de roda que Jennings arremessara. Ele a segurou firme e desferiu um golpe para trás, contra as feras que rasgavam sua carne. Pelo uivo de agonia, soube que havia atingido o alvo. Um jato de sangue se derramou sobre sua cabeça e um cão caiu à sua frente, com o globo ocular pendendo para fora da órbita. Encorajado, Thorn tornou a golpear, brandindo a chave de roda com ambas as mãos, enquanto se esforçava para recuperar o equilíbrio.

Jennings rolara repetidamente até chegar à base de uma árvore e agora lutava para se levantar enquanto os animais o mordiam, ainda atacando a câmera e as tiras de couro que envolviam seu pescoço. De repente, o *flash* disparou e os cães se encolheram, ofuscados pelo clarão.

De pé, Thorn sacudia freneticamente a ferramenta, atingindo cabeças e focinhos enquanto recuava. Jennings se afastara da árvore, segurando o *flash* à frente do corpo e o disparando cada vez que os animais avançavam, detendo seu ataque, até que também alcançou a cerca.

Aproximou-se rapidamente de Thorn, mantendo as feras longe enquanto o embaixador escalava. Com as roupas rasgadas e o rosto sujo de sangue, o embaixador se esforçou para subir, perdeu o equilíbrio e empalou a si próprio em uma das lanças enferrujadas, na altura da axila. Com um grito de dor, ele forçou o corpo para o alto e se esborrachou do lado de fora. Jennings o seguiu, disparando o *flash* e, ao cair do outro lado, jogou-o contra os animais. Thorn estava chorando quando o fotógrafo o agarrou e praticamente o arrastou até o táxi. Ao vê-los, ainda grogue de sono, o

motorista deu um grito de terror. Ele tentou dar a partida, mas as chaves haviam desaparecido. Desceu do carro e correu para ajudar Jennings a colocar Thorn no banco de trás. Ao ir até o porta-malas para recuperar as chaves, o fotógrafo deu uma olhadela nos animais, que haviam enlouquecido, batendo contra a cerca e uivando de fúria. Um deles tentou saltar por cima dela e quase conseguiu, mas acabou empalado em uma das lanças. Um jato de sangue jorrou de seu pescoço como uma fonte e os outros animais, desvairados, atacaram-no, devorando-o vivo enquanto as pernas ainda se sacudiam selvagemente e uivos de raiva escapavam da garganta.

O táxi acelerou, com uma das portas traseiras ainda aberta. Chocado, o motorista olhou para os dois homens pelo espelho retrovisor. Eles não se pareciam mais com homens, mas sim com duas massas disformes de sangue e trapos. E os dois se encolheram, chorando como crianças.

CAPÍTULO ONZE

O motorista do táxi os levou ao pronto-socorro de um hospital, tirou do carro as malas da dupla e deu o fora. Thorn estava atordoado e Jennings respondeu a todas as perguntas, fornecendo identidades falsas e uma história que pareceu satisfazer as autoridades do hospital. Ele disse que ambos estavam bêbados e acabaram indo parar nas premissas de uma propriedade particular devidamente marcada com os sinais de que era patrulhada por cães. Ficava nos arredores de Roma, embora ele não se lembrasse de onde. Só sabia que havia uma cerca alta, com lanças sobre as quais seu colega havia caído. Eles receberam vários pontos e injeções antitetânicas, além de recomendações para retornarem dali a uma semana a fim de verificarem, por meio de exames de sangue, se as injeções haviam funcionado. Os dois trocaram de roupa e saíram, chegando enfim a um pequeno hotel, onde se hospedaram usando nomes falsos. O porteiro insistiu que pagassem adiantado e lhes entregou uma única chave para o quarto.

Agora, Thorn falava ao telefone, tentando desesperadamente alcançar Kathy, enquanto Jennings andava de um lado para o outro do cômodo.

— Eles podiam ter matado você, mas não o fizeram — afirmou, temeroso. — Estavam atrás de *mim!* Ficavam tentando morder o meu pescoço.

Thorn levantou a mão para silenciar o fotógrafo. Uma mancha escura de sangue podia ser vista através de sua camisa.

— Escutou o que falei, Thorn? Eles tentaram morder o meu *pescoço!*

— É do hospital? — perguntou Thorn, ao telefone. — Sim, ela está no quarto 614.

— Meu Deus... Se estivesse sem minha câmera... — soluçou Jennings.

— Pode fazer o favor de completar a ligação? É uma emergência!

— Precisamos fazer *alguma* coisa, Thorn. Tá me ouvindo?

Thorn virou-se para Jennings, observou as marcas das tiras de couro no pescoço dele e disse calmamente:

— Encontre a cidade de Megido.

— Como diabos eu vou...

— Não sei. Vá a uma biblioteca.

— Uma biblioteca? Ah, pelo amor de Deus!

— Alô? — disse Thorn, ao telefone. — Kathy?

Kathy se sentou em seu leito hospitalar, preocupada com a urgência que havia na voz do marido. Ela segurava o fone com a mão boa; a outra estava imobilizada pelo gesso.

— Você está bem? — ele perguntou desesperadamente.

— Sim. E você?

— Estou. Só queria ter certeza...

— Onde você está?

— Em Roma. Num hotel chamado Wrigley.

— O que aconteceu?

— Nada.

— Você está doente?

— Não. Só estava preocupado...

— Qual é, Robert...

— Vou demorar mais um pouco pra voltar.

— Eu estou assustada.

— Não há nada o que temer.

— Tentei ligar pra nossa casa, mas ninguém atendeu.

No quarto de hotel, Thorn olhou para Jennings, que estava trocando a camiseta e preparando-se para sair.

— Robert? — disse Kathy. — Acho que é melhor eu ir pra casa.

— Fique onde está! — advertiu Thorn.

— Estou preocupada com Damien.

— Não chegue perto daquela casa, Kathy...

— Eu *tenho* que...

— Kathy, me ouça... não se aproxime daquela casa.

Kathy estancou, alarmada pelo tom de voz do marido.

— Se teme que eu vá fazer alguma coisa... — afirmou ela — ...não é necessário. Tenho conversado com o doutor Greer e estou vendo as coisas com mais clareza agora. Não é Damien quem tem causado essas coisas em mim.

— Kathy...

— Olha só, Robert. Estou tomando um remédio chamado lítio. É para depressão. E está dando certo. Quero ir pra casa. E quero que você volte — Ela fez uma pausa. Então, completou em um engrolar. — Quero que tudo volte a ser como antes.

— Quem te deu esse medicamento? — perguntou Thorn.

— O doutor Greer.

— Não saia do hospital, Kathy. Fique aí até eu voltar.

— Eu quero ir pra casa, Robert.

— Pelo amor de Deus...

— Eu tô bem!

— Você não tá bem!

— Não se preocupe.

— Kathy...

— Eu vou pra casa, Robert.

— Não faça isso! Eu vou voltar.

— Quando?

— Pela manhã.

— Mas... e se tiver alguma coisa errada acontecendo? Eu tentei ligar...

— *Tem* alguma coisa errada acontecendo, Kathy.

Ela novamente estancou, arrepiando-se com aquelas palavras. A seguir, perguntou baixinho:

— Robert? Qual o problema?

— Não dá pra falar pelo telefone — Thorn parecia angustiado.

— O que está acontecendo? O que há de errado em casa?

— Só me espere. Não saia daí. Vou chegar pela manhã e explicar tudo.

— Por favor, não faça isso comigo...

— Não tem nada a ver com *você,* Kathy. Não há nada de errado com você.

— O que quer dizer?

No quarto de hotel, Jennings disparou um olhar contra Thorn e meneou a cabeça com gravidade.

— Robert?

— Ele não é nosso filho, Kathy. Damien pertence a outra pessoa.

— O quê?

— Não vá pra casa — insistiu ele. — Me espere chegar.

Ele desligou. Kathy permaneceu em silêncio, chocada, imóvel até que o fone começasse a zumbir em seu ouvido. Ela o pôs lentamente no gancho e olhou para as sombras que brincavam nas paredes; do lado de fora do seu quarto no sexto andar, uma árvore oscilava gentilmente à brisa do verão. Ela estava apavorada, contudo, ciente de que o senso de pânico que sempre acompanhou seu pavor tinha desaparecido. O lítio estava funcionando; ela conseguia pensar com clareza. Apanhando de novo o telefone, discou para casa. De novo, não obteve resposta. Voltou-se a seguir para o intercomunicador acima da cama e esforçou-se para alcançar o botão.

— Sim, senhora — respondeu alguém.

— Preciso sair do hospital. Há alguém com quem eu possa falar?

— A senhora precisará da permissão do médico.

— Pode chamá-lo, por gentileza?

— Vou tentar.

A voz desligou e Kathy ficou quieta, sentada. Uma enfermeira trouxe seu almoço, mas ela estava sem apetite. Havia um pratinho com gelatina na bandeja e, após um tempo, ela se deu conta de que estava tocando na comida. A sensação era gelada e tranquilizadora, e Kathy a amassou por entre os dedos.

A centenas de quilômetros dali, no cemitério de Cerveteri, tudo estava silencioso, o céu nublado, a quietude interrompida somente pelo som quase inaudível de um escavar. Nas duas covas abertas, dois cães cavoucavam a terra; as patas movendo-se de maneira mecânica enquanto preenchiam novamente as criptas abertas. Terra cobria aos poucos os esqueletos do chacal e da criança. Mais além estava o corpo estripado de outro cachorro, pendurado inerte na cerca de ferro. Ao lado dele, um único canino ergueu a cabeça e emitiu um uivo grave e pesaroso. Ele ecoou por todo o cemitério, lentamente ganhando intensidade conforme os outros animais se juntaram a ele e preencheram o ar com um coral dissonante de lamentos.

Em seu leito no hospital, Kathy tornou a tocar o intercomunicador. Desta vez, sua voz estava impaciente.

— Tem alguém aí?

— Pois não? — respondeu alguém.

— Pedi que localizasse meu médico.

— Temo não ser possível. Ele está em cirurgia.

— Pode vir aqui e me ajudar, por favor?

— Vou pedir que alguém vá.

— Rápido, por favor.

— Farei todo o possível.

Kathy esforçou-se para se levantar da cama e foi até o armário onde estavam suas roupas. O vestido não tinha botões, e seria fácil colocá-lo, mas a camisola hospitalar que vestia era abotoada no alto do pescoço e, olhando-se no espelho, Kathy perguntou-se como a tiraria usando aquele gesso. Era uma camisola roxa, que ficava ridícula numa mulher com o braço engessado. Kathy tentou desabotoá-la e sentiu sua frustração crescer quando falhou. Num repentino movimento, conseguiu fazer com que os botões se abrissem de uma só vez, mas, ao tentar levantar a camisola por sobre a cabeça, acabou presa num emaranhado de tecido roxo.

No cemitério, o ar badalava com os uivos raivosos e, em seu quarto de hospital, Kathy lutava desesperadamente para tirar a camisola, que se embaraçou cada vez mais, apertando-lhe a cabeça e o pescoço. Sentindo um

pânico imediato, começou a respirar com dificuldade, mas, naquele momento, a porta se abriu e ela relaxou, sabendo que a ajuda havia chegado.

O cemitério Greppe di Sant'Angelo reverberava com os uivos, que começavam a alcançar novas alturas.

— Oi? — perguntou Kathy, tentando ver quem tinha entrado.

Mas não houve resposta e ela girou pelo quarto, esquadrinhando-o por detrás do tecido roxo.

— Tem alguém aí?

Então, teve um sobressalto.

Era a sra. Baylock, o rosto coberto por maquiagem branca, a boca delineando um sorriso exagerado de batom. Sem fala, Kathy observou a mulher andar lentamente até a janela e abri-la, lançando um olhar para a rua lá embaixo.

— Você pode me ajudar, por favor? — sussurrou Kathy. — Eu acho que... fiquei presa aqui.

A sra. Baylock apenas sorriu. Kathy sentiu-se enfraquecer pela visão do rosto dela.

— Está um belo dia, Kathy — disse a mulher. — Um belo dia para voar.

E ela se adiantou, segurando a camisola com firmeza.

— Por favor... — choramingou Kathy.

Por um derradeiro instante, as duas trocaram olhares.

— Você está tão bonita — sibilou a sra. Baylock. — Me dê um beijo.

Ela se inclinou para a frente e Kathy recuou. No mesmo instante, a babá a empurrou violentamente pela janela.

Na entrada de emergência do hospital, uma ambulância freou; a sirene soando e as luzes vermelhas piscando, enquanto lá do alto, no sexto andar, o vulto de uma mulher com a face envolta por uma camisola roxa iniciou sua descida. Ele rodopiou durante a longa queda, o movimento do gesso criando um padrão em pleno ar. Ninguém a viu até que tivesse atingido a capota da ambulância, ricocheteando para a lateral antes de finalmente descansar inerte na frente da entrada de emergência.

Havia silêncio em Cerveteri agora; os túmulos estavam cobertos e os cães desapareceram nos arbustos.

Thorn caíra num sono de exaustão, sendo despertado pelo telefone. Estava escuro e Jennings já tinha saído.

— Sim? — atendeu ele, ainda meio grogue.

Era a voz do dr. Greer. Seu tom já entregava as notícias que o aguardavam.

— Fico feliz por tê-lo encontrado — disse ele. — O nome do hotel estava escrito na mesinha de cabeceira de Kathy, mas não foi fácil localizá-lo...

— O que foi? — perguntou Thorn.

— Sinto muito por ter que lhe contar isso ao telefone.

— O que aconteceu?

— Kathy pulou da janela do hospital.

— O quê...? — ofegou Thorn.

— Ela está morta, sr. Thorn. Fizemos todo o possível.

Thorn sentiu a garganta dar um nó e não conseguiu falar.

— Não sabemos o que aconteceu exatamente. Ela havia pedido para sair do hospital e, a seguir, nós a encontramos do lado de fora.

— Ela... está morta...? — choramingou Thorn.

— Morreu na hora. O crânio se quebrou com o impacto.

Thorn começou a soluçar e pressionou o fone contra o queixo.

— Sr. Thorn...? — o doutor chamou.

Mas a resposta foi o som da linha sendo desconectada. Thorn chorou na escuridão do quarto, seus soluços ecoando no corredor do lado de fora. Um porteiro noturno correu até seu quarto e bateu, mas o silêncio voltou a reinar logo a seguir e assim permaneceu por horas.

Jennings retornou à meia-noite; sua silhueta atrevida curvada pelo cansaço. Ao entrar no quarto, encontrou Thorn estirado na cama.

— Thorn?

— Sim...?

— Fui até a biblioteca, depois ao Clube do Automóvel e, por fim, telefonei pra Real Sociedade Geográfica.

Thorn não respondeu, e Jennings sentou-se pesadamente na extremidade oposta da cama. Viu que a mancha de sangue na camisa do embaixador tinha aumentado na área da axila, escura e úmida.

— Descobri sobre a cidade de Megido. O nome é tirado da palavra "Armagedom". O fim do mundo.

— Onde fica? — perguntou Thorn; o rosto inexpressivo.

— Por volta de quinze metros debaixo da terra, creio eu. Nos arredores de Jerusalém. Há uma escavação em curso por lá no momento. Obra de alguma universidade norte-americana.

Não houve resposta e Jennings foi para a própria cama, onde deitou-se, exausto.

— Quero ir até lá — sussurrou Thorn.

Jennings deu um longo suspiro e concordou:

— Se ao menos você lembrasse o nome do velho...

— Bugenhagen.

O fotógrafo virou-se para ele, sem conseguir ver os olhos do embaixador.

— Bugenhagen?

— Sim. Também me lembrei do poema.

O rosto de Jennings estava confuso.

— O nome do homem que você deveria encontrar é Bugenhagen?

— Isso.

— Bugenhagen foi um exorcista no século XVII. Ele é mencionado em um dos livros que trouxemos.

— Era esse o nome — respondeu Thorn, ainda apático. — Eu me lembrei de tudo. De tudo!

— Aleluia! — cantou Jennings.

— "Quando os judeus voltarem a Sião — Thorn recitou, sussurrando. — E um cometa cruzar os céus. E o Santo Império Romano se erguer.

Então, você e eu... teremos que morrer.”

Jennings escutou com atenção, enfim ciente, pelo tom sem vida do colega, de que Thorn estava mudado.

— “Do Mar Eterno ele se levantará. Em todas as margens, exércitos erguerá. Cada homem se voltará contra seu irmão. Até que do homem não restará um grão!”

Ele se calou e Jennings apenas aguardou. O som de um carro de polícia acelerando podia ser escutado do lado de fora.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou ele.

— Kathy está morta — respondeu Thorn, sem emoção. — Também quero que a criança morra.

Ambos ficaram escutando os ruídos vindos da rua e, pela manhã, ainda estavam acordados quando estes cessaram. Às oito horas, Jennings ligou para o escritório da El Al e reservou um voo para Israel.

Apesar de já ter viajado muito, Thorn jamais estivera em Israel. O conhecimento que tinha daquela terra vinha das notícias sobre as guerras nos jornais e das recentes pesquisas que fizera na Bíblia. Ficou pasmo com o quanto era moderna. Um país concebido na época dos faraós, mas nascido em uma era de asfalto e concreto; parecia um aglomerado de gesso erguendo-se no meio do árido deserto. O céu sob o qual o êxodo ocorrera nos lombos de camelos era agora pontilhado por edifícios altos e hotéis imensos, e o som de construções ecoava por todos os lados. Guindastes gigantes que pareciam elefantes mecânicos levavam as cargas sempre para o alto; a cidade aparentemente determinada a crescer em todas as direções que pudesse. Britadeiras arrebentavam calçadas e ruas que, depois de poucos anos, já estavam obsoletas, e havia placas por todos os lados oferecendo excursões para a Terra Santa. Havia também muito policiamento, com revista das bagagens dos viajantes e atenção contra potenciais sabotadores.

Thorn e Jennings foram detidos no aeroporto, pois os ferimentos em seus rostos haviam chamado atenção. Thorn preferiu usar seu passaporte civil e passar despercebido como agente oficial do governo norte-

americano. No voo anterior para Roma, no qual a segurança fora menos rígida, o jato particular servira ao seu propósito. Mas lá, a chave para o anonimato era viajar e se parecer com todos os demais.

Tomaram um táxi até o Hotel Hilton e compraram roupas mais leves na própria lojinha do hotel. Estava quente na cidade e concreto elevava o calor dos raios do sol. Thorn suava bastante, encharcando as ataduras, o que renovou a dor do ferimento na axila. O machucado estava descolorido e ainda purgando. Quando Jennings o viu trocar de roupas, sugeriu que fossem procurar um médico, mas o embaixador se recusou. Só o que queria era encontrar Bugenhagen.

Já havia escurecido quando ambos se aprontaram. Ganharam as ruas da cidade e mataram um pouco de tempo até que pudessem começar sua busca. Thorn estava fraco, transpirando em abundância, e eles pararam numa cafeteria para pedir um chá, na esperança de que ele recuperasse as forças. Tinham pouco a dizer um para o outro agora e Jennings estava inquieto, sentindo-se pouco confortável ante o silêncio petrificante do companheiro. Quando seus olhos contemplavam distraidamente a atividade nas ruas, captaram duas mulheres que os observavam de perto.

— Sabe o que precisamos? — perguntou a Thorn. — Espairecer um pouco.

Thorn olhou para ele.

— Já saiu com alguma prostituta?

Thorn seguiu o olhar de Jennings e avistou as duas mulheres. Elas se sentiram encorajadas e foram até a mesa.

— Eu fico com a que tem verrugas — alertou Jennings.

Thorn olhou para ele com repulsa. O fotógrafo se levantou e ofereceu educadamente que elas se sentassem à mesa.

— Vocês falam inglês? — ele perguntou assim que elas se acomodaram.

As duas apenas sorriram, um indício de que não falavam.

— Assim é melhor — disse Jennings para Thorn. — Tudo que você precisa fazer é apontar.

O rosto de Thorn estava repleto de nojo.

— Vou para o hotel — disse.

— Por que não espera para ver o que tem no cardápio?

— Estou sem fome.

— Pode ser do seu agrado — sugeriu Jennings.

Percebendo a que ele se referia, Thorn levantou-se e foi embora.

— Não se preocupem com ele — disse Jennings para as mulheres. — É antissemita.

Na rua, Thorn olhou para trás e viu que Jennings já as estava abraçando. Seguiu caminho, perdendo-se na noite.

Vagueou a esmo, açoitado pela tristeza. Sua axila pulsava de dor e os sons noturnos pareciam alienígenas. Percebeu que, caso a morte viesse subitamente levá-lo, ela seria bem-vinda. Passou diante de uma boate e o porteiro o segurou pelo braço, tentando convencê-lo a entrar. Mas Thorn continuou em frente, sem dar atenção, vendo as luzes das ruas através de olhos enevoados. Adiante, pessoas se amontoavam em frente de uma sinagoga e, ao aproximar-se, Thorn viu que as portas estavam abertas. Em silêncio, entrou. A Estrela de Davi estava iluminada no altar, pergaminhos bíblicos sob ela, enrolados dentro de invólucros de vidro. Thorn aproximou-se até ficar de frente para ela, isolado no silêncio penetrante.

— Posso ajudá-lo...? — uma voz perguntou das sombras e Thorn virou-se para ver um rabi velho surgindo.

Ele estava vestido de preto e andava como quem é aturdido pela artrite; seu pequeno chapéu grudado na cabeça, desafiando a lei da gravidade.

— Esse é o Torá mais velho de Israel — ele disse, indicando os pergaminhos. — Foi desenterrado das margens do Mar Vermelho.

Thorn fitou o homem. Os olhos velhos eram repletos de cataratas, mas também de orgulho.

— O chão debaixo de Israel é cheio de História — murmurou o velho. — Uma pena que tenhamos de andar sobre ele.

Virou-se para Thorn e perguntou:

— Está de visita?

— Sim.

— O que o traz aqui?

— Procuro uma pessoa — respondeu Thorn.

— Foi por isso que vim para cá também. Estava procurando a minha irmã, mas não a encontrei. — O homem deu um sorriso. — Talvez estejamos andando sobre ela também.

Houve um momento de silêncio. O velho estendeu a mão e acendeu uma luz. Thorn perguntou:

— Já ouviu falar do nome Bugenhagen?

— É polonês?

— Não sei.

— Ele mora em Israel?

— Creio que sim.

— O que ele faz?

Thorn sentiu-se tolo e balançou a cabeça.

— Eu não sei.

— O nome me é familiar.

Permaneceram um tempo na penumbra, enquanto o rabi ponderava como quem está prestes a se lembrar.

— O senhor sabe o que é um exorcista? — perguntou Thorn.

O rabi riu e debandou a ideia, acenando a mão para Thorn.

— Por que está rindo? — perguntou o embaixador.

— Esse tipo de coisa não existe.

— Não?

— O Diabo... Isso não existe.

Ele afastou-se de volta para a escuridão, rindo como se tivesse ouvido uma piada. Thorn tornou a olhar para as escrituras e partiu.

Jennings voltou cedo pela manhã e poupou Thorn de qualquer conversa sobre seus feitos na noite anterior. Seu único gesto de confirmação ocorreu enquanto urinava de porta aberta, o que capturou a atenção de Thorn ao vê-lo executar um ritual estranho e repulsivo. Ele urinou nas mãos e lavou as genitálias com a urina.

— Me ensinaram isso na aeronáutica — disse. — É tão bom quanto penicilina.

Thorn fechou a porta e aguardou com impaciência até que o companheiro se vestisse. Sentia repulsa por estar ao lado de um sujeito como aquele, contudo, mais do que estar ao lado dele, temia ficar sozinho.

— Vamos — afirmou Jennings, apanhando o estojo com sua câmera. — Inscrevi a gente em uma turnê pelas escavações quando cheguei pela manhã.

Eles viajaram em um micro-ônibus ao lado de outros dez turistas, passando pela velha cidade de Jerusalém, onde pararam no Muro das Lamentações para que as pessoas descessem e tirassem ávidas fotografias. O comercialismo, mesmo ali, era grotesco. Vendedores moviam-se pela multidão de judeus que se lamentavam, gritando em meio a eles, tentando empurrar-lhes de tudo, desde cachorros-quentes a réplicas de plástico do Cristo na cruz. Jennings comprou duas, pendurou uma no pescoço e deu a outra para Thorn.

— Use isso aqui, colega. Pode ser que precise.

Mas o embaixador recusou, irritado com Jennings, que parecia se comportar como se estivesse num passeio feliz.

A viagem pelo deserto não foi tão divertida; o guia recontou a recente História de guerrilhas entre árabes e judeus, apontando para as Colinas de Golã, onde havia ocorrido a maior parte das batalhas. Passaram pelo vilarejo de Ma'alot, onde um grupo de alunos judeus fora massacrado por terroristas árabes. Então, narrou como outro grupo terrorista fora capturado e morto como forma de retribuição; seus corpos pisoteados até virarem polpa por outras crianças judias.

— Agora, sabemos o que eles tanto lamentam — murmurou Jennings.

Thorn recusou-se a responder e seguiram o resto do caminho em silêncio.

Quando finalmente chegaram às escavações, os turistas estavam cansados e com calor, reclamando enquanto o guia apontava para a área cercada por cordas e explicava o trabalho que vinha sendo feito. Sob os pés

deles estavam as termas do Rei Salomão; um sistema tão intrincado de valas e canais que possivelmente se estendia até Jerusalém, a quase cem quilômetros dali. Em algum lugar dentro daquele sistema, havia as ruínas de uma antiga cidade, que muitos acreditavam ser o local de criação da própria Bíblia. Alguns textos já tinham sido recuperados, todos cuidadosamente preservados em tecidos ou potes, os quais refletiam histórias similares àquelas descritas no Antigo Testamento. A escavação era um projeto ambicioso, pois ninguém sabia ao certo onde ficava essa cidade; ela não estava sendo aberta com o uso de escavadeiras, mas sim pouco a pouco, com pás e picaretas.

Enquanto o guia tagarelava, Thorn e Jennings foram procurar alguns estudantes de arqueologia, mas extraíram pouca coisa deles. Não conheciam o nome Bugenhagen e só o que sabiam de Megido era que, muitos séculos atrás, um violento terremoto a fizera afundar na terra. Um terremoto ou talvez uma inundação, já que haviam encontrado conchas de caracóis no local, longe de qualquer corpo de água conhecido.

Os dois voltaram para Tel Aviv e se puseram a andar pelos mercados, perguntando a qualquer um se o nome "Bugenhagen" era familiar. A busca não deu em nada, mas eles insistiram. Thorn estava desesperado agora, sentindo as forças lhe faltarem. Jennings cuidou do grosso do trabalho de campo, adentrando lojas e fábricas, vasculhando a lista telefônica e chegando até a falar com a polícia.

— Talvez ele tenha mudado de nome — o fotógrafo suspirou quando, na manhã do segundo dia, eles se sentaram num banco de praça. — Talvez seja George Bugen. Ou Jim Hagen. Ou Izzy Hagenberg.

No dia seguinte, mudaram-se de Tel Aviv para Jerusalém, onde alugaram um quarto num pequeno hotel. Mais uma vez embrenharam-se em meio ao povo, procurando qualquer um que tivesse ouvido falar no nome. Mas foi inútil. Não podiam continuar daquela maneira para sempre.

— Acho melhor a gente desistir — comentou Jennings, olhando para a cidade da varanda do quarto.

Estava quente lá dentro e Thorn suava, deitado na cama.

— Se existe um Bugenhagen aqui, não temos a menor chance de encontrá-lo. Pelo que sabemos, ele pode nem existir.

Ele voltou para dentro do quarto e apanhou um cigarro.

— Diabos! Aquele padre baixote ficava metade do tempo à base de morfina e a gente aqui, tomando a palavra dele como se fosse um evangelho. Ainda bem que ele não mandou você ir pra Lua, ou nossos traseiros estariam congelando agora.

Ele sentou-se na cama e encarou Thorn diretamente.

— Não sei, Thorn. Tudo fazia sentido antes, mas agora parece loucura.

O embaixador assentiu e pôs-se dolorosamente numa posição sentada. Estava sem ataduras e, ao ver o aspecto do ferimento, Jennings estremeceu:

— Essa coisa me parece péssima — comentou.

— Está tudo bem.

— Parece infeccionado.

— Está tudo bem — reiterou Thorn.

— Por que não procuramos um médico?

— Só encontra aquele velho — ralhou Thorn. — É a única pessoa que quero ver.

Jennings estava prestes a responder, mas foi interrompido por algumas batidas de leve na porta. Ao abri-la, deparou-se com um pedinte. Era um homem baixo, árabe, velho e nu da cintura para cima. Seu sorriso ansioso, acentuado por um dente de ouro. Ele se curvou de modo exagerado.

— O que você quer? — perguntou Jennings.

— Vocês estão procurando pelo velho?

Jennings e Thorn trocaram uma rápida olhadela.

— Que velho? — indagou o fotógrafo com cautela.

— Me disseram no mercado que vocês procuram pelo velho.

— Estamos procurando um homem — afirmou Jennings.

— Levo vocês até ele.

Thorn se levantou com esforço, os olhos travados no companheiro.

— Vamos, vamos — urgiu o árabe. — Pediu que vocês fossem imediatamente.

Eles seguiram a pé, movendo-se em silêncio por ruelas secundárias de Jerusalém, atrás do pequeno árabe. Ele era surpreendentemente veloz para alguém da sua idade, e Thorn e Jennings tiveram de se esforçar para acompanhá-lo, quase perdendo-o de vista quando mergulhou na multidão de um mercado, saindo no topo de uma muralha, do outro lado. Surpreso pela fadiga dos dois, ele procurava manter-se uns vinte metros à frente, passando por becos e arcadas com rapidez, e sorriu como um gato selvagem quando a dupla finalmente o alcançou, parando para recuperar o fôlego. Aquele, aparentemente, era o fim da jornada, mas estavam diante de um muro de tijolos. Jennings e Thorn começaram a temer que tivessem sido enganados.

— Lá embaixo — afirmou o árabe, enquanto erguia a grade de um bueiro e fazia um gesto para que o seguissem.

— Que diabos é isso? — perguntou Jennings.

— Vamos, vamos — repetiu o árabe, sem perder aquele sorriso no rosto.

Thorn e Jennings trocaram um olhar de apreensão, mas, a seguir, entraram no bueiro. O árabe recolocou a grade e acendeu uma tocha, pois estava escuro, e continuou indicando o caminho. Desceram um pouco mais e conseguiram divisar, sob aquela luz difusa, uma escadaria escorregadia feita de pedra. A água das chuvas havia criado uma grossa e fedorenta camada de limo amarronzado, que tornava o caminho traiçoeiro. Conforme desciam, escorregaram várias vezes, mas, quando enfim chegaram a um ponto plano, o árabe os surpreendeu ao sair em disparada. Os dois tentaram correr, mas não conseguiram tração naquele chão escorregadio. O homenzinho desapareceu, sua tocha tornando-se um mero ponto de luz ao longe. Estavam praticamente na escuridão total, num túnel estreito e opressor, com paredes que quase se tocavam de ambos os lados. Era como um enorme canal de escoamento ou uma vala de irrigação, e Jennings se deu conta de que poderiam muito bem estar atravessando os antigos canais termais descritos pelo arqueólogo na escavação do deserto. O túnel era feito

de pedra sólida. Engolfados pelas trevas, seguiram adiante, ouvindo seus passos ecoarem à frente e atrás. Agora, a tocha havia desaparecido por completo e, lentamente, os dois perceberam que estavam a sós. Um não conseguia ver o outro, mas sentia sua proximidade pelo som da respiração dificultosa.

— Jennings... — arfou Thorn.

— Estou aqui.

— Não consigo ver...

— Aquele maldito...

— Espere por mim.

— É inútil — Jennings respondeu. — Demos de encontro com uma parede sólida.

Thorn tateou adiante e tocou o companheiro, sentindo a parede a seguir. Era um beco sem saída. O árabe tinha desaparecido.

— Ele não voltou e passou pela gente — assegurou o fotógrafo. — Disso tenho certeza.

Acendeu um fósforo e iluminou uma pequena área em torno deles. Era como uma tumba; o teto de pedra baixo parecia pressioná-los; baratas transitavam entre suas fendas úmidas.

— Estamos num esgoto? — perguntou Thorn.

— Está tudo molhado — observou Jennings. — Por que diabos estaria molhado?

O fósforo se apagou e eles voltaram para a escuridão.

— Estamos no deserto árido. De onde diabos essa água tá vindo?

— Deve haver alguma fonte subterrânea... — murmurou Thorn.

— Ou um reservatório. Não me surpreenderia se estivermos perto daquelas termas subterrâneas. Acharam conchas de caracóis no deserto, então, é possível que tenha existido um corpo de água que enchia isso tudo antes do terremoto.

Thorn ficou quieto, ainda respirando com dificuldade.

— Vamos — disse ele.

— Através da parede?

— Vamos voltar. Vamos sair daqui.

Começaram a tatear o caminho de volta, as mãos escorregando ao longo da pedra úmida. O progresso era lento e, sem conseguir ver, cada polegada era como se fosse um quilômetro. Então, a mão de Jennings caiu num espaço vazio.

— Thorn?

Ele apanhou o companheiro pelo braço e o puxou para perto de si. Ao lado deles, um corredor formava um ângulo de noventa graus com aquele onde estavam. Já haviam passado por ele, mas, naquele breu, não o perceberam.

— Há luminosidade vindo de lá — sussurrou Thorn.

— Provavelmente é o nosso pequeno Gandhi.

Entraram no corredor, tateando vagarosamente. Não era outro canal de drenagem, mas uma caverna; pedregulhos estavam espalhados em seu caminho e as paredes eram irregulares e pontiagudas em pontos inesperados. Aos poucos, começaram a divisar a forma do que havia adiante. Não era apenas uma tocha, mas uma câmara plenamente iluminada. Dentro dela, dois homens os observavam e aguardavam; um era o árabe pedinte, segurando junto à lateral do corpo a tocha apagada; e o outro, um senhor mais velho vestindo bermudas cáqui e uma camisa de mangas curtas, parecido com os arqueólogos que eles tinham visto no terreno das escavações, no deserto. Seu rosto era sério e enrugado, e a camisa estava emplastada de suor. Atrás dele era possível ver uma mesa de madeira com pilhas de papéis e pergaminhos.

Jennings e Thorn subiram pelo caminho em aclive, passaram por um batente feito de pedras pontudas e adentraram a câmara. E ali pararam, estupefatos, espremendo os olhos ante a súbita luminosidade. Havia dezenas de lampiões acesos pendurados; nas paredes, vagos contornos de edifícios e escadarias de pedra, moldados diretamente na rocha, podiam ser discernidos. O chão sob seus pés era de lama compacta, mas, em alguns

pontos desgastados pela água que pingava de estalactites, conseguiam ver o formato de paralelepípedos que outrora compunham uma antiga rua.

— Duzentos dracmas — disse o árabe, estendendo a mão.

— Poderiam pagá-lo? — solicitou o homem de bermudas cáqui.

Thorn e Jennings o encararam até que o homem de cáqui fez um muxoxo, como quem pede desculpas.

— Você é...? — A frase de Jennings foi interrompida por um abrupto movimento de cabeça do homem. — Você é Bugenhagen?

— Sim.

O fotógrafo o observou com desconfiança.

— Bugenhagen foi um exorcista do século XVII.

— Isso foi há nove gerações.

— Mas você...

— Eu sou o último — respondeu o homem, abruptamente. — E o menos importante.

Com esforço, ele foi para trás da mesa e se sentou. A luz do lampião que havia sobre a mesa iluminou suas feições, tão pálidas que pareciam quase transparentes. Era possível ver com clareza veias nas têmporas e na careca. Havia tensão em seu rosto, e havia também amargura, como se ele não tivesse a menor satisfação pelo que viria a seguir.

— Que lugar é este? — perguntou Thorn.

— Jezrael, na cidade de Megido — respondeu, de modo inexpressivo. — Minha fortaleza, minha prisão. O local onde o cristianismo nasceu.

— Sua prisão...? — inquiriu Thorn.

— Geograficamente falando, aqui é o coração da cristandade. Enquanto eu permanecer aqui, nada poderá me ferir.

Ele fez uma pausa, observando a reação dos dois. Estavam tão apreensivos e duvidosos, que o sentimento transparecia em seus rostos.

— Podem pagar meu mensageiro, por favor? — pediu novamente.

Thorn mergulhou a mão no bolso e apanhou algumas moedas. O árabe as recebeu e desapareceu imediatamente por onde viera, deixando os três a

confrontarem-se uns aos outros no silêncio. A câmara era fria e úmida, e Thorn e Jennings estremeceram ao examinarem as cercanias.

— Nesta praça onde estamos... — relatou Bugenhagen — ...exércitos romanos já marcharam e velhos sentavam-se em bancos de pedra, sussurrando rumores sobre o nascimento de Cristo. As histórias que contavam foram registradas aqui, nesta construção, laboriosamente escritas e compiladas em livros que hoje conhecemos como a Bíblia.

Os olhos de Jennings se fixaram em uma caverna mais escura atrás deles, e Bugenhagen seguiu seu olhar. Ele prosseguiu:

— A cidade inteira está aqui. Trinta e cinco quilômetros, de norte a sul. A maior parte dela é transitável, exceto nos pontos de desmoronamento recente. Eles continuam fazendo escavações lá em cima, o que provoca os desmoronamentos. Quando finalmente chegarem aqui, tudo não passará de destroços. — Ele fez uma pausa, ponderando com tristeza sobre a questão. — Mas o homem é assim, não é mesmo? Assume que tudo que exista para ser visto deve estar visível.

Thorn e Jennings ficaram quietos, tentando digerir tudo o que estavam vendo e ouvindo.

— O padre baixinho? — perguntou Bugenhagen. — Ele já morreu?

Thorn virou-se para ele, abalado pela lembrança de Tassone, e respondeu:

— Sim.

— Então sente-se, sr. Thorn. É melhor começarmos a trabalhar.

O embaixador, relutante, não se moveu. Os olhos do velho voltaram-se para Jennings.

— Pode nos dar licença? Isso é apenas para o sr. Thorn.

— Estou nessa *com* ele — respondeu Jennings.

— Creio que não.

— Eu o trouxe aqui.

— Estou certo de que ele lhe é grato.

— Thorn...?

— Faça o que ele está pedindo — respondeu Thorn.

Jennings enrijeceu, sentindo-se insultado.

— E pra onde diabos eu vou?

— Apanhe um dos lampiões — afirmou Bugenhagen.

Ainda hesitante, Jennings acabou concordando. Lançou um olhar furioso para Thorn, pegou um lampião de uma saliência na parede e seguiu para a escuridão.

Um desconfortável silêncio se passou; o velho levantou-se de trás da mesa e esperou até que o som dos passos de Jennings desaparecesse.

— Confia nele? — perguntou Bugenhagen.

— Sim.

— Não confie em ninguém.

Ele virou-se e remexeu em uma espécie de armário talhado na própria parede, de onde retirou um pacote enrolado em tecido. Thorn perguntou:

— E devo confiar em você?

Como resposta, o velho voltou à mesa e abriu o pacote, revelando sete punhais que reluziram sob a luz. Eram finos, com cabos de marfim, cada qual esculpido à imagem de Cristo na cruz.

— Confie nisto! — exclamou ele. — Só isso pode salvar você.

Nas cavernas atrás deles, o ar era estático. Jennings movia-se tendo de curvar o corpo por conta do teto baixo e desigual, olhando espantado para o que o círculo de luz de seu lampião revelava. Viu artefatos encravados nas paredes rochosas, esqueletos enterrados no chão pela metade, que pareciam tentar sair das entranhas da terra, e degraus que outrora margeavam uma antiga rua. Seguiu em frente, aprofundando-se naquele estreito túnel.

No cubículo mais atrás, as luzes haviam diminuído e os olhos de Thorn refletiam medo enquanto observavam o que estava sobre a mesa. Os sete punhais estavam cravados na madeira, formando o sinal da cruz.

— Tem que ser feito em solo sagrado — sussurrou o velho. — Dentro de uma igreja. O sangue dele precisa ser derramado sobre o altar de Deus.

As palavras eram pontuadas por silêncio, e o velho estudava atentamente as reações de Thorn, para ter certeza de que ele havia entendido.

— Cada faca precisa ser enterrada até o cabo. Até os pés da imagem esculpida de Cristo... e plantadas desta maneira, para formar o sinal da cruz.

A mão nodosa do velho alcançou o punhal do centro e, com algum esforço, arrancou-o.

— O primeiro é o mais importante. Ele acaba com a vida física e forma o centro da cruz. Os demais acabam com a vida espiritual e devem ser cravados de dentro para fora, assim...

Ele parou e examinou a expressão de Thorn.

— Você precisa se despir de toda empatia — instruiu. — Aquela não é uma criança humana.

Thorn lutou para conseguir falar. Quando o fez, sua voz soou estranha e desigual, refletindo sua aflição.

— E se você estiver errado? — perguntou ele. — E se ele não for...

— Não se engane.

— Tem de haver alguma prova.

— Ele trará a marca de nascença. Três números seis.

A respiração de Thorn se acelerou.

— Não — bradou ele.

— É o que diz a Bíblia. Todos os apóstolos de Satã têm a marca.

— Ele não tem.

— Está escrito: "Que aquele que tenha entendimento calcule o número da Besta; porque é o número de um homem. Seu número é seiscentos e sessenta e seis."

— Estou dizendo que ele não tem marca alguma.

— Ele *precisa* ter.

— Eu dei *banho* nele. Já vi cada polegada do seu corpo.

— Se não está visível no corpo, você a encontrará debaixo dos cabelos. Ele não foi um bebê cabeludo?

Thorn lembrou-se da primeira vez em que vira a criança e de como ficara surpreso ao constatar sua cabeleira grossa e gloriosa.

— Raspe — instruiu Bugenhagen. — Você encontrará a marca debaixo dos cabelos.

Thorn fechou os olhos e levou as mãos ao rosto.

— Uma vez que tenha começado, não hesite.

O embaixador meneou a cabeça, incapaz de aceitar.

— Duvida de mim? — perguntou Bugenhagen.

— Não sei — murmurou Thorn.

O velho recostou-se e o examinou.

— Seu filho foi morto ao nascer, conforme previsto. Sua esposa está morta...

— Ele é uma *criança!*

— Você precisa de mais provas?

— Sim.

— Pois aguarde — disse Bugenhagen. — Aguarde e tenha certeza de que aquilo que fará precisa ser feito. Do contrário, você o fará mal. Se não tiver certeza, eles o derrotarão.

— Eles...?

— Você disse que havia uma mulher. Uma mulher que cuida da criança.

— A sra. Baylock.

O velho assentiu em reconhecimento.

— Seu nome é B'aalock. É um apóstolo do Demônio. E morrerá antes de permitir que algo aconteça com ele.

Os dois ficaram em silêncio. Lá atrás, na caverna, os passos de Jennings gradualmente começaram a se manifestar das trevas, até seu rosto surgir, perplexo.

— Milhares de esqueletos... — sussurrou ele.

— Sete mil — respondeu o velho.

— O que aconteceu?

— Megido foi o Armagedom. O fim do mundo.

Jennings se adiantou, estremecido pelo que havia visto.

— Você quer dizer que... o "Armagedom" já aconteceu?

— Ah, sim — respondeu Bugenhagen. — Como voltará a acontecer muitas vezes.

Ele apanhou os punhais e os embalou meticulosamente, entregando o pacote para Thorn. O embaixador tentou recusar, mas o velho o empurrou para ele, encarando-o com seriedade enquanto se levantava.

— Vivi muito tempo — relatou Bugenhagen numa voz trêmula. — Oro para que minha vida não tenha sido em vão.

Thorn virou-se e seguiu Jennings, mergulhando na escuridão. Caminhou em silêncio, virando-se para trás uma só vez, para ver a câmara distante. Ela desaparecera. As luzes estavam apagadas, e o local, mergulhado em trevas.

Nas ruas de Jerusalém, Thorn segurava com firmeza o pacote envolvido pelo tecido. Estava num humor taciturno, andando como um autômato, desatento ao ambiente e mantendo o olhar fixo à frente. Jennings tentara questioná-lo, mas o embaixador recusou-se a falar. Então, ao que chegavam a uma estreita calçada de uma área em construção, o fotógrafo teve de praticamente correr para acompanhá-lo, gritando mais alto do que as britadeiras, enquanto sua frustração crescia.

— Olha aqui! Só quero saber o que ele disse! Tenho direito a isso, não?

Mas Thorn seguiu diligentemente em frente, apertando o passo, como se quisesse se distanciar do companheiro.

— Thorn! Quero saber o que ele falou!

Jennings agarrou o braço de Thorn.

— Ei! Eu não sou só um espectador! Fui eu quem *encontrou* ele!

Thorn parou e encarou o colega.

— Sim, foi você, não é? Não foi você quem encontrou *tudo* isso?

— O que quer dizer?

— Você é quem tem insistido nisso tudo! É você quem tem posto essas ideias na minha cabeça...

— Espera só um pouquinho...

— Foi você quem tirou as fotografias...

— Espera aí...

— Foi você quem me trouxe aqui...

— O que tá acontecendo...?

— Eu nem sei quem você é!

Ele libertou o braço da mão de Jennings e virou-se, mas o fotógrafo tornou a segurá-lo.

— Você vai esperar um minuto e escutar o que tenho a dizer.

— Eu já escutei demais.

— Eu tô tentando te ajudar, droga...

— Pois já chega!

Thorn tremia de raiva. Eles se encararam por um período.

— E pensar que eu realmente estava *ouvindo* isso tudo. *Acreditando* nisso tudo...

— Thorn...

— Pelo que sei, aquele velho não passa de um faquir que vende facas!

— Do que você tá falando?

Thorn apertava o pacote nas mãos vacilantes.

— Isso aqui são *facas! Armas!* Ele quer que eu esfaqueie Damien! Espera que eu *assassine* o meu filho!

— Ele *não* é uma criança!

— É uma criança!

— Pelo amor de Deus! De que provas mais precisa?

— Que tipo de homem você acha que sou?

— Apenas se acalme...

— Não! — Thorn berrou. — Não vou fazer isso! Não vou tomar parte alguma nisso! Matar uma criança? Que tipo de homem acha que sou?

Numa explosão de raiva, ele virou-se e arremessou o pacote com as lâminas, que bateram contra uma parede e caíram diante de um beco. Jennings ficou congelado por um instante, mirando os olhos coléricos de Thorn.

— Talvez você não o mate — grunhiu Jennings. — Mas eu, sim!

Ele virou-se, mas Thorn o deteve.

— Jennings.

— Quê?

— Nunca mais quero ver você. Estou me desligando de toda essa história!

Premendo os lábios, Jennings foi rapidamente até o beco procurar o pacote com os punhais. O chão estava cheio de entulho e o ar reverberava com o barulho das britadeiras e de maquinário pesado. Ele avistou o pequeno pacote junto a uma lixeira, mais adiante. Apressou-se até ela e abaixou-se para apanhá-lo, sem ver que o braço de um imenso guindaste oscilava acima de sua cabeça. A máquina fez uma breve pausa e, de repente, deixou escapar um grande painel de vidro que suspendia no ar. Ele desceu cortante como uma guilhotina e atingiu Jennings logo acima do colarinho, decepando a cabeça do corpo antes de explodir em um milhão de pedacinhos.

Thorn escutou o impacto e, a seguir, os gritos, quando pedestres correram de todas as direções para o beco onde Jennings desaparecera. Ele os seguiu e abriu caminho pela multidão até onde o corpo estava. Decapitado, sangue vertendo num movimento débil, como se o coração ainda batesse. Uma mulher de pé numa varanda gritou e apontou para baixo. A cabeça estava sobre a tampa de uma lata de lixo, olhando para o céu.

Forçando-se a agir, Thorn adiantou-se rapidamente e apanhou o pacote com os punhais que estava nos escombros, próximos da mão inerte de Jennings. Com os olhos vidrados, ele saiu do beco e voltou para o hotel.

CAPÍTULO DOZE

O voo de volta para Londres havia levado oito horas. Thorn sentara-se num silêncio entorpecido; sua mente recusando-se a funcionar. Os fogos que haviam despertado pensamentos — especulação, imaginação, dúvida — estavam extintos. Não havia mais nenhum medo, dor ou confusão, apenas a ciência despropositada do que precisava ser feito.

No aeroporto de Londres, seu pacote com os punhais lhe foi devolvido por uma comissária de bordo que o tinha, de acordo com as precauções antissequestro, confiscado até o término do voo. Ela mencionou o quanto as lâminas eram belas e perguntou onde Thorn as comprara. Ele respondeu de forma monossilábica e meteu o pacote dentro da jaqueta, seguindo para o terminal quase vazio. Já passava da meia-noite e o aeroporto estava fechado; seu voo fora o último permitido a aterrissar por conta das precárias condições de visibilidade nas pistas. A cidade estava envolta pelo *fog* e até mesmo os motoristas de táxi se recusaram a levá-lo até Pereford. Voltar para Londres daquela maneira foi desorientador, sem ninguém para recebê-lo, ninguém para conduzi-lo, e a lembrança de como as coisas costumavam ser o alfinetou. Horton sempre estava a sua espera, trazendo notícias sobre o tempo; Kathy estava em casa, aguardando-o com um sorriso. Agora, enquanto esperava que uma limusine particular chegasse naquela fria noite, sentiu-se arrebatado pela solidão e arrepiado até os ossos.

Quando o carro chegou, tiveram de seguir num ritmo de lesma. A impossibilidade de ver qualquer coisa pela qual passavam gerava a sensação de não estarem se movendo. Era como se o carro estivesse meramente suspenso no espaço, o que ajudou Thorn a resistir à tentação de pensar no que o aguardava. O passado se fora, e o futuro era imprevisível.

Havia apenas um único momento, que durou uma eternidade até que Pereford finalmente pudesse ser avistada.

Ela também estava envolvida pela neblina, que girou como um turbilhão em volta do carro assim que este estacionou, deixando Thorn e sua bagagem na frente da casa. Ela estava quieta e escura. O embaixador permaneceu no lugar por um longo tempo após o carro ter saído, encarando em silêncio a casa que outrora abrigara as pessoas que amava. Não havia uma única luz acesa, nem um som, e a mente de Thorn o torturou com imagens fugidias dos eventos que no passado ocorreram ali. Ele viu Kathy no jardim, brincando com seu filho, sendo observada por Chessa aos risos. Viu o pátio repleto de pessoas e o som de gargalhadas, a entrada cheia com os choferes das limusines que pertenciam às pessoas mais importantes do Mercado Comum Europeu. Piedosas, as visões desapareceram e ele passou a sentir apenas o próprio coração batendo, a sensação do sangue correndo nas veias.

Reunindo toda a coragem, ele foi até a porta da frente e, com as mãos frias e enrijecidas, inseriu a chave. Escutou um som vindo de trás. Era algo se movimentando, como se corresse firme em sua direção, vindo das matas de Pereford. Thorn sentiu a respiração acelerar quando abriu a porta e entrou, batendo-a atrás de si. Teve a sensação de estar sendo perseguido, mas, ao olhar pela janelinha de vidro da porta fechada, não viu nada além da neblina. O pavor momentâneo nascera da fantasia. Sabia que precisava impedir que isso tornasse a ocorrer.

Trancou a porta e, por um instante, ficou na penumbra, tentando escutar os sons da casa. O aquecedor estava ligado, ressoando pelos tubos de alumínio. O grande relógio de pé soava, marcando os segundos que se passavam. Thorn atravessou devagar a sala de estar e foi até a cozinha, de onde abriu a porta para a garagem. Seus dois carros estavam estacionados um ao lado do outro, a van de Kathy e sua Mercedes. Foi até seu veículo, abriu a porta do carro e inseriu a chave no contato. O tanque estava com um quarto de combustível, o bastante para levá-lo a Londres. Deixando a porta do motorista aberta e a chave dentro, voltou para a cozinha. Ao lado da entrada, pressionou o botão que levantava automaticamente a porta da

garagem. Neblina entrou rodopiando e, por um momento, Thorn voltou a ter a sensação de que havia ouvido algo. Fechou a porta da cozinha e ficou ali parado, escutando. Não havia nada. Era sua mente que estava lhe pregando peças.

Acendendo a luz, fez uma pausa para observar ao redor. Tudo estava conforme deixara, como se o zelador tivesse se retirado para o descanso noturno e tudo estivesse bem. Havia até mesmo uma panela de barro com cereais descansando no forno, para estarem prontos pela manhã. Aquilo deixou Thorn abalado. Tudo estava tão normal, tão inconsistente com o que sabia ser a verdade.

Aproximando-se do balcão, ele tirou o pacote de dentro do casaco, dispondo o conteúdo na sua frente. Os sete punhais estavam lá, parecendo ter sido recentemente afiados, as lâminas refletindo partes do rosto dele, enquanto as examinava de cima para baixo. Viu os próprios olhos, mortos e resolutos, mas viu também uma súbita perspiração que surgira com a visão das lâminas. Sentiu uma fraqueza subir por suas pernas e tentou combatê-la, embalando novamente os punhais com as mãos trêmulas e guardando o pacote dentro do casaco.

Entrou na copa e subiu por uma escada de madeira estreita, curvando-se para não bater a cabeça na lâmpada nua que a iluminava, suspensa do teto por um fio desencapado. Era a escada usada pelos criados, e Thorn só a havia utilizado uma vez, quando brincava de esconde-esconde com Damien, então com apenas três anos de idade. Lembrou que, na ocasião, fez uma anotação mental para tomar alguma providência com relação àquele fio, temendo que seu filho um dia conseguisse alcançá-lo. Era só um dos muitos males daquela casa velha e obsoleta. Havia janelas nos andares superiores que se abriam com muita facilidade e poderiam levar a quedas diretas, e algumas sacadas não eram seguras, com grades em más condições.

Conforme Thorn subia pelas escadas estreitas, teve a sensação de estar vivendo um sonho e que, a qualquer momento, acordaria ao lado de Kathy e recontaria a fantasia terrível que se desenrolara em sua mente. Ela demonstraria preocupação e o tranquilizaria com seu toque. Então, Damien

entraria no quarto com o rosto renovado e rosado, tendo acabado de acordar.

Thorn chegou ao primeiro andar e caminhou pelo corredor escuro. A confusão que o atormentara antes da morte de Jennings voltara a varrer-lhe o corpo. Rezava para chegar ao quarto da criança e encontrá-lo vazio, e que a casa estivesse silenciosa e escura porque a mulher a tivesse levado dali. Mas pôde escutar a respiração de ambos, e seu coração pulsou de angústia e desespero. Os dois estavam lá, adormecidos, o ronco da mulher pontuado pelo expirar mais leve da criança. Thorn sempre sentira que, naquele corredor, a vida deles se interligava enquanto dormiam; a respiração deles se encontrando e fundindo na escuridão, criando uma unidade que não conheciam nos momentos de vigília. Inclinou-se contra a parede e ficou a escutar. Então, rumou rapidamente para seu próprio cômodo e acendeu a luz.

Sua cama estava feita, como se ele estivesse sendo aguardado. Foi até ela e se sentou pesadamente. Seus olhos repousaram em um retrato dele ao lado de Kathy, sobre o criado-mudo. Eles pareciam tão jovens, tão cheios de promessas. Thorn deitou-se e sentiu as lágrimas traçarem um caminho pelo canto de seus olhos. Elas surgiram sem aviso e ele se entregou a elas, em silêncio, permitindo que fluíssem. Lá embaixo, um relógio soou duas vezes e ele pôs-se de pé, indo até o banheiro. Acendeu a luz e estremeceu de horror. O banheiro de Kathy estava num estado de plena desordem; potes de maquiagem quebrados e espalhados por todos os lados, como se alguma celebração macabra tivesse ocorrido. Potinhos com creme e pó de arroz estavam esmagados no chão, batons manchavam os ladrilhos e a privada estava cheia de escovas de cabelo e frisadores, como se alguém tivesse tentado mandá-los descarga abaixo. A cena pulsava com uma fúria maligna e, embora Thorn não conseguisse compreendê-la, viu que era claramente algo direcionado a Kathy. Aquilo tinha sido feito por um adulto; os potinhos esmagados com força determinante; os riscos de batom compridos e vigorosos. Era o trabalho de um lunático. Um lunático cheio de ódio. Atordoado pela cena, o embaixador ergueu os olhos, observando seu reflexo no espelho quebrado. Viu seu rosto se embrutecer subitamente. Abaixou-se

e abriu uma gaveta. Não encontrou o que procurava, então abriu o armário e o vasculhou, até que suas mãos tocaram o que queria. Um barbeador elétrico. Thorn pressionou o botão e sentiu o pequeno objeto vibrar em suas mãos. Naquele momento, pensou ter escutado um barulho. Era um rangido no assoalho de madeira, no andar de cima. Ele ficou quieto, mal respirando, até que o barulho cessou. E não tornou a surgir.

Suor se acumulava em seu lábio superior e ele o limpou com a mão trêmula. Saiu do banheiro e ganhou o corredor às escuras. O som de respirações ainda era constante. Ele se adiantou, sentindo as tábuas de madeira rangerem sob seus pés. O quarto de Damien ficava além do da sra. Baylock e, ao passar pela porta da mulher, parou. O cômodo estava ligeiramente entreaberto, de modo que ele pôde ver o lado de dentro. Ela estava deitada de costas, com um braço pendendo para fora da cama; as unhas pintadas com uma cor vermelho berrante. O rosto também estava maquiado tal qual ele vira anteriormente, com batom e pó de arroz em excesso, mas agora ela acrescentara sombras e *blush*. Estava estática, roncando; o enorme estômago subindo e descendo, lançando sombras sobre o assoalho.

Tremendo, Thorn fechou a porta e forçou-se a seguir em frente, rumo à porta no fim do corredor. Ela também estava entreaberta. O embaixador adentrou o cômodo e a cerrou atrás de si, permanecendo imóvel a encarar o seu filho. A criança dormia, o rosto inocente e pacífico, e Thorn desviou o olhar, sem conseguir tornar a fitá-la. Sentiu os músculos se contraírem e respirou fundo; então, prosseguiu, apertando com firmeza o barbeador nas mãos. De pé ao lado do garoto, ligou o aparelho, que zumbiu alto, parecendo preencher a atmosfera do quarto. Alheia ao som, a criança dormia. O embaixador se curvou e passou delicadamente o barbeador na pele do filho. Um tufo de cabelo caiu imediatamente, deixando o homem pasmo ante a desfiguração que viu. O couro cabeludo se parecia com uma cicatriz terrível em meio àquela cabeleira vasta e preta. Ele tornou a passar o barbeador e limpou mais um caminho; os cabelos caindo sobre o travesseiro quando a criança gemeu e começou a se remexer. Ofegando em pânico, Thorn acelerou o processo e mais cabelo foi caindo, enquanto as

pálpebras do menino tremiam e ele começou a mexer a cabeça, tentando desviar-se. Estava despertando agora, ainda atordoado, e tentou levantar a cabeça. Alarmado, Thorn pressionou a cabeça de Damien contra o travesseiro. O menino, sentindo-se aterrorizado, tentou resistir, mas seu pai forçou ainda mais, gemendo de repulsa e tensão enquanto passava o barbeador, removendo cada vez mais fios. A criança agora se debatia, e a lâmina cortava tufos ao acaso. Os gritos abafados de terror foram se tornando cada vez mais agonizantes e Thorn teve de se esforçar para segurar o filho deitado. O couro cabeludo já estava quase completamente exposto. Thorn soluçava vendo o corpinho de Damien se debater, lutando para poder respirar. De repente, os olhos do embaixador se arregalaram e ele pressionou a lâmina com firmeza num ponto da parte de trás da cabeça de Damien. E lá estava. A marca de nascença. Sua textura, como uma cicatriz, cortada pelo barbeador e sangrando, mas claramente impressa contra o couro cabeludo pálido, na base do crânio. Eram números seis. Três deles, num padrão que se assemelhava a um trevo, com as extremidades curvadas se tocando no centro. Thorn recuou e a criança deu um pulo, soluçando e buscando ar, enquanto encarava o pai com terror. As pequenas mãos apalparam a cabeça nua e retornaram com sangue. Damien as fitou por um instante e gritou de medo. Então, estendeu os braços para o pai e chorou, paralisando Thorn com o medo impotente que havia naqueles olhinhos. Mesmo assim, ele não foi capaz de consolar o filho, rendendo-se aos prantos enquanto aquelas mãozinhas cheias de sangue se estendiam em sua direção, implorando por ajuda.

— Damien... — murmurou Thorn.

Naquele instante, porém, a porta atrás deles se abriu. Thorn virou-se para ver o corpanzil da sra. Baylock cruzando o ar; seus lábios vermelhos abertos num grito inumano de fúria. O embaixador tentou apanhar o menino, mas a mulher trombou com ele, derrubando-o no chão. Damien deu um berro de horror e correu para cima da cama. Thorn rolou por baixo da mulher e segurou suas mãos, que tentavam apertar seus olhos e pescoço. Ele a golpeou, mas a massa dela era demasiada para o homem. As mãos rechonchudas encontraram o pescoço do embaixador e o apertaram até que

seus olhos se esbugalhassem. Thorn empurrou desesperadamente o rosto dela, que cravou os dentes em sua mão. Um abajur rolou da mesa atrás deles e o homem o apanhou, atingindo duramente a cabeça da mulher com o objeto. Ele se despedaçou, atordoando-a. Ela estremeceu e pendeu para o lado. Thorn voltou a acertá-la com a base quebrada, sentindo o crânio ceder, enquanto sangue escorria sobre as bochechas e o queixo, brancos pela maquiagem. Mas ela continuava a segurá-lo e Thorn a atingiu uma terceira vez, antes que ela caísse para a lateral. Ele se esforçou para se levantar e recuou até a parede, ao lado de onde a criança estava; os pequenos olhinhos assistindo a tudo, horrorizados. Thorn apanhou o menino e o arrastou para a porta, ricocheteando pelas paredes do corredor até alcançar as escadas dos fundos e fechar a porta atrás de si. Damien agarrou a maçaneta, grudando-se à porta, e Thorn o arrancou com força. Eles meio desceram, meio caíram, juntos pelas escadas, e o menino arranhou seu rosto. Na metade do caminho, Damien segurou a lâmpada nua dependurada e Thorn esforçou-se para fazê-lo soltar. Súbito, os dois foram aturdidos por um choque elétrico que os fez rolar pelas escadas.

Aterrissando no chão da copa, Thorn ficou de quatro, atordoado, e tentou se pôr no prumo, encontrando seu filho ao seu lado, desacordado. Tentou erguê-lo, mas não conseguiu, e caiu para trás ao escutar o som da porta da cozinha sendo aberta. Virou-se ainda zonzo e viu a sra. Baylock adiantar-se a passos trôpegos, com a cabeça cheia de sangue. Lutou para ficar de pé, mas ela o apanhou pelo casaco e o sacudiu, enquanto ele tentava em pânico agarrar-se às gavetas, que saíram voando sob sua pegada, espalhando seu conteúdo pelo chão. Ele também foi jogado contra o assoalho e a mulher pôs-se sobre seu corpo; as mãos cheias de sangue tornando a apertar-lhe a garganta. Seu rosto estava rosado pela mistura de maquiagem e sangue, os dentes polvilhados de ambos enquanto ela rosnava, escancarando a bocarra ao máximo de sua extensão. Thorn estava indefeso, sendo sufocado, encarando aqueles olhos maníacos; o rosto da mulher se aproximando até que seus lábios se encontraram com os dele. O chão em volta deles estava repleto de utensílios que tinham caído das gavetas, e as mãos de Thorn se moveram freneticamente para baixo, encontrando um par

de garfos. Ele os segurou com firmeza, um em cada punho, e, num único e violento movimento, atacou com eles para cima, atingindo-a na cabeça e fincando-os em suas têmporas. Ela gritou e recuou. Thorn ficou de pé; a mulher avolumando-se ao seu lado, cambaleando pelo cômodo enquanto tentava em vão arrancar os apêndices enfiados em sua cabeça.

Cruzando rapidamente a copa, o embaixador apanhou o garoto semi-inconsciente e seguiu para a porta da garagem, abrindo-a e cambaleando até a porta aberta do carro. Estava quase chegando, quando um repentino rosnado ecoou às suas costas. Um borrão preto planou e abocanhou seu ombro, derrubando-o de lado, no interior do carro. Era o cão, destroçando seu braço, tentando arrancá-lo de dentro do veículo. A criança havia caído no banco do motorista, e Thorn tentou alcançar a porta com a mão boa, batendo-a no focinho do animal até que o sangue começasse a fluir e, uivando de dor, o cão soltasse a mordida. A porta fechou-se a seguir.

Dentro do carro, Thorn procurava as chaves enquanto, do lado de fora, o cão enlouquecera, subindo no capô e batendo com tanta força no para-brisa, que o vidro trincou com o impacto. Ao encontrar as chaves, tremia tanto que as derrubou no chão. Enquanto tateava desesperadamente, a criança gemia ao seu lado, ameaçando despertar, e o cão continuava a investir contra o vidro agora rachado. Encontrando as chaves, Thorn as inseriu no contato, mas, ao olhar para frente, congelou de pavor. Era a mulher, ainda viva, titubeando adiante, vinda da cozinha, usando os últimos resquícios de força para erguer dolorosamente uma marreta, à medida em que se aproximava do carro. Thorn deu a partida, mas, no instante em que o carro ligou, a marreta desceu, abrindo um buraco no para-brisa. A cabeça do cão imediatamente pronunciou-se para dentro, forçando Thorn a colar as costas no banco, enquanto a face do animal penetrava cada vez mais, os dentes mordendo o vazio e baba voando. Ele estava a poucos centímetros do homem, que meteu a mão dentro do casaco e apanhou um dos punhais. Erguendo-o acima da cabeça, enfiou-o diretamente entre os olhos do animal. A lâmina entrou até o cabo e a boca da fera se abriu para emitir um rugido de dor, mais parecido com o de um leopardo do que com o de um cachorro. A fera contorceu-se para trás, arrancando a cabeça do buraco, e

dançou sobre duas patas, tentando tirar a faca da testa. Seu grito de agonia pareceu sacudir a garagem, e Thorn engatou a ré, arrancando com o veículo. A sra. Baylock acompanhou o carro pela lateral, batendo na janela e implorando; seu rosto uma massa rosada.

— Meu bebê... — soluçou ela. — Meu bebê...

Ainda de ré, o carro acelerou, afastando-se dela, que correu para o caminho mais adiante, erguendo as mãos numa derradeira tentativa de bloquear a fuga. Thorn parou por um instante, então acelerou, jogando pedrinhas para os lados ao investir diretamente contra ela. Poderia ter desviado para evitá-la, mas não o fez. Rangendo os dentes, pisou fundo no acelerador; o rosto desesperado da mulher sendo iluminado pelos faróis quando o veículo trombou com o corpanzil, o para-choque amassando ao arremessá-la no ar. Ele seguiu até o fim do caminho, onde parou e olhou pelo retrovisor traseiro. Viu o corpo da mulher, um monte de carne sem vida, grotescamente retorcido, caído no chão. No gramado ao seu lado estava o cachorro, convulsionando silenciosamente sob a luz do luar.

Pisou novamente no acelerador e entrou na estradinha, chegando a ricochetear num muro de pedra enquanto seguia para a autoestrada. Ao seu lado, o menino continuava inconsciente. Ao chegar à autoestrada, Thorn pressionou o pedal até o fundo, indo para Londres. A alvorada se aproximava e o *fog* começava a se dissipar. O veículo cruzou a estrada vazia como um jato numa pista de decolagem. Ele praticamente voou; a linha do meio da estrada borrada sob o chassi, que a seguia acelerando cada vez mais.

No banco do passageiro, Damien voltava a si, movendo-se e começando a choramingar de dor; Thorn manteve a atenção na estrada, tentando privar-se de qualquer ciência da presença do filho.

— Ele não é humano! — gritou por entre dentes cerrados. — Ele não é humano!

E continuou a acelerar, com Damien gemendo ao seu lado, mas incapaz de recuperar os sentidos.

Thorn entrou rápido demais no trevo para Londres e perdeu o controle, derrapando e quase saindo da rampa, e o movimento atirou Damien no chão. Estavam indo para a Igreja de Todos os Santos, e Thorn já conseguia divisar suas espirais mais adiante, mas o garoto acordara por causa dos solavancos e agora o encarava com olhos inocentes.

— Não olhe para mim! — grunhiu Thorn.

— Tá doendo... — choramingou a criança.

— Não olhe para mim!

Damien obedeceu, desviando o olhar para o chão. Os pneus do carro cantaram quando dobraram uma esquina, acelerando para a igreja, mas, ao olhar para cima, Thorn viu um súbito breu no céu. Era como se a noite tivesse retornado; um manto de escuridão movendo-se com força repentina, iluminado por relâmpagos que começaram a atingir perigosamente o chão.

— Papai... — balbuciou Damien.

— Não fale!

— Eu tô passando mal...

E ele vomitou. Thorn gritou para abafar o som da dor do menino. Uma chuva brutal começou a cair e um vendaval soprava, jogando detritos contra o para-brisa. O carro estacionou diante da igreja e Thorn abriu a porta. Agarrando Damien pela gola do pijama, puxou-o pelo banco, mas o garoto começou a chutar e gritar. Suas pernas atingiram Thorn no estômago e o empurraram de costas para a rua. O embaixador se levantou, agarrou um pé e arrastou a criança para fora, mas Damien se desvencilhou da pegada e saiu correndo. O embaixador o seguiu e o apanhou pelo pijama, puxando-o na marra até a calçada. No alto, o céu explodia em trovões e um relâmpago desceu, caindo ao lado do carro. Damien deu uma guinada no pavimento molhado e tornou a libertar-se das garras de Thorn. Ele deu um salto sobre o garoto e o abraçou em volta do peito, levando-o aos chutes e gritos para a igreja.

Do outro lado da rua, uma janela se abriu e um homem gritou, mas Thorn continuou em frente sob a chuva intensa; seu rosto uma máscara de terror enquanto lutava para chegar aos enormes degraus da igreja. O vento

uivante atingiu em cheio a face de Thorn, mantendo-o no lugar, enquanto ele se inclinava para frente, lutando para vencê-lo, um centímetro após o outro. A criança se sacudiu em seus braços e mordeu seu pescoço, arrancando-lhe um grito de dor, mas o embaixador obrigou-se a continuar. Mais alto que os trovões, veio o som de uma sirene de polícia e, da janela do outro lado, a voz do homem gritava desesperadamente para que Thorn soltasse a criança. Mas ele nada escutava, chegando cada vez mais perto dos degraus, com o vento soprando à sua volta e a criança arrancando nacos de sua pele. Um dedo mergulhou em sua órbita e Thorn caiu de joelhos, apertando firme o filho conforme se aproximava da base das escadas de quatro no chão. Relâmpagos descerravam, abrindo uma trilha no asfalto na direção deles, contudo, haviam parado agora que Thorn estava nos degraus, usando cada resquício de energia para trazer a criança consigo. Mas não conseguia. Sua força vacilava, enquanto a de Damien crescia. Unhas atacaram seus olhos e joelhadas golpearam seu estômago. Thorn arfava para manter o controle. Com uma força sobre-humana, pressionou a criança contra o chão e meteu a mão dentro do casaco, apanhando o pacote com as lâminas. Com um grito de gelar o sangue, Damien o chutou da mão de Thorn e os punhais se espalharam pelas escadarias ao redor deles. Enquanto tentava manter o menino quieto, o embaixador apanhou um. A sirene de polícia atingira seu auge e parou. A criança berrou quando Thorn ergueu a lâmina acima da cabeça.

— Pare! — gritou uma voz vinda da rua, e dois policiais surgiram da chuva, um deles sacando seu revólver ao sair do carro. Thorn deu uma olhada para eles e outra para Damien. Então, com um repentino grito de fúria, mergulhou o punhal; o grito da criança soando simultaneamente ao estampido de um tiro.

Por um momento, tudo pareceu suspenso; os policiais imóveis, Thorn sentado rígido nos degraus da igreja com o corpo do menino estendido à sua frente. As portas da igreja se abriram e um padre observou a cena: um quadro além do véu de chuva que caía.

CAPÍTULO TREZE

As notícias da tragédia se espalharam rapidamente por toda Londres e, depois, foram retransmitidas pelo mundo inteiro. A história era confusa, os detalhes, conflitantes, e, durante 48 horas, os repórteres se amontoaram na sala de espera do Hospital Municipal, questionando os médicos numa tentativa de descobrir o que havia acontecido, e de que maneira. Na manhã do segundo dia, um grupo de porta-vozes do hospital encheu uma sala, esperando que as câmeras de televisão começassem a transmitir, antes de darem um depoimento. Foi um cirurgião da África do Sul, que voara do Hospital Grut Schur, na Cidade do Cabo, quem fizera o anúncio final.

— Eu gostaria de anunciar... que a morte ocorreu na manhã de hoje, às oito horas e trinta minutos. Foram feitos todos os esforços para salvar a vida do paciente, mas o dano no ferimento era irreparável.

Um gemido de lamento passou-se entre os repórteres reunidos e o médico esperou até que ele cessasse.

— Não haverá novos comunicados à imprensa. O serviço religioso será realizado na Igreja de Todos os Santos, onde o trágico incidente ocorreu... e o corpo será levado para os Estados Unidos, para ser enterrado.

Na cidade de Nova York, uma linha de limusines aguardava no Aeroporto JFK e os dois caixões foram colocados em um mesmo carro funerário, que os transportou até o cemitério por uma estrada lotada, enquanto o caminho era aberto por motociclistas. Quando chegaram, havia uma imensa multidão no cemitério; curiosos e gente querendo prestar suas últimas homenagens eram mantidos afastados pela segurança, quando uma comitiva oficial seguiu para as covas abertas. Um padre trajando uma batina branca que esvoaçava ao vento oficiou a missa sob um poste com uma

bandeira norte-americana, e caixas de bateria tocavam enquanto os caixões eram posicionados nas cordas. Um homem da manutenção testou o maquinário e baixou-os apenas um pouco, logo antes de os discursos fúnebres começarem.

— Nos reunimos hoje neste dia de pesar... — entonou o padre — ...pelas mortes precoces de dois dos nossos. Duas pessoas que levarão parte de nós consigo ao viajarem para a eternidade. Vamos chorar, não por eles, que agora hão de descansar, mas por nós mesmos, que sentiremos a sua falta. Por mais que uma vida seja curta, ela ainda é uma vida completa, e precisamos ser gratos pelo breve tempo que eles passaram conosco.

A multidão estava em silêncio. Alguns choravam, outros protegiam os olhos da luz do sol.

— Damos adeus ao filho de um grande homem... nascido na riqueza e na segurança... gozando de todo benefício terreno que um ser humano pode ter. Mas, com este exemplo, vemos que benefícios terrenos podem não ser o bastante.

Do lado de fora do cemitério, os repórteres assistiam e fotografavam com suas lentes de longa distância. Entre eles, um pequeno grupo permanecia um pouco à parte, ponderando sobre a confusão dos eventos relatados que os levara até ali.

— Coisa estranha, não?

— O que tem de estranho? Não é a primeira pessoa assassinada no meio da rua.

— E o cara que viu eles brigando nos degraus? O que chamou a polícia?

— Ele estava bêbado. Fizeram exames de álcool e drogas e o sujeito estava alto.

— Sei lá — disse um terceiro. — Me parece esquisito. O que estavam fazendo na igreja, àquela hora?

— A mulher dele tinha morrido. Vai ver tavam indo rezar.

— Que tipo de doente mata alguém nos degraus de uma igreja?

— O mundo tá cheio deles. Acredite em mim.

— Sei lá — reiterou o primeiro. — Parece que estão abafando a verdade.

— Não seria a primeira vez.

— Ou a última.

Dentro do cemitério, os dois caixões eram lentamente baixados e o padre ergueu as mãos para o céu. Dentre os reunidos, um casal mantinha-se distante dos demais, cercado por agentes à paisana. Seus olhos vasculhavam furtivamente a multidão. O homem tinha uma aparência distinta e imponente, e a mulher, com um véu preto cobrindo o rosto, segurava a mão de uma criança de quatro anos, cujo braço estava aninhado em uma tipoia.

— E, ao que encomendamos Robert e Katherine Thorn para seu descanso eterno... — afirmou o padre — ...voltamos nossos olhos para o jovem Damien, único sobrevivente do que outrora fora uma grande família, e que agora muda-se para a casa de outro. Que ele possa prosperar no amor que eles têm a oferecer e que um dia assuma o legado de seu pai, tornando-se um grande líder para a humanidade.

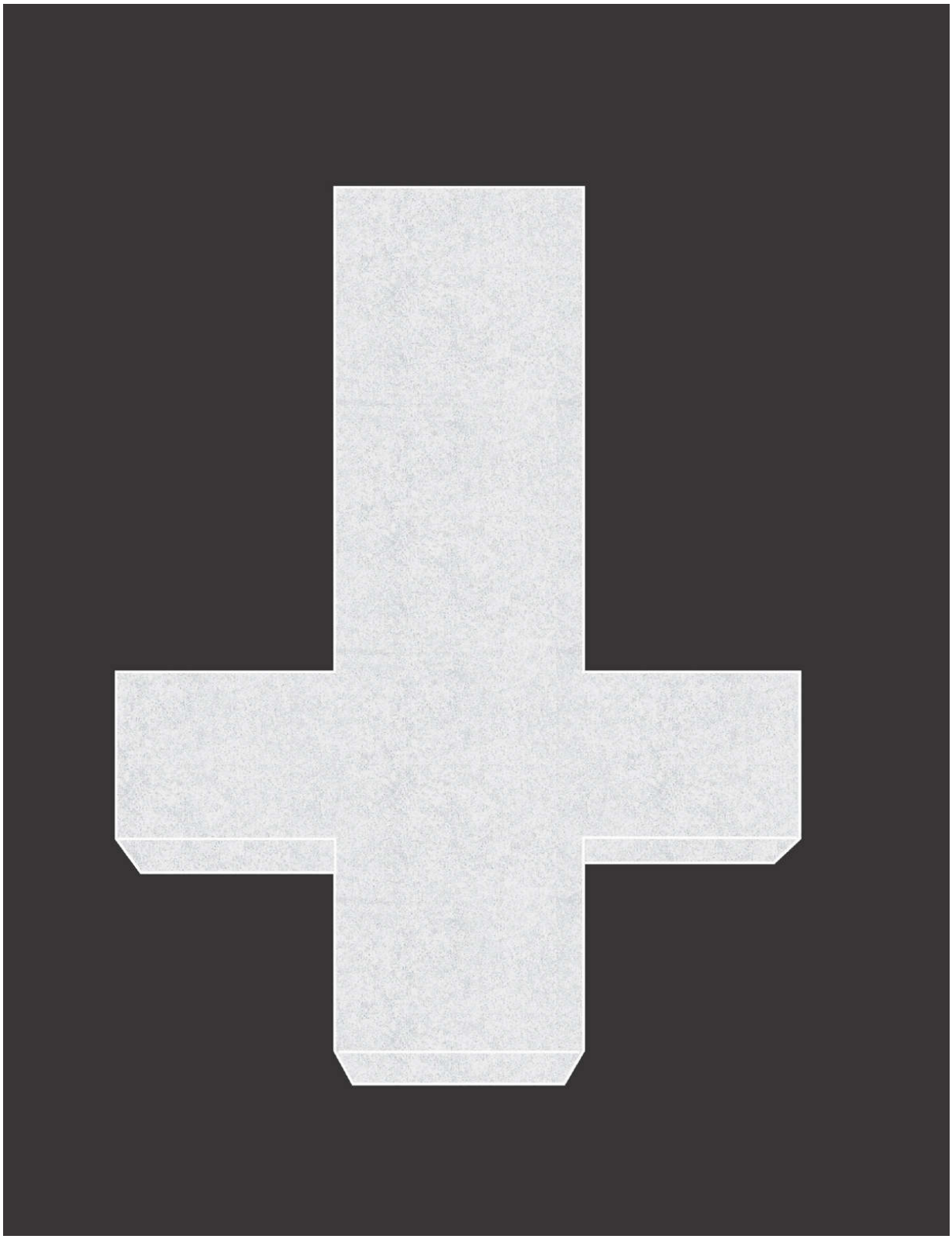
De onde estava, próximo aos túmulos, Damien observou o descer dos caixões, segurando firme a mão da mulher ao seu lado.

— Por fim, Damien Thorn... — falou o padre, com os braços erguidos para o céu — ...que Deus possa lhe conceder Sua bênção e graça... e que Cristo lhe conceda Seu amor eterno!

De um céu sem nuvens veio o distante ribombar de um trovão, e a multidão começou a se dispersar aos poucos. O casal cercado pelos agentes à paisana aguardou até que todos tivessem partido e só então aproximou-se dos túmulos. A criança ajoelhou-se ao lado deles enquanto rezavam. As pessoas viraram-se e observavam, muitos chorando abertamente. Enfim, o menino ficou de pé e, ao lado de seus novos guardiões, afastou-se lentamente. Os agentes à paisana fizeram um círculo ao redor deles e os conduziram dos túmulos até a limusine presidencial.

Quatro policiais de motocicleta escoltaram a limusine para além da linha de repórteres, que fotografaram o rosto da criança olhando para trás pela janela traseira do carro. Todas as fotografias seriam estragadas por uma

estranha mancha, uma falha na emulsão do filme, que criava uma névoa pairando sobre o carro.





POSFÁCIO PARA A EDIÇÃO BRASILEIRA

Eu nunca tinha estudado a Bíblia até começar a procurar pelas pistas.

Recebi um telefonema de um produtor de Hollywood, após ele ter visto o enorme sucesso feito por *O Exorcista,* que me pediu se eu escreveria uma história sobre o Demônio que pudesse ser levada para as telas.

"Sim, senhor!", respondi com confiança. Mas eu não tinha nenhuma.

Eu sabia que, de acordo com os teólogos, o Livro Sagrado era uma arca do tesouro de mensagens ocultas, repleto de lições sobre a vida e de metáforas que previam eventos futuros. Estava procurando pelo capítulo chamado *Como Escrever um Roteiro Bem-Sucedido Sobre o Demônio.* O que, enfim, eu consegui fazer. Mas não antes de entupir meu apartamento com todo tipo de Bíblia e descrições, do Velho Testamento à Bíblia do Rei James, versões do Oriente Médio e modernas, versões hebraicas e em grego ortodoxo. Mas, o mais importante, pilhas de textos interpretativos de escolásticos.

No fim das contas, comecei a suspeitar que o tesouro que buscava estaria escondido no capítulo final, O Livro das Revelações. O momento em que o trabalho de Deus seria desfeito pelo Diabo. O Apocalipse. Será que existiria algumindício, alguma metáfora, de como isso aconteceria e de quando seria?

Quando os israelitas voltarem a Sião. Os textos interpretativos diziam ser uma referência à formação do Estado de Israel.

Quando o Santo Império Romano se erguer... Isso foi interpretado como a formação da União Europeia. Teria o Apocalipse algo a ver com política? Foi no Velho Testamento que encontrei a chave para tudo.

A Besta se erguerá do Mar Eterno.

A “Besta” refere-se ao Anticristo, à cria de Satã. O “Mar Eterno” foi interpretado para significar “o caldo de dissidência e revolução”. Política! Eu tinha conseguido! O Anticristo, filho do Demônio, nasceria numa poderosa família política, encabeçada por um pai generoso e gentil (um como o meu ator favorito, Gregory Peck, interpretou em *O Sol é Para Todos).* Sua própria gentileza o levaria à desastrosa decisão de ser convencido, após o bebê da sua mulher ter morrido no parto, a assumir uma criança abandonada como se fosse sua.

Eu mal imaginava que não havia apenas encontrado a história, mas também o elenco de tudo aquilo. Gregory Peck, que tanto me encantara como o pai Atticus Finch, subiu a bordo do projeto para interpretar o embaixador Thorn, que em segredo adotaria o pequeno Damien e traria à história seu ingrediente mais poderoso. Um vilão inocente.

Quanto ao momento em que isso aconteceria, também encontrei a referência na Bíblia. Na primeira página do Apocalipse*: Que aquele que tenha entendimento calcule o número da Besta; porque é o número de um homem. Seu número é seiscentos e sessenta e seis.* Só o que precisava fazer era pegar esses três números e transformá-los em uma data no calendário. Sexto mês, sexto dia, sexta hora. Seis de junho, às seis horas da manhã. O momento em que o pequeno Damien nasceria.

Hoje, vejo esses três números seis impressos em camisetas, tatuados em bíceps, protagonizando letras de músicas e pichações nas paredes. Números de telefones e placas de veículos que sejam pré-atribuídos de forma aleatória com 666, são mandados para uma revisão. O medo desses números é tal que Ronald Reagan, quando era presidente, teve que mudar o triplo dígito de seu endereço em San Clement, Califórnia.

Quarenta anos após eu ter escrito *A Profecia,* pergunto-me se fui selecionado pelas forças do mal para tornar conhecido ao mundo a onipresença da Besta na Terra.

O livro e o filme terminam com o pequeno Damien no funeral dos seus pais, tendo se livrado deles, segurando a mão do Presidente dos Estados Unidos da América.

Não temos teólogos escolásticos analisando esses eventos nos dias de hoje. Mas, caso eles o fizessem, talvez reparassem no edifício que o genro do Presidente possui. 666 Fifth Avenue?

Como diziam os pôsteres do filme:

“Você Foi Avisado”.

David Seltzer

22.01.2020



"THE OMEN"

An Original Screenplay

by

David Seltzer

PRODUCER: HARVEY BERNHARD

EXECUTIVE PRODUCER: MACE NEUFELD

DIRECTOR: RICHARD DONNER

REVISED
September 8, 1975

REVISED - 9/26/75

"THE OMEN"

FADE IN

EXT. THE NIGHT SKY 1

Silent. Peaceful. The constellations SEEN clearly, quilted against blue, interwoven with the Milky Way.

From the infinite depths of the Universe, imperceptibly at first, we begin to HEAR a SOUND. It is a CHANT. Unison and resounding. Distant -- slowly growing in volume -- a thousand human voices repeating the "OHM" until it fills the atmosphere, and we begin to SENSE MOVEMENT in the STARS.

SUPER: IN WHITE, BIBLICAL SCRIPTURE:

"Let He who hath understanding
Reckon the number of the Beast;
For it is a human number;
Its number is Six Hundred and Sixty-Six"

SUPER FADES: And the chant begins to rise in volume, the constellations begin to shudder, as a new STAR slowly forms in their midst.

SUPER: IN WHITE, BIBLICAL SCRIPTURE:

-- CHAPTER TWELVE
VERSE TWENTY-EIGHT --

SUPER FADES: As the chant increases in volume, and the star takes sudden shape; fire at its center, a halo of black surrounded by white.

SUPER: OPENING TITLE:

REVELATIONS

As MUSIC THUNDERS to a CRESCENDO: the STAR BURNING WITH GREAT INTENSITY...

CUT TO:

EXT./INT. ROME - NIGHT A-1

A limousine drives through city (8 shot montage).

OUT 2

CUT TO:

INT. UNDERGROUND RUINS - NIGHT A-2

The empty set reverberates to the growing sound of OHM.

INT. BUGENHAGEN WORKROOM - NIGHT 3

An elderly man weeping, clutching two crosses to his chest as he silently cries.

CUT TO:

EXT. THE SKY 4

as the chant still rises in intensity; the celestial ember glowing brighter into a white heat; light-spikes reaching out in all directions.

CUT TO:

INT. HOSPITAL - ROME - NIGHT 5

CLOSE ANGLE on the pain-racked face of a woman in labor: gasping, perspiration dripping into her eyes, her mouth stretching open into a cry of pain.

CUT TO:

BIG CLOSEUP - BIRTH OF BABY (STOCK SHOT) A-5

EXT. HOSPITAL - ROME - NIGHT 6

A distinctive statue is outside the entrance. A limousine pulling up fast; a man bounding from it toward the hospital.

CUT TO:

INT. HOSPITAL - ROME - CLOSE ON ROBERT THORN - NIGHT 7

moving fast through the empty, echoing, green-tiled atmosphere. He is American, forty-two years old, impeccably dressed and graying at the temples -- looking every inch what he should: a man destined for political greatness.

THORN'S P.O.V. 8

A double door with wire-mesh portholes BEARING DOWN ON US; SWINGING OPEN.

CUT TO:

INT. RECEPTION AREA - SAME 9

as THORN ENTERS; his echoing footsteps suddenly halting as he is confronted by a PRIEST.

THORN
(hushed)
I was abroad. I came as soon as I could.

ANGLE ON THE PRIEST, FATHER SPILETTO 10

An enormous man, hooded in the way of Benedictine monks -- his eyes filled with despair.

THORN
(apprehensive)
Is...the child born?

SPILETTO
Yes.

THORN
(hesitant)
...My wife?

SPILETTO
She is resting.

ANGLE ON THORN 11

studying the Priest's face.

Cont.

11 Cont.

THORN
(fearful)
...Something's wrong...

SPILETTO
The child is dead.

ANGLE ON THORN 12

taking it like a body blow; stunned for a moment, then sagging against the wall.

SPILETTO
It breathed but a moment...then breathed no more.

In the far distance we again begin to HEAR THE "OHM": resonant, as though vibrating through the long hospital corridors. The chant continuing as we:

CUT TO:

INT. HOSPITAL - LATER 13

An anteroom: green-tiled and empty, save for a hard-backed chair: Thorn seated, grief-stricken; his head in his hands. Spiletto stands near -- feeling Thorn's grief.

THORN
(almost to himself)
...It'll kill her...my God...
she wanted it so much.

SPILETTO
You could adopt...

THORN
She wanted her own. She needed her own.

CLOSE ON THORN A-13

as he lifts his eyes; gazing helplessly at the Priest.

THORN
(anguished)
There were two...twice...she miscarried. She wanted more than anything...to bear her own child.

ANGLE ON THE PRIEST 14

feeling his pain.

THORN
(to Spiletto -- hesitating)
Emotionally she...I'm afraid of what this will do to her.

SPILETTO
You love her very much.

THORN
(choking on it)
...Yes.

SPILETTO
Then you must accept God's plan.

ANGLE ON THORN A-14

his eyes searching.

THORN
(not hearing -- almost to himself)
What can I tell her? What can I say?

ANGLE ON THE PRIEST 15

unanswering -- as the door opens, a NUN entering, whispering quietly to him.

ANGLE ON THORN 16

watching them as their conversation ceases: both turning toward him; looking into his eyes. The SOUND of the "OHM" jumps sharply in volume, and we:

CUT TO:

INT. HOSPITAL CORRIDOR - LATER 17

Thorn and the Priest standing by a glass partition, gazing down at an infant. The SOUND of the "OHM" becoming still more intense in our ears.

ANGLE ON THE INFANT 18

Beautiful in every way; thick black hair and eyebrows accentuating the deep blue of its eyes.

ANGLE ON THORN 19

somewhat stunned; studying the child in every detail.

SPILETTO
...If I may suggest...it even resembles...

CLOSE ANGLE ON THORN A-19

as he observes the child -- searches him -- but says nothing.

SPILETTO
The Signora need never know.

CLOSE ANGLE ON THORN 20

studying the child.

SPILETTO
I am in full authority here... There will be no records...no one could know...He's quite beautiful and...I knew the family well -- healthy in every way.

ANGLE ON THE INFANT A-20

seeming to turn its eyes to Thorn.

THORN
...Are there relatives?

ANGLE ON THE PRIEST 21

watching him carefully.

SPILETTO
None. The mother died, Signor... as your own child...in the same hour...

ANGLE ON THE INFANT 22

its arms stretching spasmodically toward Thorn.

OUT 23

ANGLE ON THE PRIEST A-23

watching, as Thorn turns to him, his eyes filled with distress.

Cont.



CERTA NOITE, num hospital em Roma, o embaixador norte-americano Robert Thorn toma a decisão de trocar seu filho natimorto por um órfão recém-nascido. Apenas Thorn e o padre que cuida da adoção não oficial sabem do fato, que não é do conhecimento nem mesmo de Kathy, mãe do bebê morto. O órfão, um menino lindo e perfeito em todos os sentidos, é batizado de Damien. Quatro anos depois, na Inglaterra, uma série de incidentes trágicos e misteriosos faz com que Thorn comece a suspeitar de que seu filho é algo mais do que aparenta... e suas investigações colocarão em risco o próprio destino do mundo.

A obra-prima do escritor David Seltzer, que deu origem ao filme homônimo estrelado por Gregory Peck *(O Sol é Para Todos)* e dirigido por Richard Donner *(Superman – O Filme)*, é trazida de volta ao Brasil após décadas fora de catálogo.

pipocaenanquim

PIPOCA & NANQUIM